

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO  
(MESTRADO)

GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA  
DIDÁTICA COM O ARTIGO DE OPINIÃO

Fernanda Isabela Oliveira Freitas

SUPRA OMNES LUX LUCES

Campina Grande, janeiro de 2007

Fernanda Isabela Oliveira Freitas

GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO MÉDIO: UMA  
PROPOSTA DIDÁTICA COM O ARTIGO DE OPINIÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (Mestrado), no Centro de Humanidades, na Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, na área de concentração “Ensino-aprendizagem de língua e literatura”.

Orientador: Prof. Dr. Edmilson Luiz Rafael

Janeiro de 2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

F866g

2007 Freitas, Fernanda Isabela Oliveira

Gêneros textuais no ensino médio: uma proposta didática com o artigo de opinião / Fernanda Isabela Oliveira Freitas.- Campina Grande, 2007.

127f.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Edmilson Luiz Rafael.

1. Gênero textual. 2. Sequência didática. 3. Argumentação. 4. Artigo de opinião. I. Título.

CDU- 81'232

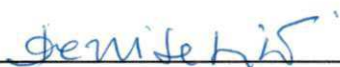
## FOLHA DE APROVAÇÃO



---

Prof. Dr. Edmilson Luiz Rafael – UFCG

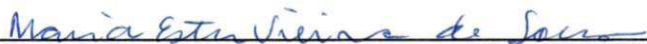
Orientador



---

Profª. Drª. Denise Lino de Araújo – UFCG

Examinadora



---

Profª. Drª. Maria Ester Vieira de Sousa – UFPB

Examinadora



Aos meus pais, Fernando e Fátima, que de uma maneira particular sempre demonstraram orgulho pelos meus estudos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força espiritual e por me conduzir em todos os momentos de minha vida..

À minha família, que é o pilar em que sustento toda a minha vida. Aos meus pais, pelas suas expressões de afeto e amor. Às minhas avós, Almerinda e Maria Cícera (*in memoriam*), as maiores responsáveis pelo despertar, ainda criança, de minha paixão pela leitura. Aos meus irmãos Fabiana, Fernando, Eduardo e Bruno pelo apoio e admiração. Aos meus tio(a)s e primo(a)s, sempre torcendo pelas minhas conquistas.

Ao meu namorado Roberto, pelo incentivo aos meus estudos e pela parceria carinhosa durante essa jornada.

Ao professor Edmilson, pelos grandes ensinamentos e pela maestria com que orientou este trabalho.

Às professoras Denise Lino, pelas sugestões apresentadas no exame de qualificação, e Ester Vieira, pelas atuais contribuições apontadas na defesa da dissertação.

Aos colegas do Mestrado, pelas horas de desafio, reflexão e entretenimento.

Aos professores e funcionários da Unidade Acadêmica de Letras, pelo apoio incondicional, em especial, aos professores da Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (Mestrado), pelo compromisso com o saber e com a qualidade de ensino.

A todos que compõem o corpo docente e discente da Escola de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, pela participação direta ou indireta na condução desta pesquisa.

Aos meus amigo(a)s Antonio Guedes, Gleyciane, Isabella e Iomana pelas palavras encorajadoras.

A esses e a todos os que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho... Muito obrigada.

## LISTA DE QUADROS

|               |     |
|---------------|-----|
| QUADRO 1..... | 24  |
| QUADRO 2..... | 105 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| RESUMO.....  | 10 |
| RÉSUMÉ.....  | 11 |
| INTRODUÇÃO.....  | 12 |
| CAPÍTULO 1 .....   | 16 |
| 1. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....   | 16 |
| 1.1 Natureza da pesquisa.....  | 16 |
| 1.2 Contexto de investigação da pesquisa.....  | 18 |
| 1.2.1 O ambiente da pesquisa.....  | 18 |
| 1.2.2 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....                                       | 20 |
| 1.3 Uma proposta pedagógica com o gênero artigo de opinião numa seqüência didática.....  | 22 |
| 1,4 A seqüência didática: constituindo o corpus.....                                     | 25 |
| 1.5 Procedimentos de coleta e análise dos dados.....                                     | 30 |
| CAPÍTULO 2.....  | 34 |
| 2. O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO ESCRITA E OS GÊNEROS TEXTUAIS.....                           | 34 |
| 2.1 A argumentação tratada sob diferentes enfoques.....                                  | 34 |
| 2.2 As perspectivas teóricas nos estudos de gênero.....                                  | 40 |
| 2.2.1 O tratamento dos gêneros na perspectiva dialógica de Bakthin.....                  | 40 |
| 2.2.2 Os estudos interacionistas sócio-discursivos de gêneros de textos de Bronckart.... | 44 |
| 2.3 O ensino da argumentação escrita: o caso do artigo de opinião.....                   | 48 |

|   |     |
|---|-----|
| CAPÍTULO 3 .....  | 61  |
| 3. A CONSTRUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO EM SITUAÇÃO ESCOLAR.....                                 | 61  |
| 3.1 A seqüência tipológica argumentativa no artigo de opinião escolar.....                    | 61  |
| 3.2 Os tipos de argumentos construídos pelos alunos-autores.....                              | 89  |
| 3.3 A articulação coesiva através dos operadores argumentativos.....                          | 96  |
| 3.4 Discussão dos resultados da intervenção: revisitando dificuldades e<br>aprendizados ..... | 108 |
| <br>  |     |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 116 |
| <br>  |     |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....   | 120 |
| <br>  |     |
| ANEXO A.....  | 124 |
| ANEXO B.....  | 125 |
| ANEXO B1.....   | 126 |
| ANEXO B2.....   | 127 |
| ANEXO B3.....   | 128 |
| ANEXO B4.....   | 129 |
| ANEXO B5.....   | 130 |
| ANEXO B6.....   | 131 |
| ANEXO B7.....   | 132 |
| ANEXO C.....  | 133 |
| ANEXO D.....  | 134 |
| ANEXO E.....  | 135 |
| ANEXO F.....  | 136 |
| ANEXO G.....  | 137 |

## RESUMO

Nesta pesquisa, tratamos de investigar uma experiência em sala de aula com gêneros textuais. A necessidade de ampliar a discussão sobre propostas didáticas para o ensino dos gêneros textuais argumentativos determinou a opção pelo tema em estudo. Para isso, tomamos por base teorias como Lingüística de texto e Interacionismo sócio-discursivo que definem gêneros textuais como realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas. Nesta perspectiva, enfocamos o gênero artigo de opinião como objeto de ensino, numa seqüência didática desenvolvida com alunos do 2º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública. O objetivo norteador foi o de verificar quais são os efeitos alcançados quanto ao atendimento das características do referido gênero. Para tanto, aplicamos em sala de aula em estudo acerca do artigo de opinião, incluindo desde a etapa de escolha da temática até a sua produção. O nosso *corpus* é composto de sessenta e nove artigos de opinião, produzidos em situação escolar, levamos em consideração três tipos de alunos: os que obtiveram a melhor média na atividade escrita, os que atingiram um desempenho mediano e os que conseguiriam uma média menor na atividade de produção do artigo de opinião, resultando na publicação de dois artigos de opinião em dois jornais da cidade. Para a análise dos dados, tomamos por base a presença da seqüência tipológica argumentativa nos artigos de opinião, os tipos de argumentos construídos e articulação coesiva através dos operadores argumentativos nas produções escritas pelos alunos. Os resultados, de uma forma geral apontaram para as seguintes constatações: os artigos de opinião produzidos pelos alunos apresentaram a seqüência tipológica argumentativa, os tipos de argumentos construídos foram os de autoridade, os do senso comum e os baseados em provas concretas e através das atividades de reescritura os alunos-autores apresentaram uma progressão na utilização dos operadores argumentativos. Nesse sentido, os dados confirmam que o ensino do gênero artigo de opinião através da seqüência didática é um instrumento metodológico eficaz no aprimoramento da capacidade de argumentar e fazer uso da língua em diversas situações comunicativas. Assim, acreditamos que os resultados aqui encontrados fornecerão subsídios para a formação contínua de professores, implementando ações pedagógicas futuras.

Palavras-chaves: gênero textual – artigo de opinião – argumentação - seqüência didática.

## RÉSUMÉ

Dans cette recherche, nous envisageons une expérience d'étude en salle de classe avec des genres textuels. Le choix du thème de l'étude a été déterminé par le besoin d'étendre la discussion sur les propositions didactiques pour l'enseignement des genres textuels argumentatifs. Dans cette perspective, nous nous sommes appuyées sur des théories telles que la Linguistique de texte et l'Intéractionisme socio-discursif définissant des genres textuels en tant que des réalisations linguistiques concrètes définies par des propriétés socio-communicatives. Dans ce sens, nous avons choisi le genre article d'opinion comme objet d'enseignement, dans une séquence didactique développée auprès d'élèves de la 2<sup>ème</sup> année de l'Enseignement Moyen d'une école publique. Notre but était de vérifier les résultats obtenus par rapport à l'emploi des caractéristiques de ce genre. Ainsi, nous avons appliqué auprès des élèves une étude à propos de l'article d'opinion y compris l'étape du choix thématique jusqu'à sa production. Notre *corpus* est donc composé de soixante neuf articles d'opinion, produits en situation scolaire, en tenant compte trois types d'élèves: ceux qui ont obtenu la meilleure moyenne dans l'activité écrite, ceux qui écrivent moyennement et ceux qui ont obtenu la moindre moyenne dans l'activité de production écrite de l'article d'opinion. Comme résultat de ce travail, nous avons publié deux articles d'opinion dans deux journaux de notre ville. Pour l'analyse des données, nous nous sommes basées sur la présence de la séquence typologique argumentative dans ces articles, sur les types d'arguments construits et aussi sur l'articulation cohésive à travers les opérateurs argumentatifs dans les productions des élèves. En générale, les résultats montrent que les articles d'opinion écrits par les élèves ont présenté la séquence typologique argumentative, que ces élèves ont utilisé les arguments d'autorité, ceux du sens commun, ainsi que les arguments basés sur des preuves concrètes. À travers les activités de re-écriture, les élèves-auteurs ont présenté une progression en ce qui concerne l'utilisation des opérateurs argumentatifs. Dans ce sens, les données confirment que l'enseignement du genre article d'opinion à travers la séquence didactique c'est un outil méthodologique efficace pour le perfectionnement de la capacité d'argumenter et d'employer la langue dans différentes situations communicatives. À notre avis, dans l'avenir les résultats trouvés donneront des subsides pour la formation continue de professeurs, par rapport à leurs actions pédagogiques.

Mots-clés: genre textuel – article d'opinion – argumentation – séquence didactique.



## INTRODUÇÃO

Os usos da escrita exigem cada vez mais que o indivíduo esteja apto a produzir os mais variados gêneros textuais, o que confirma a necessidade que todos nós temos de dominar a escrita não apenas no nível do código, mas também numa dimensão mais ampla que abrange a habilidade de saber articular o material escrito de acordo com a situação discursiva em que nos encontramos, utilizando, para isso, de estratégias específicas que refletem diretamente a nossa competência textual e discursiva.

A escola, instituição responsável pela formação de cidadãos capazes de desenvolver muitas das habilidades necessárias ao convívio numa sociedade letrada e, acima de tudo, competitiva, deve ter como objetivo propiciar aos alunos o acesso aos conhecimentos lingüísticos para uma atuação efetiva na vida social. No entanto, o ensino/aprendizagem da produção de textos demonstra uma grande distância das práticas cotidianas de uso da escrita. Como afirma Signorini (2001, p. 114), a escrita dos alunos tende a ser percebida como desvinculada de uma situação real de comunicação social, sendo caracterizada como um objeto autônomo em relação às práticas de produção de linguagem que lhe são familiares.

Por essa razão, acreditamos ser de fundamental importância que a escola trabalhe com estratégias de produção de gêneros que circulam nas comunidades discursivas, preparando o aluno para atuar em processos interlocutivos reais que tornam o sujeito consciente do para quê aprender a produzir textos e qual a real dimensão desse aprendizado na vida cotidiana e profissional de cada um.

Nesse sentido, espera-se uma proposta de ensino da escrita centrada nos usos da língua, por meio de gêneros textuais, que incentive os alunos a refletirem acerca da leitura e da escrita. Os gêneros textuais são reconhecidos como um importante recurso

para dinamizar e (por que não) renovar práticas escolares tão desgastadas, contribuindo para que os alunos e professores percebam que o ensino/ aprendizado deve estar totalmente vinculado às práticas sociais dos usuários da linguagem.

Ao pensarmos nessa realidade, propusemo-nos, nesta dissertação, focalizar o ensino de língua através de gêneros textuais, em especial, o artigo de opinião, por acreditarmos que o trabalho com textos argumentativos é vital, já que a formação para a cidadania, defendida hoje pelas novas propostas pedagógicas, sobretudo pelos PCN's, implica em indivíduos que saibam posicionar-se criticamente nas mais diversas situações comunicativas.

Nesta perspectiva, o ponto norteador da pesquisa foi saber, ao longo de uma seqüência didática aplicada numa sala de aula de 2º ano do Ensino Médio, qual o desempenho dos alunos na produção do gênero artigo de opinião. Para isso, o presente estudo procurou responder às seguintes questões:

- Os alunos utilizaram a seqüência tipológica argumentativa na produção de artigos de opinião?
- Quais os tipos de argumentos construídos e os operadores argumentativos empregados pelos alunos na produção de artigos de opinião?
- Qual o resultado de ações didáticas implementadas no intuito de aperfeiçoar o uso desses elementos nas produções dos alunos ao se adotar a perspectiva teórica dos gêneros textuais?

Para responder a essas questões, este estudo tem como objetivo geral analisar uma proposta de intervenção didática de ensino de língua materna, utilizando o gênero textual artigo de opinião com alunos de Ensino Médio, em uma escola pública. Este objetivo norteia outros dois específicos:

- a) Verificar o desenvolvimento dos alunos quanto ao atendimento das características do gênero solicitado;
- b) Apontar as implicações desta experiência para o ensino de língua.

A dissertação está organizada em três capítulos que constituem os aspectos metodológicos da pesquisa e as vertentes teóricas sobre o ensino da argumentação escrita e os gêneros textuais e análise dos artigos de opinião produzidos pelos alunos-autores.

No primeiro capítulo, apresentaremos a linha de pesquisa utilizada neste estudo, a pesquisa-ação, também conhecida como intervenção. Em seguida, descreveremos o contexto da pesquisa, caracterizando a escola e os sujeitos envolvidos, bem como relataremos a proposta metodológica de ensino desenvolvida em sala de aula e os procedimentos de coleta de dados.

No segundo capítulo, abordaremos a teoria adotada nesta pesquisa sobre a argumentação e os gêneros textuais. Inicialmente, numa breve explanação, discorreremos sobre a argumentação vista sob dois enfoques: o da nova retórica e o da lingüística. Posteriormente, trataremos dos gêneros textuais e o ensino da argumentação escrita, especificamente o artigo de opinião, considerando as contribuições de Bakhtin ([1979] 1992), Bronckart (1999) Dolz e Schneuwly (1997, 2004) Bräkling (2000); Rodrigues (2000) Souza (2002) Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Marcuschi (2001, 2002, 2005).

No terceiro capítulo, desenvolveremos a análise, tomando por base a seqüência didática aplicada com o gênero artigo de opinião. Para isso, as produções dos alunos serão analisadas, observando a presença da seqüência tipológica argumentativa, os tipos de argumentos construídos pelos alunos-autores e a articulação coesiva através dos operadores argumentativos.

Por fim, faremos as considerações finais, avaliando e discutindo o desempenho dos alunos-autores no que se refere à presença da seqüência tipológica argumentativa,

os tipos de argumentos construídos pelos alunos-autores e a articulação coesiva através dos operadores argumentativos e as implicações deste estudo para o ensino de língua, seguidas de referências bibliográficas e anexos.

## 1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, descreveremos o percurso metodológico da pesquisa, caracterizando o tipo de pesquisa, o contexto no qual ela se realizou, os participantes, as etapas de pesquisa, as ações didáticas realizadas e os procedimentos de coleta de dados.

### 1.1 Natureza da pesquisa

O presente estudo objetivou a aplicação de uma proposta de ensino/aprendizagem do gênero artigo de opinião, enfatizando os mecanismos lingüísticos de argumentação através de uma seqüência didática. Esta seqüência foi previamente discutida com os alunos, visto que atuamos em sala de aula como professora-pesquisadora da disciplina Língua Portuguesa, com uma proposta de ensino a ser concretizada.

Em razão disso, acreditamos que nossa investigação constituiu-se numa pesquisa-ação, também denominada de pesquisa intervenção, que, segundo André (2002), é um tipo de pesquisa qualitativa que se caracteriza fundamentalmente pelo trabalho em conjunto entre pesquisador e grupo pesquisado, cujas funções são planejadas e executadas em parceria.

A autora acrescenta ainda que a pesquisa-ação, linha de investigação provavelmente criada por Kurt Lewin (apud André, op.cit., p. 215), é concebida diferentemente a depender da corrente de estudo, como australiana, inglesa, francesa, espanhola, portuguesa e norte-americana. Dentre essas correntes, o nosso estudo apresenta traços da corrente inglesa, quando estabelece uma série de ações que são planejadas e executadas pelos participantes, sendo, depois, sistematicamente submetidas à observação, reflexão e mudança.

A pesquisa-ação tem como principal característica a modificação em espirais da reflexão e da ação, buscando, num mesmo instante, conhecer, atuar e alterar um contexto concreto, a partir dos estudos sobre a experiência observada, estando mais propenso para mudar uma situação do que apenas interpretá-la. Em vista disso, o papel do pesquisador não será de um observador passivo que procura entender os grupos considerados, nem o papel destes será o de serem entendidos pelo pesquisador.

Nessa situação, o pesquisador é o mediador do processo de desenvolvimento da reflexão dos pesquisados sobre suas ações. Desse modo, entendemos que o crescimento profissional se dá através do conhecimento reflexivo, por parte do professor-pesquisador sobre sua própria prática. Isto implica, nesse modelo de pesquisa, saber trabalhar o envolvimento e a subjetividade, mantendo o necessário distanciamento que requer o trabalho científico. Além disso, o distanciamento não é sinônimo de neutralidade, mas preserva o rigor dos critérios de observação e análise dos dados.

Atuando como professora da disciplina Língua Portuguesa, enfrentamos este desafio de vencer o subjetivismo, pois nosso envolvimento com o grupo era anterior ao momento da pesquisa, já que acompanhávamos o trabalho da professora - titular nessa turma desde o segundo semestre, do ano letivo de 2004, apenas como observadora, tentando uma aproximação com os alunos.

Diante do quadro descritivo exposto, consideramos a adequação e relevância da pesquisa-ação para a realização desse estudo. A partir do momento em que, como a professora-pesquisadora, desenvolve uma seqüência de ações e intervenções nas atividades de leitura, escrita e reescritura dos alunos-participantes, exercendo o papel de sujeito participativo e investigativo que interferiu no planejamento e/ou das ações ocorridas dentro da sala de aula, conforme apresentado no tópico a seguir.

## 1.2 Contexto de investigação da pesquisa

Desenvolvemos nossa pesquisa numa escola da rede pública, situada na cidade de Campina Grande-PB, pois acreditamos que neste ambiente os professores se sentem mais livres para experimentar suas práticas educacionais. Para tanto, julgamos necessário apresentar uma rápida caracterização da escola e dos sujeitos envolvidos.

### 1.2.1 O ambiente da pesquisa

O ambiente escolar onde desenvolvemos nossa pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Assis Chateaubriand”, que funciona, em Campina Grande, há 29 (vinte nove) anos, oferecendo à comunidade o ensino fundamental e médio. A escolha por essa instituição pública de ensino e por uma turma do 2º ano pode ser justificada pelo fato da professora titular da disciplina ter facilitado o acesso e disponibilizado 4 horas/aula semanais, que foram destinadas à atuação da professora-pesquisadora. Além disso, acreditamos que esses alunos já tinham uma experiência maior com a produção de textos escolares, adquirida nas séries do Ensino Fundamental.

A escola tinha, no ano de 2005, 1.800 (mil e oitocentos) alunos, matriculados nos turnos da manhã, tarde e noite, distribuídos em vinte e oito turmas da 5ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Funciona em prédio próprio e dispõe de 15 salas-de-aula, que, recentemente, foram reformadas. Essas salas tinham capacidade para comportar no máximo 50 alunos, mas, por determinação da direção da escola, as turmas deveriam comportar apenas 45 alunos.

É importante destacar que os alunos matriculados na escola são provenientes de bairros periféricos, circunvizinhos à escola. Outros são de sítios próximos de Campina Grande e de cidades próximas, como Massaranduba, Serra Redonda, entre outras.

Esses alunos se deslocam diariamente de suas cidades para a escola em ônibus escolar disponibilizados pelas prefeituras dessas cidades.

Quanto à infra-estrutura, a escola é composta de salas de aula convencionais e de uma biblioteca, que possui um bom acervo de livros, recentemente adquiridos com os recursos financeiros do Projeto Alvorada<sup>1</sup>. No entanto, essa escola carecia de um ginásio de esportes para o funcionamento das atividades de Educação Física (que eram ministradas em salas de aula) e que serviria como um lugar de lazer para os alunos, bem como um local para a realização de festas de âmbito social e eventos escolares.

A escola apresentava uma carência de material didático, especialmente para os alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio que não dispunham de livros didáticos, contando apenas com a presença do professor, o quadro de giz, uma televisão e um vídeo que eram compartilhados por todos os professores. Estes conseguiam recursos próprios para a confecção de material de apoio para as aulas ministradas, como por exemplo, para a realização dessa pesquisa, precisamos confeccionar todo o material utilizado nas aulas ministradas e fazer cópias para distribuir com os alunos.

Alguns dos professores não tinham o curso de licenciatura completo, muitos estavam concluindo a pós-graduação *strico sensu* e outros a iniciando, apesar de ministrarem aulas nos três turnos.

As reuniões pedagógicas eram realizadas mensalmente, sem a presença da maioria dos professores, que alegavam falta de tempo para se reunirem. Também não havia reuniões periódicas de áreas ou entre coordenação e professores para o planejamento e avaliação bimestral ou semestral. Na verdade, os professores elaboravam seu próprio planejamento didático-pedagógico, às vezes, dissociado dos conteúdos das séries anteriores, o que se refletia na aprendizagem dos alunos que percebiam e reclamavam muito a falta de uma seqüência.

---

<sup>1</sup> Projeto criado pelo Governo do Estado da Paraíba que destina recursos financeiros para as escolas públicas do Estado para a compra de material didático e reformas prediais.



Essa postura pedagógica demonstrou a não preocupação com a formação continuada dos professores, o que significou para nós um espaço favorável para a realização do trabalho e disseminação da prática de ensino através de seqüências didáticas. Estávamos, sem dúvida, trazendo algo novo para ser estudado na escola e, posteriormente, ser socializado com todos os professores.

Por fim, queremos salientar que, com relação às atividades pedagógico-culturais, a escola só promovia uma amostra pedagógica, realizada no segundo semestre, que, segundo conversas informais com os alunos, não acontecia há mais de dois anos devido à falta de envolvimento dos alunos com as atividades da escola. Isto refletiu, inicialmente, numa certa resistência por parte de alguns alunos, que se recusavam a participar da pesquisa.

#### 1.2.2 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Anteriormente, informamos aspectos da escola onde foi realizada a pesquisa. Nesse momento, apresentaremos uma caracterização dos alunos do 2º ano do Ensino Médio, do turno vespertino, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Assis Chateaubriand”.

Com a finalidade de conhecermos um pouco mais a respeito da realidade sócio-educacional dos alunos que participaram desta pesquisa, aplicamos um questionário, composto de treze perguntas subjetivas, sobre aspectos como: dados pessoais, práticas de leitura e escrita escolar e não-escolar, sugestões para as aulas de Língua Portuguesa, entre outros (ver anexo A).

Com base nas respostas dos alunos, traçamos o seguinte perfil: uma turma constituída de 23 alunos, sendo: 13 mulheres e 10 homens, com faixa etária variando entre 15 e 22 anos, 21 moravam na zona urbana e 2 na zona rural, e dois alunos

exerciam atividade remunerada. Com relação às práticas de leitura escolar e não escolar, 18 alunos disseram ler frequentemente revistas com notícias da TV, informativas e esportivas, livros, bíblia e jornais, e 4 alunos afirmaram que liam apenas o material escolar para o cumprimento das atividades. Ressalte-se que esses alunos não dispunham de livros didáticos.

Quanto aos livros lidos, 5 alunos citaram: *Senhor dos anéis*, *Primeiro beijo*, *Odisséia*, *A moreninha* e *Aids e agora?* Sem fazer referência aos autores das obras, 16 não lembraram dos títulos dos livros lidos e 2 alunos afirmaram nunca terem lido um livro. Quanto aos interesses pessoais, a maioria dos alunos praticava esportes e gostavam de gêneros musicais como: rock, pagode, forró e música eletrônica. Na disciplina Língua Portuguesa, afirmaram que tinham preferência pelos conteúdos de gramática.

Dentre as várias informações apresentadas pelos alunos nesse questionário, um importante dado a ser destacado diz respeito aos aspectos que envolvem a produção escrita. Nas questões acerca desse tópico, os alunos salientaram ter muitas dificuldades no momento de escrever por não conseguir organizar as idéias no texto, como se pôde confirmar quando os alunos afirmaram *que nós possamos trabalhar, juntos e treinar a redação, porque eu não sei como é que se escreve realmente uma redação*. Esse problema pode ser justificado pela falta de uma prática mais freqüente da produção textual em processos interlocutivos reais que tornam o aluno consciente do para quê aprender a produzir textos e qual a real dimensão desse aprendizado na vida cotidiana e profissional de cada um.

Associado a isso, um outro fator que contribuiu para esse quadro, provavelmente, foi a ausência de uma prática de reescritura de textos durante o Ensino Fundamental. Em conversas informais com os alunos, estes afirmaram que vieram a reescrever textos apenas no 1º ano do Ensino Médio, quando a professora apresentava comentários sobre as produções realizadas em sala.

Diante dessa prática de escrita com finalidades primordialmente escolares, vimos a necessidade de focalizar e comentar a visão desses alunos com relação à escrita não escolar, informação dada por eles na penúltima pergunta do questionário (Em que momentos de sua vida fora da escola você precisa usar a escrita não escolar, aquela que não é praticada na escola?). Os alunos responderam que usam a escrita para preencher formulários, redigir cartas pessoais, curriculum e bilhetes e em entrevistas de emprego.

Para finalizarmos as indagações do questionário, solicitamos sugestões dos alunos para as aulas de Língua Portuguesa. Eles sugeriram: aulas dinâmicas, assuntos debatidos com toda a sala, abordagem dos conteúdos do vestibular, prática de redação e a inexistência de prova.

A partir do questionário, notamos que a função da escrita, abordada pelos sujeitos da pesquisa, parece um reflexo de uma prática de escrita deturpada, decorrente de uma escola que provavelmente ainda trabalha a escrita com propósitos estritamente avaliativos e não comunicativos. Fato este percebido pelos alunos que separam a escrita em escolar e a não-escolar.

### 1.3 Uma proposta pedagógica com o gênero artigo de opinião numa seqüência didática

A argumentação se fundamenta em fatos e valores pessoais, mas esse estudo aparece tardiamente na escola. Esta visão educacional é motivada pela crença de que a argumentação se desenvolve naturalmente e por uma condição de maturação. Nesse sentido, é relevante o ensino de língua portuguesa através de seqüências didáticas planejadas, que possam monitorar o aluno na aquisição do conhecimento sobre os gêneros argumentativos e os mecanismos lingüísticos argumentativos que o envolvem.

Para isso, o trabalho com textos de caráter argumentativo com alunos se faz necessário, especialmente **o artigo de opinião**, pois são os argumentos que parametrizam as regras de comportamento dos sujeitos que compõem um grupo social, e que determinam o exercício de cidadania, nas diversas situações que requerem posicionamento.

De acordo com Rosenblat (2000, p. 198), a dificuldade dos alunos em argumentar reside na ficcionalidade das situações criadas artificialmente para o exercício da produção de textos orais e escritos, o qual não aguça a capacidade argumentativa dos alunos, já que não se sentem motivados para a realização destas tarefas. Compartilhando com essa preocupação, que recupera a noção de gêneros textuais em sala-de-aula, norteamos o planejamento das aulas levando em consideração a possibilidade de atender aos interesses dos sujeitos da pesquisa e de produzir textos em situações reais de interlocução já que os artigos de opinião redigidos pelos alunos seriam publicados em jornais da cidade.

Nesse sentido, apresentamos uma proposta de uma seqüência didática, organizada nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que a definem como um conjunto de atividades que se organizam em torno de um gênero com o objetivo de que os alunos dele se apropriem por meio do desenvolvimento de capacidades de linguagem específicas, guiando, assim, as intervenções do professor e apresentando para os alunos o objeto do conhecimento. Os modelos didáticos dos gêneros apresentam um papel central para as seqüências didáticas.

Essas seqüências didáticas devem partir de uma produção inicial, em que os alunos tentam elaborar um primeiro texto do gênero escolhido, de forma a revelar as representações que têm dessa atividade. No entanto, essa produção inicial não foi solicitada, visto que sabíamos das dificuldades da turma que acompanhávamos desde o mês de outubro de 2004. Em seguida, foi realizada a discussão de um projeto coletivo de

produção de um gênero escrito, posto como um problema de comunicação a ser resolvido, seguida de uma apresentação dos aspectos estruturais deste gênero. A seqüência é finalizada por uma produção escrita, que dá ao aluno a oportunidade de praticar as noções e instrumentos trabalhados durante os módulos e permite ao professor uma avaliação do processo.

Orientados por essa visão, a seguir descrevemos os procedimentos adotados na seqüência didática. Inicialmente, apresentamos as atividades desenvolvidas com o gênero artigo de opinião que foram estruturadas, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1 – Descrição da Seqüência didática

| GÊNERO ESTUDADO   | ATIVIDADES DESENVOLVIDAS   |
|-------------------|--|
| Artigo de opinião | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leitura e discussão de textos pertencentes aos gêneros crônica, reportagens, entrevistas, editorial e artigos de opinião acerca do tema profissionalização dos jovens no Brasil.</li> <li>▪ Caracterização do artigo de opinião: função comunicativa, elementos estruturais, uso social;</li> <li>▪ Estudo da seqüência tipológica argumentativa, os tipos de argumentos utilizados no artigo de opinião e a articulação coesiva através dos operadores argumentativos e sua importância na orientação argumentativa dos enunciados e na construção do sentido do texto;</li> <li>▪ Retomada das discussões sobre profissionalização dos jovens no Brasil e revisão das características do artigo de opinião dando realce à importância da</li> </ul> |

|  |  |
|--|--|
|  | <p>seqüência tipológica argumentativa, dos tipos de argumentos utilizados no artigo de opinião e da articulação coesiva através dos operadores argumentativos para a construção do artigo de opinião;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Produção de um artigo de opinião a partir do tema discutido profissionalização dos jovens no Brasil;</li> <li>▪ Reelaboração de alguns artigos de opinião produzidos;</li> <li>▪ Publicação no jornal “Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba” de dois artigos de opinião produzido por dois alunos-autores.</li> </ul> |
|--|--|

#### 1.4 A seqüência didática: constituindo o corpus

A condução do trabalho inicial de coleta dos dados, em novembro de 2004, foi precedida de discussões com a professora-titular sobre como seria realizada a proposta, a fim de contextualizar e esclarecer os objetivos e o procedimento metodológico da pesquisa, seguida de observações da rotina do trabalho em sala de aula. Era necessário conhecer a dinâmica das aulas, o comportamento dos alunos, a escola, enfim traçar o perfil do grupo com o qual iríamos trabalhar.

Esse momento de observação das aulas ministradas pela professora-titular foi fundamental para interagirmos mais de perto com os alunos em situações de ensino e criar um clima favorável ao trabalho que seria proposto. Além disso, esse contato inicial foi importante para descobrir e fomentar interesses dos sujeitos da pesquisa.

Após este período preparatório, realizamos a primeira etapa da pesquisa que compreendeu os meses de março a agosto de 2005, perfazendo um total de 76 horas/aula que foram destinadas à atuação em sala de aula.

Numa primeira etapa, promovemos o contato com os gêneros crônica, reportagem, entrevista, editorial e artigo de opinião, a fim de verificarmos o conhecimento prévio dos alunos sobre os gêneros selecionados. Depois dessa sondagem, discutimos em grupo esse material, a partir de algumas questões levantadas pelos alunos, que observaram as particularidades de cada gênero, posteriormente elaboramos questionamentos acerca das diferenças e semelhanças existentes entre eles.

Após a leitura e discussão dos textos, os alunos escolheram entre diversos temas, tais como: gravidez na adolescência, drogas entre os jovens brasileiros, a profissionalização dos jovens no Brasil, aborto e adolescência, a educação no Brasil, a tecnologia e a sociedade, entre outros. É importante destacar que, durante as discussões para a seleção do tema, percebemos que os alunos demonstravam estar bastante motivados e interessados em eleger o tema a profissionalização dos jovens no Brasil.

Por sugestão dos alunos, ficou definido que iríamos trabalhar artigos de opinião que abordassem **a profissionalização dos jovens no Brasil** associado à política de cotas para alunos da rede pública.

A partir dessa etapa, iniciamos o estudo do gênero artigo de opinião fazendo um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito desse gênero e transcrevemos, no quadro de giz, as respostas dadas por eles. Em seguida, realizamos a leitura do artigo de opinião *Fazer o que se gosta*, de Stephen Kanitz, publicada na revista *Veja*, em 24 de janeiro de 2005 (ver anexo B2), que tratava da relevância da escolha de uma profissão pelo jovem, que devia ser realizada através da afinidade.

Inicialmente, discutimos com os alunos o título do artigo de opinião a partir do levantamento de hipóteses sobre a temática abordada no texto, confirmada após a leitura. Em seguida, os comentários dos alunos priorizaram os aspectos formais desse

gênero, quando afirmavam que o artigo de opinião se iniciava com a identificação do tema em questão, contextualizado, e seguia com uma tomada de posição em que se apresentavam os diferentes argumentos de forma a justificar a tese, e finalizava reafirmando a posição adotada no início do texto. A marca efetiva deste gênero é a pertinência dos argumentos expostos, bem como as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor.

Para exposição da teoria, trabalhamos o artigo de opinião supracitado, procurando identificar as características do gênero. Para isso, apresentamos um roteiro escrito, contendo algumas características do gênero artigo de opinião, tomando por base Faria & Zancheta (2002). Em seguida, comparamos as informações inicialmente apresentadas pelos alunos com a teoria apresentada.

Além desse texto, trabalhamos outros gêneros textuais, como a crônica *É duro ser jovem*, de Walcyr Carrasco, publicada na Revista Veja, em 29 de setembro de 1999, a entrevista *A escolha do futuro com Eliane Arbex*, publicada no Jornal Radical em 1999, os artigos de opinião que contemplavam a temática escolhida pelos alunos, como *A eterna missão jovem: transformar utopia em realidade*, de Petry Silveira, publicado no Jornal Folha de São Paulo, em 15 de Maio de 2005, *Todo texto manifesta uma opinião*, de José Arbex Júnior, *Um novo José Josias de Souza*, de Alex Lerner, publicado em 4 de Outubro de 1999, *Sem apoio a aluno, reserva de vaga na universidade pode fracassar*, de Fábio Takahashi, publicado na Folha On Line, em 24 de Junho de 2005; *Políticas de cotas: da paixão à desigualdade e das estratégias de embrutecimento*, de Lemuel Guerra, Publicado em Idéias e debates, em 15 de Abril de 2005.

Esses artigos foram lidos e debatidos em sala de aula. Em seguida, analisávamos os aspectos estruturais do artigo de opinião, enquanto gênero, que, segundo Marcuschi (2005), não tem superestruturas canônicas, apresentam antes de tudo, formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um



modo de atuação sócio-discursiva numa cultura e não simplesmente modo de produção textual.

Por essa razão, trabalhamos o artigo *Um novo José Josias de Souza*, de Alex Lerner (ver anexo B7), que apresentava uma estrutura completamente distinta do estilo padrão do artigo de opinião por ter sido escrito em forma de poema. Os alunos ficaram intrigados com a forma como esse artigo foi redigido. No entanto, conseguiram entendê-lo e comprovaram que era realmente um artigo de opinião, já que apresentava uma tese, argumentos, entre outras características desse gênero.

Ademais, apresentamos as características do artigo de opinião, tais como, argumentos e contra-argumentos, tipos de argumentos, seleção de argumentos e a relevância da informatividade, tendo como base os artigos de opinião apresentados anteriormente.

Depois dessa etapa de teoria e leitura do gênero, solicitamos como primeira produção dos alunos um artigo de opinião em que defendessem seu posicionamento a respeito do tema a profissionalização dos jovens no Brasil (ver anexo D). Para isso, discutimos todos os textos lidos em sala de aula e os alunos se posicionaram oralmente. A professora-pesquisadora apresentou alguns esclarecimentos sobre a estrutura do texto e solicitou aos alunos que considerassem a situação comunicativa do gênero, ou seja: a) o tipo de suporte onde o artigo de opinião seria publicado; b) o público-leitor pressupostos (os assinantes do jornal e seus eventuais leitores) e c) o objetivo comunicativo visado – apresentar um posicionamento a respeito da profissionalização dos jovens no Brasil, dirimindo todas as dúvidas dos alunos, que realizaram essa tarefa em casa.

A partir de uma análise acerca dos aspectos lingüísticos dessa produção, percebemos que a maioria dos alunos apresentava problemas macro e micro-estruturais que comprometiam a sua compreensão. Alguns reclamaram bastante da dificuldade em produzir um texto e reescrevê-lo e pensavam em desistir da atividade, e só após a insistência da professora, estes alunos realizaram a atividade proposta. Por essa razão, planejamos incluir na seqüência didática aulas de análise lingüística, mais precisamente

de pontuação, acentuação gráfica, orações subordinadas e coordenadas, concordância nominal e verbal, mecanismos lingüístico-discursivos de argumentação, regência verbal e nominal e a crase.

Para tanto, inicialmente, relembramos as definições e funções desses conteúdos, segundo a gramática normativa. Aplicamos exercícios a partir dos gêneros trabalhados em sala de aula, para discutirmos o uso desses conteúdos gramaticais. Em virtude de os alunos demonstrarem dificuldades para desempenhar a reescritura do texto, selecionamos três textos produzidos pelos alunos-autores. Em seguida, apresentamo-los à turma e solicitamos que esses textos fossem reescritos conjuntamente, sendo eliminadas todas as inadequações (regência verbal e nominal, concordância verbal e nominal, pontuação e coesão textual).

Num segundo momento de trabalho com o artigo de opinião, escolhemos produções que apresentavam problemas referentes às características do artigo de opinião (seqüência tipológica argumentativa, os tipos de argumentos e o emprego dos operadores argumentativos) que comprometiam a compreensão do texto. Depois pedimos que os alunos os identificassem, em um dos artigos produzidos por eles, propondo reformulação. Essa atividade foi realizada em grupo e apresentada para a turma. Em seguida, realizamos uma atividade individual em que os alunos foram levados a revisar os textos no sentido de adequá-los melhor ao contexto de comunicação visado e à forma de organização textual do gênero. Nesse sentido, a atividade de reescritura dos artigos de opinião esteve direcionada para a revisão dos seguintes aspectos: uso da linguagem próxima ao registro formal; falta de articulação entre tese, argumentos, conclusão, dificuldades de lidar com os operadores argumentativos e problemas relacionados à norma lingüística escrita.

A partir dessa etapa, percebemos que os alunos estavam mais motivados e ansiosos para ver seus artigos de opinião publicados. Alguns alunos afirmaram que o artigo de opinião produzido tinha sido o seu primeiro texto, pois durante sua vida escolar apenas copiava os textos de revistas ou livros.

Finalmente, os alunos reescreveram a versão final do artigo de opinião, em sala de aula, por sugestão deles acharam conveniente reescrever os textos com o auxílio da professora-pesquisadora já que esses textos seriam publicados nos jornais da cidade. Após a reescritura e revisão final dos artigos de opinião, foram organizados para entregá-los aos editores-chefes do Jornal da Paraíba e do Correio da Paraíba: coube aos alunos-autores e à professora-pesquisadora selecionarem dois textos para serem publicados em cada veículo de comunicação, mediante o parecer favorável dos editores-chefes dos jornais citados.

Desse modo, selecionamos duas produções que foram publicadas no Jornal da Paraíba e no Correio da Paraíba (ver anexo G). As demais produções seriam divulgadas na Semana Pedagógica da escola, que não ocorreu, devido à escola não ter inserido no calendário de eventos.

É evidente que antes do término das atividades semestrais, transformamos todo o trabalho com a seqüência didática em avaliação escolar, ou seja, notas referentes às atividades do I e II bimestres. Nesse sentido, procuramos considerar todo o trabalho envolvido, desde a presença em sala de aula às versões do artigo de opinião. No resultado final, a maioria dos alunos teve nota superior à média, ficando apenas dois alunos para a avaliação final que consistiu de uma atividade de reescritura de um artigo de opinião produzido por um dos alunos da turma.

### 1.5 Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta de dados deste estudo, uma pesquisa-ação, foi realizada durante o período compreendido entre novembro de 2004 a agosto de 2005, meses referentes ao final do quarto bimestre de 2004 até o início do terceiro bimestre do ano de 2005. Os encontros aconteciam duas vezes por semana, nas aulas da disciplina Língua Portuguesa, conforme calendário escolar, dos referidos anos.

Dada a relevância da pesquisa-ação no caso desse trabalho, utilizamo-nos de instrumentos de várias naturezas para a coleta dos dados, tais como dados escritos: as anotações de campo e os artigos de opinião produzidos pelos alunos-autores e os dados orais: as gravações em áudio de algumas aulas ministradas pela professora-pesquisadora (ver anexo E) e as entrevistas com os jornalistas (ver anexo F). Os dados escritos (Artigos de opinião produzidos pelos alunos-autores) foram o foco principal da análise. Estes instrumentos e os procedimentos adotados constituíram a base para a coleta de dados, conforme descritos a seguir.

No final do ano de 2004, antes de iniciar a pesquisa, com o intuito de conhecer um pouco os alunos-autores, observamos algumas aulas ministradas pela professora-titular a fim de conhecermos melhor os sujeitos da pesquisa, ampliando sua interação com os alunos-autores, conseguindo compreender e registrar atitudes e reflexões dos alunos sobre os conteúdos ministrados.

Desde a etapa inicial da nossa investigação até a avaliação da seqüência didática sobre as atividades de leitura e escrita desenvolvidas com o gênero *artigo de opinião* em sala de aula, realizamos anotações de campo sobre o desempenho dos alunos-autores. Com essas anotações de campo, pretendíamos identificar em que medida nossa proposta com uma seqüência didática, baseada no conhecimento e na prática de uso de um gênero textual, sinalizava uma (re)construção na experiência dos alunos em relação ao ensino de língua escrita na escola.

O corpus escolhido para análise é formado por 9 (nove) produções escritas por três alunos em situação escolar, os quais serão identificadas na análise, respectivamente, por exemplos 1, 1(a) 1(b), 3, 3(a), 3(b) e 6, 6(a), 6(b). É válido destacar que esses artigos de opinião foram produzidos individualmente, após estudo teórico e prático com o gênero em análise.

Como se vê nas atividades que compõem a seqüência didática (quadro 1), o estudo do gênero artigo de opinião obedeceu a um ciclo comum, que ia da aquisição de

informações sobre a temática até a produção e/ou reelaboração do gênero. Consideramos importante esclarecer que estas atividades não foram analisadas em separado. Embora elas perpassem os gêneros estudados, não se constituem, para nós, em pontos de análise, já que nosso olhar estava voltado para as produções dos alunos-autores como indicativo de construção e apropriação do gênero ensinado.

Além desses dados, contamos também com a gravação em áudio de algumas aulas ministradas pela professora-pesquisadora. A gravação, além de reproduzir a participação dos alunos nas discussões sobre o gênero artigo de opinião, permite uma análise mais detalhada dos dados através da transcrição, da revisitação dos dados e o visionamento da situação num todo, facilitando o trabalho do pesquisador que, às vezes, fica impedido de fazer anotações. A fala espontânea é um importante recurso no uso desse instrumento, pois apresenta depoimentos, possibilita as interações entre os participantes, aceita e recusa alguma opinião em confronto.

Nesta pesquisa, as gravações em áudio foram realizadas durante o estudo das características do artigo de opinião e as discussões sobre os textos que abordavam a temática da profissionalização dos jovens no Brasil trabalhados em sala de aula.

Outro instrumento do qual fizemos uso foi a entrevista com dois editores-chefes de dois jornais da cidade: Jornal da Paraíba e Correio da Paraíba, que teve o intuito de esclarecer ou complementar algumas informações sobre como se configura o artigo de opinião no contexto jornalístico e os critérios de publicação no jornal já que essa escolha não dependia apenas da avaliação da professora-pesquisadora, pois necessitava do parecer do editor-chefe para que fosse publicado o artigo de opinião no jornal. O uso deste instrumento proporcionou depoimentos espontâneos sobre a defesa da utilização de uma estrutura rígida na produção desse gênero jornalístico, que não devia ser desrespeitado.

A transcrição dessas aulas e da entrevista foi centrada no modelo simplificado, proposto por Marcuschi (1986), ou seja:

- ▶ pausa curta /;
- ▶ pausa longa //;
- ▶ alongamento da vogal::;
- ▶ fragmento incompreensível XXXX;
- ▶ trecho de releitura “ ”;
- ▶ comentários da professora-pesquisadora (( ));
- ▶ ênfase ou acento forte LETRAS MAISCÚLAS;
- ▶ falas simultâneas [[:
- ▶ sobreposições de vozes [;

Os interlocutores estão representados pelas seguintes abreviações:

- ▶ professora-pesquisadora P;
- ▶ alunos A1, A2, A3 etc;
- ▶ entrevistados E1 e E2
- ▶ toda a turma T

De posse desse corpus e de acordo com os objetivos da investigação, partimos para a análise observando as seguintes categorias: a presença da seqüência tipológica argumentativa, os tipos de argumentos construídos pelos alunos-autores e a articulação coesiva através dos operadores argumentativos em nove produções escritas por três alunos, participantes da nossa pesquisa.

No próximo capítulo, apresentaremos os referenciais teóricos que fundamentam esta dissertação. São estudos desenvolvidos sobre o ensino da argumentação escrita, especificamente o artigo de opinião e as perspectivas teóricas sobre os gêneros textuais, pautadas no interacionismo sócio-discursivo e nas contribuições de Marcuschi (2001, 2002 e 2005).

## 2 O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO ESCRITA E OS GÊNEROS TEXTUAIS

Neste capítulo, pretendemos apresentar postulados teóricos sobre o ensino da argumentação escrita através de gêneros textuais, especificamente o artigo de opinião. Sendo assim, inicialmente, faremos uma sucinta explanação sobre argumentação vista sob dois enfoques: o da nova retórica e o da lingüística. Em seguida, apresentaremos postulados teóricos sobre o ensino da argumentação escrita através do artigo de opinião, com base no Interacionismo sócio-discursivo (Bakhtin ([1979] 1992 e 1995 Bronckart, 1999, Dolz e Schneuwly 1997, 2004, Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004), nas contribuições de Marcuschi (2001, 2002 e 2005) e nas noções acerca do gênero jornalístico artigo de opinião, fundamentadas, principalmente, em Bräkling (2000); Rodrigues (2000) e Souza (2002).

### 2.1 A argumentação tratada sob diferentes enfoques

O caráter interativo que atribuímos à linguagem pressupõe um movimento argumentativo, gerado pela necessidade que o homem tem de compartilhar suas idéias, de defender suas opiniões.

Os estudos lingüísticos contemporâneos sobre argumentação devem tributo especial a Perelman & Olbrechts-Tyteca (1999), cuja obra “Tratado da argumentação: a nova retórica” propõe um novo paradigma filosófico, analisando a argumentação do ponto de vista da linguagem falada e escrita, embora a ênfase seja dada aos textos escritos.

Para Perelman & Tyteca (1999), a argumentação é um ato persuasivo, já que tenta investigar a força argumentativa dos enunciados com o objetivo de

conseguir a adesão do auditório, ou seja, busca-se provocar ou aumentar a adesão dos interlocutores às teses apresentadas. Na concepção desses autores, argumentar é agir tentando modificar um estado de coisas preexistentes.

Nesse sentido, toda argumentação pressupõe um orador, produtor de um discurso (oral ou escrito); um auditório formado por aqueles à quem visa a argumentação; e uma finalidade, que seria a adesão a uma tese ou o crescimento da intensidade da adesão, que deve induzir à ação ou desencadeá-la imediatamente.

A abordagem teórica sobre a noção de auditório, proveniente da retórica antiga, assume grande importância neste novo modelo de estudo da argumentação, que sugere a seguinte classificação de auditório: a) auditório universal – aquele constituído por toda a humanidade; b) auditório particular – aquele formado no diálogo, pelo interlocutor ou interlocutores a quem se dirige e c) auditório individual – formado pelo próprio sujeito, quando delibera as razões dos seus atos. Nesta perspectiva, podemos dizer que é a relação entre orador e auditório que constitui o sentido da argumentação.

Interpretando a questão da concepção de auditório vista sob a ótica da heterogeneidade, Koch (2002, p.20) afirma que um auditório universal se relaciona ao **ato de convencer**<sup>2</sup>, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, é a busca pela razão, de caráter puramente demonstrativo e atemporal. De outro lado, está o **ato de persuadir** que se dirige ao auditório particular através de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, buscando atingir a vontade e o sentimento do(s) interlocutor(es): o primeiro contém em si um movimento que conduz a certeza, direcionada para um auditório universal, ao passo que o segundo busca **adesão** aos argumentos apresentados, implicando,

---

<sup>2</sup> Grifo no original



necessariamente, num processo de construção de inferências por parte do auditório, voltada para um auditório particular.

Nesse sentido, a argumentação é a base da persuasão, é sua sustentação. Podemos ver a argumentação como uma estrutura criada de forma deliberada e que pressupõe o uso de estratégias lingüísticas. Por isso, o produtor de um texto argumentativo deve expor ao leitor uma determinada posição ou mesmo levantar elementos para uma possível análise ou reflexão. A ação do orador sempre tende a mudar algo, a transformar o ouvinte, pois “mesmo quando visa a fortalecer a ordem social estabelecida, ela abala a quietude daquele a quem se dirige e de quem quer sustentar as crenças ameaçadas”. (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1999, p. 371).

A grande contribuição de Perelman & Olbrechts-Tyteca (op. cit.) foi dar início a uma nova discussão sobre argumentação, como produto da interação social, portanto, oriunda de processos lingüísticos e cognitivos.

Outra abordagem teórica de grande repercussão é a da semântica argumentativa que tem como principal representante Oswald Ducrot. Este autor define a argumentação como ato lingüístico fundamental, um elemento estruturante do discurso. A semântica argumentativa postula uma pragmática integrada à descrição lingüística, em que o semântico, o sintático e o pragmático se encontram interligados. Assim, a argumentatividade se inscreve no nível fundamental da língua (Koch, 2003, p.21). Ducrot (apud Guimarães 2002, p.185) explicita essa idéia na seguinte afirmação:

*A argumentação pode estar diretamente determinada pela frase, e não simplesmente pelo fato do enunciado da frase veicular. Neste caso, dir-se-á que a argumentação está na língua”, nas “frases”, que as próprias frases são argumentativas.*

Esta é a tese fundamental de Ducrot e, através dela, a argumentação passa a ter características eminentemente lingüísticas. Trata-se da argumentação dentro da língua, desempenhando um papel central na linguagem, tornando-se parte intrínseca dela. Comungando com o pensamento de Ducrot, Koch (2002, p.17) compreende que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois **a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria subjetividade, sendo o uso da linguagem inerentemente argumentativo.

Koch (2003) ressalta a argumentação como um componente básico que estrutura o texto. A autora entende que por ser produzida por um sujeito e dirigir-se a sujeitos, a argumentação é constitutivamente uma atividade interacional, já que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos atos. Por isso, o jogo argumentativo da linguagem só tem existência na interação, ou seja, é pela interação com os outros que somos conhecidos e conhecemos os outros, nos constituindo como sujeitos do nosso dizer. A interação é, portanto, fonte de constituição da própria linguagem.

Também, baseando-se em Ducrot, ao abordar a orientação argumentativa do enunciado, Guimarães (2002, p.187) considera que esta responde pelo modo de construção da progressão textual. Para esse autor, “a continuidade do texto é impedida de constituir-se numa direção oposta à da orientação argumentativa que se dá nos recortes enunciativos”. Desse modo, a orientação argumentativa é responsável pela organização textual, constituindo a coesão e a coerência do texto. Ademais, Guimarães (2002, p.78) considera a argumentação uma relação de linguagem, uma relação de significação, ou seja, um argumento é um enunciado que, ao ser dito, por sua significação, leva a uma conclusão (uma outra significação). Mais especificamente, argumentar é dar uma atividade ao dizer.

Além dos autores citados, cujas abordagens atêm-se aos aspectos enunciativos da argumentação, passaremos agora a uma breve apresentação de alguns outros que partem de um enfoque sócio-discursivo com apoio de uma teoria dos gêneros discursivos.

Para Dolz (apud Souza, 2002, p.71), o texto argumentativo “é aquele em que o argumentador expõe seu ponto de vista e, ao fazer isso, elabora justificações em favor de uma posição definida”. Segundo Souza (2002), a argumentação está presente a todo instante nas mais diversas instituições sociais, quer seja na oralidade ou na escrita, daí sua crença em que a criança é capaz de produzir textos argumentativos desde cedo.

Esse estudo de Souza (2002) tem servido de suporte para diversos trabalhos produzidos sobre argumentação no Brasil, que advogam a entrada do ensino do texto argumentativo, desde as séries iniciais. De acordo com este enfoque, a aprendizagem da argumentação implica acionar a escola através de ações didáticas, que possam monitorar o aluno na aquisição do conhecimento sobre os textos argumentativos e as operações que os envolvem.

Uma alternativa teórica para subsidiar os estudos da argumentação pode ser encontrado em Bronckart (1999) que a considera uma atividade interacional que pressupõe um movimento discursivo de emissão e troca de opiniões. Este autor propõe uma seqüência que traduz em quatro fases uma construção argumentativa, é o que ele chama de semiotização do raciocínio argumentativo em um segmento de texto:

- fase de premissas (ou dados), constituída de uma informação ou constatação inicial;
- fase de apresentação de argumentos, isto é, de elementos que orientem para uma conclusão provável;

- fase de apresentação de contra-argumentos, que operam uma restrição em relação à orientação argumentativa e que podem ser apoiados ou refutados por lugares comuns e
- fase de conclusão (ou de nova tese), que integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

Nesse contexto, as práticas argumentativas implicam dimensões cognitivas e lingüísticas da ação comunicativa e, por seu caráter interacional, se constituem num instrumento de construção coletiva. Assim, os falantes ou os produtores do texto escrito constroem juntos o texto e seus sentidos. Esta visão interativa do texto tem importância fundamental nos movimentos argumentativos produzidos em sala de aula e na forma como eles serão estruturados pelos alunos no texto escrito.

Em vista disso, faz-se necessário revermos o ensino de gêneros argumentativos para além da artificialidade comumente expressa na dissertação, como um tipo de texto canônico na sala de aula. Entretanto, Guedes (2003, p. 163) inseriu a dissertação como um gênero textual pertencente ao domínio escolar, com o objetivo de desenvolver a competência comunicativa do indivíduo, visto que é um gênero de texto muito comum nas produções textuais escolares, nos exames de vestibulares e nos concursos públicos.

Na produção do gênero dissertação, a autora evidencia a predominância da situação de ação internalizada pelo agente-produtor, em virtude desse agente, ao produzi-lo, emitir o seu ponto de vista sobre determinado tema, estabelecendo relações entre as impressões sociais internalizadas, demonstrando maturidade intelectual ao se posicionar sobre o tema proposto.

Em vista disso, é imprescindível proporcionar aos alunos vez e voz, deixando-os quebrar as amarras que reprimem sua subjetividade nos textos dissertativos e observar as produções escritas dos alunos-autores que se enquadram no gênero artigo de opinião.

Dando continuidade a este capítulo teórico, a seguir, trataremos da relação entre as teorias sobre gêneros textuais e o ensino da argumentação escrita, tendo como objeto o gênero artigo de opinião.

## 2.2 As perspectivas teóricas nos estudos de gênero

As noções teóricas apresentadas por Bakhtin ([1979]1992, 1995) e Bronckart (1999) são de grande importância para o nosso estudo, pois as idéias fundamentais deles se relacionam, visto que parte dos trabalhos de Bronckart tem inspiração na teoria sócio-interacionista de Bakhtin, que adotou uma abordagem geral da linguagem verbal para o fenômeno dos mecanismos da interação verbal. Entendemos, portanto, que as discussões apresentadas por esses autores atendem ao foco de nossa investigação, aqui relatada.

### 2.2.1 O tratamento dos gêneros na perspectiva dialógica de Bakhtin

Os estudos sobre gêneros textuais vêm despertando bastante interesse entre os estudiosos da língua. Atualmente, os gêneros passam a ser reconhecidos como um importante recurso para dinamizar e (por que não) renovar práticas escolares tão desgastadas, contribuindo para que alunos e professores percebam que o ensino/aprendizado deve estar totalmente vinculado às práticas sociais dos usuários da linguagem.

Nesse sentido, um dos grandes contributos dos estudos sobre a questão do gênero, é, sem dúvida, a obra de Mikhail Bakhtin em que a identidade dos gêneros está relacionada às práticas comunicativas. Há uma retomada da concepção dinâmica

interacional do discurso ao tratar do seu processo de produção e recepção. Esse autor tem sido citado na maior parte dos trabalhos científicos, que abordam os gêneros, porque, além do aspecto da interlocução, considera as condições sócio-históricas que determinam a produção da linguagem.

De acordo com Bakhtin (1995, p.127), a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos interlocutores. Assim, a concepção de linguagem bakhtiniana pressupõe um processo que se dá coletivamente, no qual sujeitos de uma determinada sociedade ou grupo social se relacionam, historicamente, através da interação verbal, entendida como uma atividade verbal, ação lingüística inter-individual com uma finalidade definida.

Dados os critérios para a busca de uma teoria que explicita os enunciados de que se compõe uma língua, Bakhtin ([1979] 1992, p. 279) reforça a dificuldade de se construir uma teoria adequada que identifique os gêneros:

*A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.*

Enfatizar o aspecto dialógico da linguagem, deixando de lado aspectos internos da língua e da forma lingüística, referir-se ao enunciado como o centro do que os interlocutores produzem e relacionar a frase como dependente de um contexto significativo são ações que permitem a realização dos gêneros dentro de uma estrutura social. Desta maneira, os enunciados só significam algo quando inseridos em diálogo, através de uma língua, com interesse interativo inerente à comunicação.

Essas conclusões depreendidas de Bakhtin ([1979] 1992, p.279) caracterizam os gêneros como:

*formas estáveis de enunciados situados, que expressem intenções, originários de esferas da vida social, distribuídos pela fala e escrita, com um plano de composição estilística, como instrumentos auxiliares de compreensão, como possuidores de um conteúdo temático e como formas típicas de se dirigir e construir um destinatário (natureza essencialmente dialógica).*

Denominar gênero de discurso como formas estáveis de enunciados é, para Bakhtin ([1979] 1992, p.282), o resultado da combinação dos elementos como conteúdo temático, estilo e construção composicional que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas das atividades humanas, mas que apresentam uma heterogeneidade quanto à sua variedade relativa a atividades sociais em suas ampliações e diversificações.

A concepção de gênero discursivo é resultante do enfoque discursivo-interacionista de língua advindo de Bakhtin, que observa o enunciado (do texto como produto da interação social) ligado aos meios lingüísticos e aos conteúdos (sócio-historicamente determinados por uma cultura), a uma situação material concreta. Assim como, ao contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma comunidade lingüística.

Tal enfoque fundamentou a ênfase dada ao discurso ou ao texto que está relacionada às abordagens teóricas de gênero discursivo ou de gênero textual. Nesse sentido, os discursos são concebidos como manifestações das relações de força existentes nas práticas sociais, justificando o trabalho escolar sobre o discurso como uma forma de capacitar os alunos para transformar práticas existentes. Os gêneros no ensino de língua são trabalhados deliberadamente como construções culturais e históricas.

Nesse sentido, as categorias bakhtinianas configuradoras da noção de gênero discursivo (conteúdo temático; construção composicional; estilo) são informadas pela situação enunciativa, portanto são marcadas pelo lugar e momento de produção do enunciado, assim como pelas apreciações valorativas da interlocução instaurada,

conforme salientado por Rojo (2005, p. 199). Os gêneros discursivos não são modelos preestabelecidos nem poderiam ser confundidos com as seqüências discursivas ou as tipologias textuais, proposta nos estudos da lingüística textual, como os tipos narrativo, argumentativo, expositivo, descritivo e injuntivo, elencados por Marcuschi (2001).

Rojo (2005, p.188) afirma que os estudos sobre os gêneros de texto tendiam a recorrer a um plano descritivo intermediário – equivalente à estrutura ou a forma composicional – que trabalha com noções herdadas da lingüística textual. O enfoque é direcionado para a materialização de aspectos discursivos na superfície textual, desembocando na análise de elementos responsáveis pela textualidade de gêneros selecionados como objeto de estudo (seqüências textuais, processos anfóricos, marcadores temporais, operadores argumentativos, dêiticos etc.).

Para o ensino de língua materna, consideramos igualmente relevante as abordagens textual e discursiva dos gêneros. Entretanto, sem desconsiderar o mérito do enfoque discursivo do gênero, assumimos a concepção de gênero textual na investigação apresentada neste trabalho. O principal objetivo da intervenção pedagógica foi inserir alunos do 2º ano do Ensino Médio em práticas de letramento escolar, espelhadas em produção de texto do uso da escrita características de domínios não-escolares.

Há que se ressaltar que, na definição de gêneros discursivos, proposta por Bakhtin ([1979] 1992), a diferença entre os gêneros primários e os secundários. Os primários, que incluem a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal, são constituídos em situações de uma comunicação verbal espontânea, havendo relação imediata com a realidade de outros enunciados. Os secundários, por sua vez, aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, como artística, científica e sócio-política, principalmente escrita, por exemplo, o romance, o discurso científico, dentre outros.

A inserção do artigo de opinião na esfera jornalística permite situar esse gênero entre os secundários, uma vez que sua realização se dá em função de uma circunstância



pública e complexa de interação social, ligada particularmente à escrita. Considerando esse contexto de interação social onde o artigo de opinião se inscreve, buscamos, na nossa análise, apontar subsídios para uma descrição do gênero, a partir da análise dos artigos de opinião publicados em dois segmentos jornalísticos – O jornal da Paraíba e o Correio da Paraíba.

Para Bakhtin ([1979] 1992) a diversidade de atividades sociais que as pessoas realizam e com as quais se envolvem leva a uma diversidade de produções de linguagem. Por isso, enriquece a nossa pesquisa a descrição e o tratamento dos gêneros na medida em que afirma serem estes dialógicos, inerentes à comunicação, visto como formas específicas de uso da língua, ocupando um lugar de destaque na concepção sociointeracionista de linguagem.

Neste estudo, adotamos as idéias desenvolvidas por Bakhtin de que o contexto constitutivo das condições de produção do gênero, resgatados por Bronckart (1999) é de extrema relevância para a atribuição do caráter semântico na interação verbal, configurado no predomínio escolar da relação dialógica entre professor-aluno em atividades de produção escrita do artigo de opinião.

### 2.2.2 Os estudos interacionistas sócio-discursivos de gêneros de textos de Bronckart

O enfoque interacionista sócio-discursivo parte do pressuposto de que o estudo da língua deve se pautar nas diversas ações de linguagem. A partir dessa perspectiva, Bronckart (1999) analisa a linguagem como prática social, teoria da linguagem de inspiração bakhtiniana, considerando os aspectos relativos à enunciação, ao contexto e às condições de produção dos enunciados.

Em vista disso, Bronckart (1999) ressalta a necessidade de uma base de orientação para a produção de textos que envolva a definição de parâmetros acerca do contexto de produção (ou situação comunicativa) e do conteúdo temático. O primeiro é representado pelo conjunto de parâmetros, que pode exercer uma influência sobre a forma como o texto é organizado, é constituído pela mobilização de oito tipos de representações relativas ao mundo físico e ao mundo sócio-subjetivo: o lugar e o momento de produção, o emissor e o receptor, a instituição social onde se dá a interação, o papel social representado pelo emissor (enunciador), pelo receptor (destinatário) e o objetivo de interação.

Com relação à mobilização dos conteúdos, considera-se como conteúdo temático ou referente textual o conjunto de conhecimentos do mundo físico e social que são explicitamente evocados e que provêm do conjunto de conhecimentos estocados e organizados na memória do produtor do texto. Dentre os fatores que influenciam essa mobilização e seleção, é necessário considerar não apenas as representações do produtor sobre os parâmetros da situação de comunicação, mas também as representações sobre o tipo de atividade em que ele está envolvido, pois ambos restringem o conjunto de tópicos possíveis numa determinada formação e atividade social.

Seguindo o pensamento bakhtiniano, Bronckart (1999, p. 137) denomina gêneros de textos como:

*diferentes espécies de texto que apresentam características relativamente estáveis, elaboradas nas formações sociais em função dos objetivos, interesses e questões específicas e produzidas sócio-historicamente nas atividades de linguagem em funcionamento.*

Tal conceito nos leva a admitir que é o conhecimento efetivo dos gêneros e de suas condições de utilização que dá ao autor subsídios para a

escolha de um modelo textual no momento da produção. Para o autor, a produção de um novo texto empírico é sempre construída com base no modelo de um gênero. Embora sejam diferenciáveis, ele admite a impossibilidade de se caracterizar o gênero por um critério único, o lingüístico, haja vista a dimensão discursiva subordinada à dimensão textual já que o gênero procede de atividades de linguagem, que funcionam com base de orientação, interagindo constantemente com os membros da comunidade.

Ao eleger um modelo de gênero disponível, outras etapas devem ser consideradas pelo agente-produtor no curso de sua ação verbal. Os tipos de discurso devem compor o texto pertencente a esse gênero, às formas de organização seqüencial do conteúdo temático e aos parâmetros da situação de produção.

Esta perspectiva abrange além da situação material de produção (pessoas, tempo e lugar) um estágio intermediário na significação, valorizando os aspectos centrados sobre a situação de produção (lugar social, destinatário e enunciador). Em vista disso, os gêneros são subdivididos em dois grupos inter-relacionados que englobam os tipos de discursos e os mundos discursivos. O primeiro são formas de significação identificáveis no texto e que traduzem uma certa relação com a situação de comunicação, através de subconjuntos de unidades lingüísticas diferenciadas e o segundo é definido como a representação da escolha de um modo de apresentação do conteúdo referencial.

Considerando o modo como a atividade lingüística se encontra apoiada na situação de produção (referente, de um lado, e interação de outro), Bronckart admite a existência de quatro tipos de discurso básico: a) interativo, conjunto em relação ao referente, implicando na interação social; b) o teórico, conjunto em relação ao referente, mas autônomo quanto à interação social; c) o do relativo interativo, disjunto em relação ao referente e autônomos quanto à interação

social; d) narração, disjunta do referente e da interação social. Estes tipos de discurso constituem segmentos de relato, de diálogo, de argumentação, cujas marcas lingüísticas apontam para os recursos morfossintáticos disponíveis na língua, responsáveis pela elaboração desses discursos.

Vale ressaltar que a infraestrutura que envolve o plano global, proposta por Adam (1992), foi ampliada por Bronckart que transcendeu o limite da competência lingüística para além da frase, tendo em vista uma teoria de tipologia baseada na estrutura seqüencial prototípico dos textos divididos em cinco tipos: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e conversacional-dialogal. O artigo de opinião está inserido na seqüência tipológica argumentativa, um dos pontos de nossa análise.

Segundo Bronckart (1999, p.100), os gêneros de texto<sup>3</sup> se encontram disponíveis no intertexto como modelos indexados, para uso por um agente particular em situação de produção de novos textos empíricos. O intertexto é constituído pelo conjunto de gêneros de texto elaborados pelas gerações precedentes, tais como são utilizados e eventualmente transformados e reorientados pelas formações sociais contemporâneas.

Considerando o modo como esses gêneros se apresentam mais ou menos organizados no cotidiano das práticas de linguagem, o ensino-aprendizagem da escrita passa a ser concebida num movimento, em que se parte do percurso social para o individual, mediado pelo signo lingüístico e pelo outro-leitor.

Estes estudos realizados por Bronckart ajudam teoricamente a nossa investigação com o gênero artigo de opinião no âmbito da observação dos aspectos das seqüências textuais e do tratamento dado aos mecanismos de textualização.

---

<sup>3</sup> Bronckart (1999) adota a expressão gêneros de textos, já que, para ele, o termo *enunciado*, utilizado por Bakhtin, pode ser tomado como equivalente de textos, sendo estes identificados como produções verbais acabadas, relacionadas a uma dada ação de linguagem.

### 2.3 O ensino da argumentação escrita: o caso do artigo de opinião

Os gêneros textuais sofrem desdobramentos inevitáveis ao serem recontextualizados no espaço da sala de aula. Adotamos, neste trabalho, a teoria de gêneros apresentada por Marcuschi (2001, 2002, 2005), Hyland (2002), Dolz & Schneuwly (1997, 2004) e Schneuwly (2004).

A propósito desses desdobramentos, nos estudos de Dolz & Schneuwly (1996, p. 76), inscritos na abordagem enunciativa bakhtiniana, são elencadas três situações de uso dos gêneros no processo de ensino e aprendizagem, as quais são aqui retomadas como eventos de letramento escolar e redicustidas pelo viés da abordagem de letramento proposta por Kleiman (1996), Corrêa (2001) e Araújo (2005).

A primeira situação, identificada como desaparecimento da comunicação, corresponde ao trabalho com gêneros textuais para cumprimento de atividades tipicamente escolares, cuja função restringe-se à demonstração e ao diagnóstico da aprendizagem de conteúdos disciplinares. A segunda situação, identificada como negação da escola como lugar específico de comunicação, é caracterizada pela reprodução de autênticas situações de práticas escrita do cotidiano na sala de aula.

Por fim, a última situação, identificada como a escola como lugar de comunicação, corresponde às atividades escolares em que a escrita é utilizada em resposta a uma demanda criada no próprio espaço institucional. Essas atividades de produção escrita permitem a circulação de diversos gêneros textuais na escola, mesmo não havendo referência a outros gêneros característicos de domínios não-escolares.

A partir dessas reflexões sobre gêneros na escola, como atividades de linguagem, Dolz & Schneuwly (2004) elaboraram uma proposta inicial de agrupamentos tipológicos que se mostraram como uma possibilidade metodológica importante para o estudo em sala de aula:

1. Agrupamentos na ordem do **narrar**: narrativas, conto, romance, etc.
2. Agrupamentos na ordem do **relatar**: diário, crônica, biografia, notícias, etc.
3. Agrupamentos na ordem do **argumentar**: diálogo, artigo de opinião, debate, carta de reclamação, etc.
4. Agrupamentos na ordem do **expor**: conferência, relatório, entrevista, etc.
5. Agrupamentos na ordem do **descrever**: instruções de uso, receita, regulamento, regras de jogo, etc.

Esses agrupamentos foram elaborados sob o princípio da semelhança composicional entre os gêneros relacionados que podem ser orais ou escritos. Nesse sentido, o artigo de opinião estaria no agrupamento de gênero da ordem do argumentar, cujo domínio social da comunicação se define pela discussão de assuntos sociais controversos, em que estão implicadas capacidades de sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição para o domínio da escrita deste gênero.

Como podemos observar, a tese desses autores sobre o processo de produção textual se apresenta com base na distinção entre textos e gêneros. Para eles, os gêneros são formações sócio-lingüísticas que elaboram diferentes espécies de textos, sendo, por isso, reconhecidas como gêneros de textos, no interior dos quais se articulam e se combinam diversos tipos. É basicamente sob a perspectiva dos gêneros de textos que apresentamos nosso estudo.

Nessa perspectiva, Schneuwly (2004) afirma que um gênero pode ser entendido como um mega-instrumento que possibilita eventos comunicativos. Assim, para defini-lo como suporte de uma atividade de linguagem, é preciso contemplar três dimensões: os conteúdos e os conhecimentos que ele traduz (tema); os elementos estruturais do texto (composição) e a posição enunciativa do enunciador (estilo). O termo mega-instrumento

foi utilizado analogamente a uma fábrica, onde instrumentos de produção trabalham em conjunto para produzirem objetos que vão atender às necessidades da sociedade.

Assim, podemos dizer que a compreensão dos gêneros textuais se situa numa dimensão de realidade comunicativa, já que são instrumentos de comunicação que se fundam em práticas de linguagem. Dolz e Schneuwly (2004), preocupados com a noção de gênero adotada no ambiente escolar, consideram que as práticas de linguagem são influenciadas pelo meio social e psicológico de cada indivíduo. Isto significa que, para compreendermos o que um autor defende em seu texto, devemos considerar as diferenciações e as variações existentes no meio social em que este sujeito está inserido.

Tal preocupação se transforma diretamente em contribuições para a abordagem dos gêneros nos mais diversos contextos de ensino, possibilitando uma pedagogia mais pertinente do ensino da escrita.

Essas proposições são suficientemente coerentes no sentido de que nos permite pensar sobre as necessidades de mobilizar situações de prática da linguagem na esfera escolar que estejam em conexão com situações reais de comunicação. Para Dolz & Schneuwly (2004, p. 79), a continência de comunicação escolar é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros.

Nesse sentido, os alunos são inseridos nas práticas de linguagem letradas que Kleiman (1996, p. 19) define como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. Entretanto, esse fenômeno não foi visualizado sempre por uma mesma ótica, ao longo do seu desenvolvimento, ele foi assumindo conotações diferentes, quando associado ao processo de escolarização.

Street (1984, apud Kleiman, 1996) aponta duas concepções de letramento. A primeira, denominada de modelo autônomo, preocupa-se em analisar as práticas sociais de escrita, tomando como referência as regularidades do sistema escolar. Assim, a eficiência comunicativa é avaliada em função do domínio do código. A segunda concepção, ou modelo ideológico, não descarta a importância do domínio do código, mas a isto acrescenta o contexto social de produção e as formas de circulação destas produções. A nossa proposta de ensino do artigo de opinião está orientada pelo modelo ideológico porque a produção do gênero solicitado foi apoiada numa situação real de comunicação, que os alunos assumiram, verdadeiramente, a posição de articulista.

Corrêa (2001) enfatiza a heterogeneidade da escrita em contextos de letramento. Este autor defende a heterogeneidade como própria da escrita, marcada pelo cruzamento entre as práticas sociais orais e escritas. Podemos dizer que trabalhos dessa natureza estão em consonância com o modelo ideológico de letramento.

Uma vez aceitas essas proposições, faz-se necessário estabelecermos uma ponte com o letramento em sua dimensão social. As práticas sociais orais escritas estão inseridas num conjunto de valores que enfatizam o domínio do código e sua funcionalidade. Para Marcuschi (2001), essas práticas de letramento estão relacionadas a situações de poder social e etnograficamente situadas.

Atualmente, há uma grande intensidade dos usos dos gêneros textuais em práticas emergentes nas mais diversas mídias, em variados suportes tecnológicos da comunicação que favorecem a multiplicação dos gêneros, vistos como formas discursivas. Em vista disso, uma questão importante é o letramento midiático que Lino de Araújo (2004) define como um fenômeno cultural recente que está relacionado à consolidação da mídia como instância de divulgação de informação, entretenimento e ensino. Nesse sentido, não está relacionado apenas às práticas de escrita, mas as outras



práticas que também registram informações e fazem circular. Isto porque os alunos se sentem influenciados pela mídia cuja atenção está centrada no interlocutor, no aprendiz.

Considerando os gêneros como sistemas significativos que constituem as realidades sociais, as concepções de gênero apresentam uma grande afinidade com os estudos atuais de letramento, uma vez que este corresponde aos usos da linguagem escrita enquanto prática social.

Os gêneros reforçam a visão de que todos os usos da língua são socialmente situados e indicativos de práticas sociais mais amplas e trazem uma importante dimensão analítica dos textos para os estudos do letramento.

Nesse sentido, Hyland (2002) enfatiza que a natureza social dos gêneros, construída nas relações entre texto e contextos, fornece importantes contribuições para a visão ideológica e política dos textos. O ensino baseado nos gêneros, Hyland afirma que as metodologias de ensino baseadas no gênero, repousam na idéia de que letramentos são recursos da comunidade os quais se realizam em relacionamentos sociais, mais do que uma propriedade de escritores individuais lutando com a expressão pessoal. Os contextos pedagógicos priorizam um ensino que não leva em conta o conhecimento prévio do aluno sobre os gêneros por considerá-lo amplamente diferente daquelas de que precisamos: aprender a escrever envolve adquirir uma habilidade de exercitar escolhas lingüísticas apropriadas.

Sem dúvida, ao nos deparar com um estudo deste porte, concordamos em estar diante de um panorama que trata da intersecção letramento/gênero do discurso, que contribui para os estudos e ensino de línguas, os quais tendem a ser cada vez mais contextualizado lingüístico-discursivamente. Atendendo às demandas de uso da língua na contemporaneidade e, mais ainda, fazendo com que práticas desprestigiadas de uso da língua sejam reconsideradas e cânones desmistificados, cada um dentro de sua função social e ideológica.

Na apresentação das situações de uso dos gêneros no processo de ensino e aprendizagem por Dolz & Schneuwly (2004), as atividades de produção textual podem condensar aspectos caracterizadores das diferentes situações apresentadas. A configuração dessas atividades de produção de texto em situações particularizadas de uso de gêneros cerceia o acesso do aluno a alguns eventos de letramento característicos dos domínios escolar e não-escolar. Durante a intervenção pedagógica na escola aqui focalizada, por exemplo, a professora-pesquisadora procurou alinhar os exercícios de análise lingüística, de leitura e de produção textual no processo de ensino aprendizagem do gênero textual argumentativo em estudo.

Para isso, utilizamo-nos, em nossa pesquisa, das contribuições de Dolz, Noverraz e Shneuwly (2004), que propõem o ensino estruturado em forma de seqüências didáticas. Essas, por sua vez, podem ser definidas como um conjunto de atividades que se organizam em torno de um gênero com o objetivo de que os alunos dele se apropriem por meio do desenvolvimento de capacidades de linguagem específicas, guiando, assim, as intervenções do professor e apresentando para os alunos o objeto do conhecimento.

Nesse sentido, os gêneros devem ser observados em seus usos e condições sócio-pragmáticas caracterizadas como práticas sócio-discursivas (Marcuschi, 2005). Isto porque se relacionam com a cultura da sociedade em que surgem e em que funcionam. Podem aparecer e desaparecer dependendo das necessidades práticas sócio-discursivas dos eventos comunicativos de determinada cultura e a intensidade dos usos da tecnologia nas atividades comunicativas diárias.

Por serem os gêneros criações humanas, estão relacionadas diretamente à cultura letrada de uma determinada sociedade, promovendo a cidadania, e facilitando a compreensão da comunicação. Dependendo da ação social situada em práticas e em domínio discursivo específicos, há uma enorme variedade de gêneros. Por isso, compreendemos os gêneros como sendo maleáveis à ação em que se realiza, sendo o

reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura (MARCUSCHI, 2002, p. 32).

Dessa forma, torna-se relevante destacarmos as características que fazem de um texto uma realização do gênero artigo de opinião, dentre elas a funcionalidade em práticas sócio-comunicativas concretas. Acreditamos que o artigo de opinião, apoiados na concepção de gêneros textuais, é um modelo comunicativo relativamente estável relacionado a critérios externos de ação prática. Por isso, observamos as condições de produção deste gênero na produção escrita com o intuito de analisar os mecanismos lingüísticos argumentativos.

Não queremos dizer, com isso, que as particularidades lingüísticas e estruturais não devem ser consideradas, até porque em muitos casos são as formas que determinam os gêneros e, em outros, serão as funções. No entanto, às vezes, o gênero é determinado pelo próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem.

Por essa razão, não se pode pensar em gênero como uma força conservadora, já que são fenômenos sócio-histórico e culturalmente sensíveis (MARCUSCHI, 2005). Não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros existentes e, sendo as esferas de utilização da língua extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade. Sua inserção na dinâmica social determina sua contínua transformação, da mesma forma que busca garantir uma certa estabilização. O reconhecimento de regularidades nos textos de um gênero contribui para que produtores e receptores se orientem na instância de produção e de interpretação dos mesmos.

Transferindo a tese sobre os gêneros textuais, desenvolvida ao longo deste capítulo, para o ensino de língua materna, insistimos que, considerando as contingências contextuais semiotizadas na materialidade textual, os gêneros textuais são referências para a produção e compreensão de textos, bem como para a reflexão sobre os usos lingüísticos. Em vista disso, a pertinência da abordagem do letramento que tem como

base oportunizar aos alunos o acesso a gêneros textuais significa familiarizá-los com outros eventos de letramento e conseqüentemente, inseri-los em novas práticas de letramento.

Didaticamente o trabalho desses autores nos oferece uma grande contribuição, pois o enfoque progressivo e seqüencial que é dado ao ensino de gêneros aponta caminhos que vão de encontro ao ensino tradicional. Em virtude de serem introduzidos aspectos sócio-comunicativos na proposta de tratamento dado aos textos a partir de uma teoria de gêneros, o ensino da compreensão e produção de textos é necessariamente redimensionada.

Por tudo isso, reafirmamos que as abordagens supracitadas contribuem para o ensino de escrita por concebê-la como um conjunto de aprendizagem, específica, eliminando as generalizações que não correspondem à realidade, fazendo-se necessárias mudanças de postura dos professores, no sentido de intervir com ações didáticas que possam oportunizar situações de linguagem efetivas.

É importante lembrar que o trabalho com gêneros textuais é uma oportunidade de utilizar a língua nos diversos usos do dia-a-dia, uma vez que eles constituem as interações sociais, incluindo as realizadas na escola. Sendo assim, por reconhecermos a relevância do ensino utilizando gêneros textuais, selecionamos o artigo de opinião para ser o nosso objeto de ensino.

Nesse sentido, o trabalho com gêneros de caráter argumentativo desde as séries iniciais de ensino se faz necessário, pois são os argumentos que parametrizam as regras de comportamento dos sujeitos que compõem um grupo social, e que determinam o exercício de cidadania, nas diversas situações que requerem posicionamento.

Um fator determinante para construção do texto argumentativo diz respeito à discutibilidade dos temas, que devem ser de natureza social, e devem estar vinculados à situação de produção do gênero como: interlocutores, tempo, espaço e lugar social da

comunicação. Deve existir uma relação entre o tema em pauta e o posicionamento ideológico dos interlocutores, pois, segundo Rosenblat (2000, p.198), se podemos antecipar que nosso interlocutor não está minimamente disponível para uma negação de opiniões ou posições sobre um dado tema, não se estabelecerá uma comunicação de cunho argumentativo.

Em alguns casos, como bem acentua esta autora, a dificuldade dos alunos em argumentar reside na ficcionalidade das situações criadas artificialmente para o exercício da produção de textos orais e escritos, o qual não aguça a capacidade argumentativa daqueles, já que não se sentem motivados para a realização destas tarefas.

O artigo de opinião se enquadra dentre os gêneros jornalísticos argumentativos, que, segundo Brakling (2000, p. 226), é gênero em que se busca convencer o outro de uma determinada idéia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor.

Segundo o Novo Manual de Redação, publicado pela folha de S. Paulo, o artigo de gênero encontra-se normalmente junto aos editoriais, nas páginas iniciais do 1º caderno. Caracteriza-se pelo fato de o autor ser alguém de fora da instituição, muitas vezes na posição de colaborador de jornal, que ocupa papel de destaque na sociedade e na mídia (escritor, pesquisador, político, professor, médico, advogado, empresário, jornalista ou apenas um leitor na posição de cidadão), que apresenta e sustenta seu ponto de vista sobre determinado fato, assunto da atualidade.

O conhecimento social e profissional do articulista outorga credibilidade à sua fala, alcançando-o à posição de articulista de um ponto de vista autorizado, de formador de opinião. Seu posicionamento sobre determinado acontecimento social constitui-se em

tema de interesse para os jornais e para o público leitor. Por essas razões, ele é visto como um sujeito competente também para aquilo que diz, incorporando a aura da competência sociodiscursiva.

Ainda segundo o contexto jornalístico, esse gênero textual deve ser escrito em terceira ou primeira pessoa, expressando a posição pessoal do autor. A argumentação apela à emoção do leitor para persuadi-lo a adotar a mesma posição que o autor, explorando a tese ou o ponto de vista fundamentado por comparações, exemplificações, depoimentos, citações, pesquisas e dados estatísticos e a estrutura é convencionalmente organizada em tema, tese e desenvolvimento argumentativo com linguagem clara, objetiva e impessoal que adote o padrão culto formal da língua.

Este gênero apresenta uma estrutura prototípica baseada na seqüência argumentativa proposta por Adam (apud Brandão 2000, p. 185), que se inicia com a identificação do tema em questão contextualizada, segue com uma tomada de posição apresentando os diferentes argumentos de forma a justificar a tese, e finaliza reafirmando a posição adotada no início do texto. A marca efetiva deste gênero é a pertinência dos argumentos expostos, bem como as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor. Podemos dizer que o artigo de opinião escolar, diante da multiplicidade dos gêneros opinativos, é resultado de um processo de didatização, adequado aos nossos interesses que se dirigirão para o estudo da argumentação escrita.

Vale salientar que Guedes (2004) situa a dissertação como um gênero textual, em contraposição à sua tradicional classificação como tipo textual, inserindo-a também na seqüência lingüística argumentativa, já que o agente-produtor emite seu ponto de vista sobre um determinado tema. Para isso, o autor da dissertação lança mão de argumentos convincentes que possam persuadir o receptor, levando-o a aceitar suas idéias, confundindo-se com o gênero em estudo.

Discutindo sobre os critérios para a seleção de gêneros na escola, Rodrigues (2000, p. 213) argumenta que a escola, enquanto instituição que tem uma função social específica, também tem seus próprios gêneros, são eles os responsáveis pelas atividades de ensino e de aprendizagem e que embora estes gêneros escolares não encontrem referência concreta na comunicação discursiva, eles também devem ser considerados como objetos de estudo.

Os critérios que utilizaremos para caracterizar o artigo de opinião serão baseados nos trabalhos de Bräkling (2000); Rodrigues (2000) e Souza (2002). Vejamos, então, os elementos discursivos e lingüísticos que marcam a configuração composicional deste gênero.

O artigo de opinião está inserido na seqüência tipológica argumentativa que se inicia com a identificação do tema em questão contextualizado, segue com uma tomada de posição apresentando os diferentes argumentos de forma a justificar a tese, e finaliza reafirmando a posição adotada no início do texto. Esse gênero textual se enquadra nessa seqüência que tem como marca efetiva a pertinência dos argumentos, bem como as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor. Em seguida, as estratégias discursivas: deliberação, explicação, demonstração e as estratégias enunciativas: marcas do autor e do destinatário.

Quanto às estratégias argumentativas, está estruturado em tese em que se apresenta a idéia ou o ponto de vista que será defendido; argumentos que desenvolvem o ponto de vista (para convencer o leitor através de citações, dados estatísticos e conclusão em que se dá um fecho coerente com o desenvolvimento, com os argumentos apresentados).

Por fim, a organização lingüística que está estruturada quase sempre em terceira pessoa; dando um caráter impessoal; emprego do presente do indicativo, ou do

subjuntivo, na exposição da tese, dos argumentos e contra-argumentos e uso do pretérito para apresentar dados ou explicações;

Além disso, há a presença de citações como um recurso comum nos textos argumentativos; estas servem de sustentação do ponto de vista defendido/exposto, pois a pluralidade de vozes mostra que o enunciador não está sozinho; assim, podem ser empregadas através de **autoridade** - introduzida direta ou indiretamente pelas vozes de especialistas ou de pessoas respeitadas no meio em que se insere o assunto abordado e da voz do “senso comum” ou da sociedade – ora na forma de provérbios e ditados populares, ora na forma de enunciados que reproduzem idéias de uma determinada comunidade numa determinada situação e época.

A articulação coesiva é feita através de operadores argumentativos que articulam dois enunciados, em que o segundo toma o primeiro como tema, com o fim de justificá-lo; contrapor-lhe ou adicionar-lhe argumentos; generalizar, especificar, concluir, a partir deles; comprovar-lhe a veracidade; convocar o interlocutor à concordância etc., sendo assim, responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados. Estes operadores também foram vistos por Koch (2002) que propõe uma ampla classificação, exemplificada a seguir:

- Operadores conclusivos: e, também, ainda, etc.;
- Operadores comparativos: mais que, menos que, tão, etc.;
- Operadores de refutação: mas, contudo, porém, no entanto, apesar de, etc.;
- Operadores de coordenação: porque, por isso, etc.

Ao introduzirmos aspectos sócios comunicativos na proposta de tratamento dado ao artigo de opinião, o ensino da compreensão e produção de textos é necessariamente redimensionado em virtude do novo enfoque que privilegia o sujeito e o enunciado no seu contexto de ação passa a ser considerado.



Por tudo isso, a abordagem do artigo de opinião como um gênero textual pode oferecer condições para o professor ensiná-lo como instrumento de ação social e interação do indivíduo com seu meio, sem expor o aluno a uma visão de linguagem limitada aos conteúdos programáticos escolares. Nessa perspectiva, o artigo de opinião pode ser estudado como uso de linguagem, uma forma de prática e interação social, manifestações decorrentes dos desejos ou necessidades que os indivíduos têm de conquistar novos espaços na sociedade. A partir desta concepção, passaremos à análise dos dados, representados pelos artigos de opinião produzidos pelos alunos-autores, durante a seqüência didática.

### 3 A CONSTRUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO EM SITUAÇÃO ESCOLAR

Neste capítulo analisaremos o desenvolvimento dos alunos quanto ao domínio dos mecanismos lingüísticos argumentativos na produção escrita do artigo de opinião. Para isso, serão enfocados a seqüência tipológica argumentativa, os tipos de argumentos construídos pelos alunos-autores e a articulação coesiva através dos operadores argumentativos em nove produções escritas por três alunos, participantes da nossa pesquisa. Acreditamos que essas categorias de análises permitirão visualizar melhor o gênero que foi objeto de ensino da seqüência didática desenvolvida em sala de aula.

#### 3.1 A seqüência tipológica argumentativa no artigo de opinião escolar

Analisaremos, neste item, a presença da seqüência tipológica argumentativa nas três versões produzidas por três alunos-autores, para a construção de um ou mais exemplares do gênero artigo de opinião.

Tendo em vista que o nosso corpus é composto por sessenta e nove artigos de opinião, produzidos em situação escolar, escolhemos nove produções escritas como exemplares de como os alunos-autores utilizam as seqüências tipológicas na construção do artigo de opinião sobre o tema *A profissionalização dos jovens no Brasil*. Essa escolha se deu para evitar uma análise marcada pela repetição, já que levamos em consideração três tipos de alunos: os que obtiveram a melhor média na atividade escrita, os que atingiram um desempenho mediano e os que conseguiriam uma média menor na atividade de produção do artigo de opinião que foi reescrito duas vezes.

Nos artigos de opinião produzidos em situação escolar, de forma geral, pudemos perceber um domínio progressivo dos alunos-autores na utilização da seqüência tipológica argumentativa a respeito do tema *A profissionalização dos jovens no Brasil*, escolhido por eles como sendo um problema social contemporâneo. Essas produções se aproximam do modelo do artigo de opinião (cf. Brakling) porque se busca

convencer o outro de uma determinada idéia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação em favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes.

Assim como ocorre com os artigos de opinião da revista *Veja* estudados em sala de aula. O conteúdo temático desses artigos se planifica no tipo de seqüência argumentativa que se inicia com a identificação do tema em questão contextualizada, segue com uma tomada de posição apresentando os diferentes argumentos de forma a justificar a tese, e finaliza reafirmando a posição adotada no início do texto.

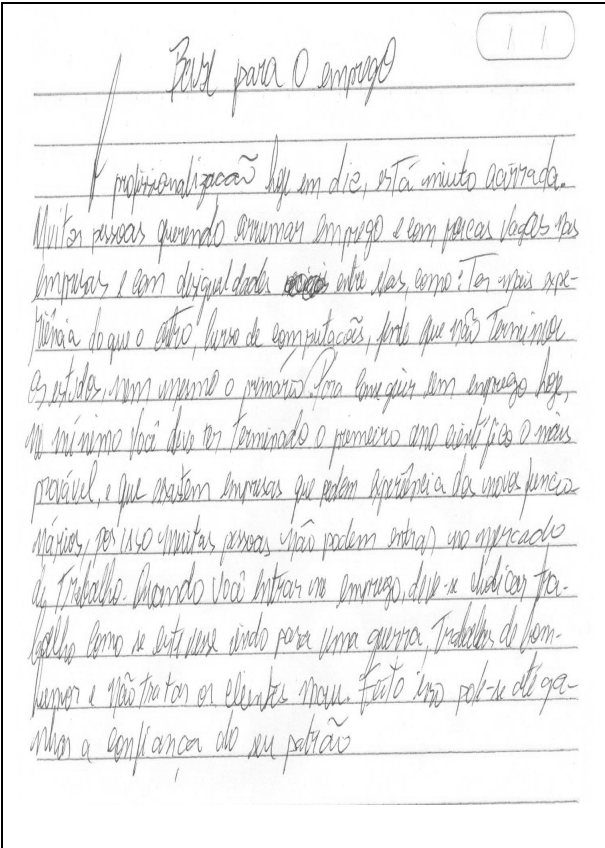
Adam (1992) insere a seqüência argumentativa nas cinco seqüências prototípicas: narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal. Essa tipologia seqüencial tem uma estrutura composicional heterogênea. As formas narrativas são pelo menos tão variadas quanto às formas argumentativas. A descrição existe raramente em estado puro e autônomo; ela se constitui em um momento de um texto narrativo ou explicativo. Uma narração, uma explicação ou uma conversação, e não existe narração sem um mínimo de descrição. Assim, os textos são compostos por planos de organização que lhes garantem a textualidade, e um desses planos de organização é a seqüência.

É importante ressaltar que na análise dos artigos de opinião não adotamos essa tese defendida por Adam, na verdade, a noção de protótipos que adotamos é a de construtos teóricos elaborados posteriormente, tomando por base a análise das seqüências empiricamente observáveis no intertexto defendida por Bronckart (1999). Este considera as seqüências como estruturas prototípicas relevantes, contudo, reconhece que elas não procedem de um modelo cognitivo preexistente capaz de gerar essas seqüências, como resultante de uma competência textual inata. As seqüências são pensadas como protótipos e como formas que se adaptam ao conteúdo da interação e do gênero.

Bonini (apud Cristóvão e Nascimento 2005, p. 232) explicita a incoerência da afirmação de que as categorias textuais se organizam mediante protótipos seqüenciais. Parece mais ponderado pensar que estas categorias se formam como agrupamentos de gêneros (os tipos de entrevistas, os tipos de cartas, os tipos de notícias etc.) de acordo com as experiências que os sujeitos vivenciam em relação às ações e à linguagem que as acompanha.

Consideramos as três versões produzidas por cada aluno-autor, realizadas no período de maio a agosto de 2005, observando as possíveis evidências de progressão presentes na elaboração do gênero artigo de opinião a partir da utilização da seqüência tipológica argumentativa. Após a leitura de diversos gêneros textuais, em especial o artigo de opinião, os alunos-autores redigiram o gênero solicitado. Os exemplos<sup>4</sup> a seguir ilustram o domínio progressivo do gênero estudado:

#### Exemplo 1

|   |   |
|---|---|
|  <p>Base para o emprego</p> <p>A profissionalização hoje em dia, está muito acirrada. Muitas pessoas querendo arrumar emprego e com poucas vagas nas empresas e com desigualdades entre elas, como: Ter mais experiência do que o outro, curso de computações, gente que não terminou os estudos, nem mesmo o primário. Para conseguir um emprego hoje, no mínimo você deve ter terminado o primeiro ano científico o mais provável, e que existem empresas que pedem experiência dos novos funcionários, por isso muitas pessoas não podem entrar no mercado de trabalho. Quando você entrar no emprego, deve se dedicar trabalho como se estivesse indo para uma guerra, trabalhar de bom-humor e não tratar os clientes mau. Feito isso pode-se até ganhar a confiança do seu patrão.</p> | <p><i>Base para o emprego</i></p> <p><i>A profissionalização hoje em dia, está muito acirrada. Muitas pessoas querendo arrumar emprego e com poucas vagas nas empresas e com desigualdades entre elas, como: Ter mais experiência do que o outro, curso de computações, gente que não terminou os estudos, nem mesmo o primário. Para conseguir um emprego hoje, no mínimo você deve ter terminado o primeiro ano científico o mais provável, e que existem empresas que pedem experiência dos novos funcionários, por isso muitas pessoas não podem entrar no mercado de trabalho. Quando você entrar no emprego, deve-se dedicar trabalho como se estivesse indo para uma guerra, trabalhar de bom-humor e não tratar os clientes mau. Feito isso pode-se até ganhar a confiança do seu patrão.</i></p> |
|---|---|

<sup>4</sup> Os exemplos são artigos de opinião produzidos pelos alunos-autores sem revisão ortográfica.

### Exemplo 1a

(1a)

|  |  |
|--|--|
| <p>Profissionalização - fácil ou difícil? <span style="float: right;">11</span></p> <p>A profissão é obtida pelo conhecimento e experiência que tenha um efeito formativo sobre nós. Todos os jovens precisam se profissionalizar, no entanto eles estão sendo excluídos por causa dos valores econômicos nas universidades.</p> <p>Atualmente o governo federal vem incentivando na informação dos jovens, através da política de cotas, com isso eles puderam adentrar mais "fácil" em um acadêmico.</p> <p>Portanto, podemos constatar que a profissionalização está cada vez mais ficando fácil para os alunos da rede estadual.</p> | <p><b>Profissionalização – fácil ou difícil?</b></p> <p>A profissão é obtida pelo conhecimento e experiência que tenha um efeito formativo sobre nós. Todos os jovens precisam se profissionalizar, no entanto eles estão sendo excluídos. Por causa dos valores econômicos nas universidades.</p> <p>Atualmente o governo federal vem incentivando na informação dos jovens, através da política de cotas, com isso eles puderam adentrar mais "fácil", ser um acadêmico.</p> <p>Portanto, podemos constatar que a profissionalização esta cada vez mais ficando fácil para os alunos da rede estadual.</p> |
|--|--|

### Exemplo 1b

|  |   |
|--|---|
| <p>Jovens Profissionalizados <span style="float: right;">11</span></p> <p>O processo de profissão, é transmitido pelo conhecimento e experiência que tenha efeito lógico e formativo sobre sua mente, o caráter e até mesmo o físico de uma pessoa.</p> <p>Todos os jovens precisam se preparar para o futuro, profissionalizar-se.</p> <p>A educação influe muito na nossa capacidade física e mental. Quando a exercemos estamos fazendo um bom trabalho.</p> <p>Uma coisa que está prejudicando todos os jovens, é a falta de oportunidade e os governantes que não implantam nada para ajudar os jovens.</p> <p>O que está ocorrendo tudo é a desigualdade social, o racismo. Os políticos deveriam colocar mais fábricas no Brasil.</p> <p>Não precisa se preocupar, ou esquecer das desigualdades existentes no nosso país, que nos deparamos diariamente. Devemos enfrentalos para termos uma profissionalização cada vez melhor, um futuro digno do nosso esforço.</p> | <p><b>Jovens proficionalizados</b></p> <p>O processo de profissão, é transmitido pelo conhecimento e experiência que tenha efeito lógico e formativo sobre sua mente, o caráter e até mesmo o físico de uma pessoa.</p> <p>Todos os jovens precisam se preparar para o futuro, proficionalizar-se.</p> <p>A educação influe muito na nossa capacidade física e mental. Quando a exercemos estamos fazendo um bom trabalho.</p> <p>Uma coisa que está prejudicando todos os jovens, é a falta de oportunidade e os governantes que não implantam nada para ajudar os jovens.</p> <p>O que está ocorrendo tudo é a desigualdade social, o racismo. Os políticos deveriam colocar mais fábricas no Brasil.</p> <p>Não precisa se preocupar, ou esquecer das desigualdades existentes no nosso país, que nos deparamos diariamente. Devemos enfrentalos para termos uma profissionalização cada vez melhor, um futuro digno do nosso esforço.</p> <p>E.S.G.</p> |
|--|---|

Comparando-se as três versões do aluno 1 (exemplos 1, 1a, 1b), percebemos inadequações na estruturação do texto, tais como: a primeira versão foi estruturada em um parágrafo, com uma carência de argumentação e problemas de domínio da norma culta da língua (*Ter mais experiência do que o outro, curso de computações , jente que não terminou os estudos, nem mesmo o primário*). Na segunda versão, o aluno-autor apenas fragmentou o texto sem adicionar argumentos e concluir as idéias apresentadas (*Portanto, podemos constatar que a profissionalização esta cada vez mais ficando fácil para os alunos da rede estadual*). Na terceira versão, o problema da paragrafação foi solucionado na interlocução do aluno com a professora-pesquisadora, haja vista que a primeira versão possui um parágrafo bastante curto e não apresenta coerência textual.

Na produção do artigo de opinião, o aluno (1) segue determinadas orientações e sugestões que o ajudam a elaborar a segunda e a terceira versão. Esta fase está voltada à funcionalidade do gênero, com a determinação do suporte, da situação de realização social. O aluno irá planejar o artigo de opinião, deixando claro o que dizer, para que dizer, para quem dizer e como dizer, pois ao não serem mencionados, a produção pode se tornar uma mera redação escolar.

Isto se configura através de atividades de reescritura individuais e coletivas do artigo de opinião em que os alunos-autores se constituem como leitores de sua própria produção escrita, questionando a organização lingüístico-textual-discursiva, a partir da análise das relações semântico-discursiva instituídas.

Na terceira versão, o aluno-autor conseguiu estruturar melhor o artigo de opinião, apresentando a tese (*a profissionalização é necessária para o futuro*), os argumentos (*a educação influencia num bom trabalho, falta de oportunidades para os jovens e a desigualdade social e o racismo são as causas do desemprego*) e a reafirmação da tese (*devemos vencer as adversidades e nos profissionalizarmos*), embora persistam as inadequações da norma culta da língua (*preoculpar; brasil;*

*profissionalização; O processo de profissão, é transmitido pelo conhecimento e experiência).*

A não-familiaridade do aluno com a produção escrita também dificulta a adequação do texto do aluno (1) ao artigo de opinião. Essa não-familiaridade é evidente no momento em que algumas frases são bastante confusas (*O processo de profissão, é transmitido pelo conhecimento e experiência que tenha efeito lógico e formativo sobre sua mente, o caráter e até mesmo o físico de uma pessoa*), pois há construções lingüísticas incompletas ou com inversões sintáticas inadequadas em relação à escrita formal esperada para o gênero (*o que está ocorrendo tudo é a desigualdade social, o racismo. Os políticos deveriam colocar mais fábricas no brasil*).

O aluno-autor afirmou em conversa informal com a professora-pesquisadora que este era seu primeiro texto. Durante a sua vida escolar, sempre copiava os textos de jornais e revistas a fim de cumprir as atividades solicitadas pelos professores de língua portuguesa. No questionário sócio-cultural (ver anexo A), ele ressaltou que nas aulas de redação não gostava de escrever nenhum tipo de texto e que costumava ler textos literários e livros de internet, apesar de não lembrar de nenhum livro que tenha lido.

Isto pode ser reflexo de atividades escolares que enfatizavam a leitura e a escrita dissociada de uma situação real, constituindo apenas mais um instrumento de avaliação utilizado pelo professor, distanciada da perspectiva do letramento que deve levar os alunos a se envolverem numa prática de elaboração de gêneros que poderão ser utilizados socialmente. Segundo Cristóvão e Nascimento (2005, p. 219), o ato de ler e escrever nunca ocorre no vazio, mas se realiza nas diferentes esferas da atividade humana, nas quais o locutor constrói seu discurso em função da identidade de seus interlocutores, da finalidade do ato comunicativo, do tema a ser explorado e das circunstâncias materiais em que se insere esse ato.

Nesse sentido, Bronckart (1999) ressalta três condições de produção dos gêneros textuais: 1) a situação de ação de linguagem, em que o agente mobiliza representações sobre os mundos na direção do contexto de produção, assim como, na direção do conteúdo temático (p. 91); 2) a ação de linguagem (p. 99), o empréstimo do intertexto (p.100). Além disso, a situação de ação de linguagem, externa e interna ou afetiva que representa “as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) que podem exercer influência sobre a produção textual (BRONCKART, 1999, p. 91). Entretanto, os conjuntos de representações sociais, ou seja, os mundos formais, não são totalmente dispostos pelo agente que apenas é auxiliado por versões particulares destes.

Em vista disso, a produção do artigo de opinião foi trabalhada como uma atividade interlocutiva, na qual os alunos-autores construíram linguisticamente os sentidos e defenderam o seu ponto de vista a respeito da profissionalização dos jovens no Brasil, desde a discussão oral dos artigos de opinião até a produção escrita do gênero em estudo. Por sabermos que os textos são realizados e organizados dentro dos gêneros textuais, os quais são relacionados a práticas sociais, consideramos estes em seus vários domínios discursivos, observando, em suas diversidades estruturais as categorias dos objetivos das produções, dos interlocutores (produtores e destinatários), do lugar de produção e dos conteúdos temáticos. Isso porque o gênero textual **artigo de opinião** decorre das condições de produção em que é utilizado, segundo o dizer, a forma, o contexto histórico e as circunstâncias de interlocução e de acordo com as finalidades e intenções comunicativas do interlocutor.

O segundo aluno-autor apresenta um avanço nas versões produzidas do ponto de vista da argumentação e da estrutura do artigo de opinião, embora persistam alguns problemas de estruturação do texto. Reflexo de uma prática de letramento, o que não ocorre com o aluno-autor do artigo de opinião (exemplo 1), visto que no questionário sócio-cultural, o aluno-autor do artigo abaixo afirmou que lia revistas, jornais e textos literários, inclusive havia lido *O Guarani*, de José de Alencar. Vejamos a seguir:



## Exemplo 2:

|  |   |
|--|---|
| <p>Os jovens estão mais capacitados</p> <p>Diversidades de vocações; de talentos; de estilo de vida; depende de sua coragem e principalmente da sua força de vontade.</p> <p>Quando falamos em profissionalização lembramos logo de trabalho, do meio profissional; atualmente o trabalho em nosso país anda muito difícil; principalmente para aquelas pessoas com idade avançada; quantas vezes escultamos as pessoas falarem: - Hoje fui procurar emprego e em todas as empresas que fui só levei: NÃO TEM MAIS VAGAS. É isso a realidade no Brasil e no nosso dia-a-dia.</p> <p>Mas para jovens essa realidade é diferente pois eles estão mais capacitados para o mercado de trabalho, os cursos profissionalizantes ajudam muito na procura do seu "PRIMEIRO EMPREGO".</p> <p>A internet também é um grande passo para jovens se profissionalizarem pois nela é contida várias informações a respeito do Brasil e do mundo.</p> <p>Veja só, como nessa rápida pincelada traçamos um perfil de um país muito desenvolvido; que não sabe usar seu desempenho; nem a sua tecnologia para um país melhor uma vida melhor, para mudar, e esse é o resultado: "FALTA EMPREGO".</p> | <p>Os jovens estão mais capacitados</p> <p>Diversidades de vocações; de talentos; de estilo de vida; depende de cada pessoa; depende de sua coragem e principalmente da sua força de vontade.</p> <p>Quando falamos em profissionalização lembramos logo de trabalho, do meio profissional; atualmente o trabalho em nosso país anda muito difícil; principalmente para aquelas pessoas com idade mais avançada; quantas vezes escultamos as pessoas falarem: - Hoje fui procurar emprego e em todas as empresas que fui só levei: NÃO TEM MAIS VAGAS. É isso a realidade no Brasil e no nosso dia-a-dia.</p> <p>Mas para jovens essa realidade é diferente pois eles estão mais capacitados para o mercado de trabalho, os cursos profissionalizantes ajudam muito na procura do seu "PRIMEIRO EMPREGO".</p> <p>A internet também é um grande passo para jovens se profissionalizarem pois nela é contida várias informações a respeito do Brasil e do mundo.</p> <p>Veja só, como nessa rápida pincelada traçamos um perfil de um país muito desenvolvido; que não sabe usar seu desempenho; nem a sua tecnologia para um país melhor uma vida melhor, para mudar, e esse é o resultado: "FALTA EMPREGO".</p> |
|--|---|

## Exemplo 2a:

|   |  |
|---|--|
| <p>Nunca se iluda</p> <p>A primeira reação de quem está dando os primeiros passos na carreira escolhida pode ser de pânico, diante da imensa tarefa de enquadrar-se nas mil e uma exigências do mercado globalizado.</p> <p>Com um diploma na mão, muita garra e nenhuma experiência no trabalho, as dúvidas começam a assaltar o futuro profissional: estou no caminho certo? Serei um bom profissional? Ofereço um bom perfil?</p> <p>O jovem que está iniciando a profissão <u>não</u> deve se iludir, porque a lista das perguntas provavelmente vai aumentar. Afinal, esse tipo de questão acompanha o início da vida profissional. A boa notícia é que há luz no final do túnel.</p> <p>O estágio, então, se revela uma boa alternativa para esclarecer as dúvidas e para que o jovem dê os primeiros passos na profissão.</p> <p>O futuro profissional não deve esperar que a empresa cuide de sua carreira. Pelo contrário, deve ficar atento ao que pode oferecer para a empresa.</p> <p>Portanto, o estudante que quiser apresentar um bom perfil no futuro deve ter espírito crítico em relação à sua atuação.</p> | <p>Nunca se iluda</p> <p>A primeira reação de quem está dando os primeiros passos na carreira escolhida pode ser de pânico, diante da imensa tarefa de enquadrar-se nas mil e uma exigências do mercado globalizado.</p> <p>Com um diploma na mão, muita garra e nenhuma experiência no trabalho, as dúvidas começam a assaltar o futuro profissional: estou no caminho certo? Serei um bom profissional? Ofereço um bom perfil?</p> <p>O jovem que está iniciando a profissão <u>não</u> deve se <u>iludir</u>, porque a lista das perguntas provavelmente vai aumentar. Afinal, esse tipo de questão acompanha o início da vida profissional. A boa notícia é que há luz no final do túnel.</p> <p>O estágio, então, se revela uma boa alternativa para esclarecer as dúvidas e para que o jovem dê os primeiros passos na profissão.</p> <p>O futuro profissional não deve esperar que a empresa cuide de sua carreira. Pelo contrário, deve ficar atento ao que pode oferecer para a empresa.</p> <p>Portanto, o estudante que quiser apresentar um bom perfil no futuro deve ter espírito crítico em relação à sua atuação.</p> |
|---|--|

## Exemplo 2b:

|   |  |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">Nunca se iluda</p> <p>A primeira reação de quem está dando os primeiros passos na carreira escolhida pode ser de pânico, diante da imensa tarefa de enquadrar-se nas mil e uma exigências do mercado globalizado.</p> <p>Com um diploma na mão, muita garra e nenhuma experiência no trabalho, as dúvidas começam a assaltar o futuro profissional: estou no caminho certo? Serei um bom profissional: ofereço um bom perfil?</p> <p>O jovem que está iniciando a profissão não deve se iludir, porque a lista das perguntas provavelmente vai aumentar. Afinal, esse tipo de questão acompanha o início da vida profissional. A boa notícia é que há luz no final do túnel.</p> <p>O projeto do Ministério da Educação, de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva 50% das vagas aos estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, durante dez anos.</p> <p>Os estudantes das escolas públicas são igualmente inteligentes aos das escolas privadas, e eles não podem ficar dependentes das políticas de cotas, para constituir seu futuro profissional. Nós estudantes, devemos tentar mudar essa situação, para podermos ter um futuro de oportunidades e de grandes acontecimentos. Como afirma Lemuel Guerra, professor de sociologia, da Universidade Federal de Campina Grande "não se trata de ignorar as desigualdades existentes nas realidades concretas com as quais nos deparamos", sem enfrentá-las para termos um futuro digno.</p> <p style="text-align: right;">2/6</p> | <p style="text-align: center;">Nunca se iluda</p> <p>A primeira reação de quem está dando os primeiros passos na carreira escolhida pode ser de pânico, diante da imensa tarefa de enquadrar-se nas mil e uma exigências do mercado globalizado.</p> <p>Com um diploma na mão, muita garra e nenhuma experiência no trabalho, as dúvidas começam a assaltar o futuro profissional: estou no caminho certo? Serei um bom profissional: Ofereço um bom perfil?</p> <p>O jovem que está iniciando a profissão não deve se iludir, porque a lista das perguntas provavelmente vai aumentar. Afinal, esse tipo de questão acompanha o início da vida profissional. A boa notícia é que há luz no final do túnel.</p> <p>O projeto do Ministério da Educação, de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva 50% das vagas aos estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, durante dez anos.</p> <p>Os estudantes das escolas públicas são igualmente inteligente aos das escolas privadas, e eles não podem ficar dependentes das políticas de cotas, para constituir seu futuro profissional. Nós estudantes, devemos tentar mudar essa situação, para podermos ter um futuro de oportunidades e de grandes acontecimentos. Como afirma Lemuel Guerra, professor de sociologia, da Universidade Federal de Campina Grande "não se trata de ignorar as desigualdades existentes nas realidades concretas com as quais nos deparamos" e sim enfrenta-las para termos um futuro digno.</p> <p>S.S.R</p> |
|---|--|

Como pudemos perceber, o aluno-autor (2) apresenta uma familiaridade maior com o texto escrito, dado o provável contato com práticas sociais orais e escritas que eram inseridas num conjunto de valores, enfatizando o domínio do código e sua funcionalidade. Para Marcuschi (2001, p. 37), essas práticas de letramento estão relacionadas a situações de poder social e são etnograficamente situadas.

Sabemos que a produção de textos deve ser o momento culminante no processo de aprendizado da língua e percebemos a importância da seqüência tipológica argumentativa para a escrita do artigo de opinião. Desta forma, constatamos que o aluno deve ser motivado e sentir-se seguro para a elaboração do gênero, contribuir concretamente para uma comunicação que favoreça um contato mais próximo da realidade física e social.

Observemos que a última versão do aluno-autor (exemplo 2b) apresenta algumas modificações em relação à segunda versão em que as alterações se iniciaram através do novo título do artigo de opinião, mais crítico (*Nunca se iluda*). Nesse sentido, foram inseridas na seqüência argumentativa indagações (*estou no caminho certo? Serei um bom profissional? Ofereço um bom perfil?*) que remetem aos eventuais leitores do jornal, ao mesmo tempo em que se sugere a tese que será o ponto de partida para a discussão do artigo de opinião (*as dificuldades do primeiro emprego*).

Importa lembrar que essas perguntas deixam, inicialmente, subentendida a resposta negativa a essa pergunta (*O jovem que está iniciando a profissão não deve se iludir, porque a lista das perguntas provavelmente vai aumentar. Afinal, esse tipo de questão acompanha o início da vida profissional*). Em seguida, o aluno-autor aponta alternativas, como estágio e espírito crítico para solucionar a falta de emprego no Brasil. Note-se que ele utiliza uma oração adverbial final: *para que o jovem dê os primeiros passos na profissão como alternativa de superar o desemprego através do estágio*.

As inadequações lingüísticas na macroestrutura e na microestrutura textual só emergiram devido ao desembaraço do aluno para escrever, uma vez que esse foi o texto mais longo produzido na turma. O primeiro parágrafo da primeira versão estava muito confuso (*Diversidades de vocações; de talentos; de estilo de vida; depende de cada pessoa; depende de sua coragem e principalmente da sua força de vontade.*). Em contrapartida, a segunda versão apresentou uma significativa evolução já que as idéias confusas explicitadas foram eliminadas (*A primeira reação de quem está dando os primeiros passos na carreira escolhida pode ser de pânico, diante da imensa tarefa de enquadrar-se nas mil e uma exigências do mercado globalizado.*)

Após a reescritura coletiva do artigo de opinião realizada antes do individual, a professora-pesquisadora motivou uma nova discussão para, junto com todos os alunos perceberem a funcionalidade do artigo de opinião e sugerirem as modificações coerentes dentro da seqüência tipológica argumentativa.

Nas atividades de análise lingüística, desenvolvidas a partir da reescritura dos artigos de opinião, quando o gênero textual em estudo foi recontextualizado para o espaço complexo da sala de aula, algumas vezes, houve mudanças de suporte (contexto jornalístico), as quais, por sua vez, propiciaram transformações no gênero. Neste estudo, estamos compreendendo a recontextualização como os deslocamentos sofridos pelos gêneros dos domínios não-escolares para o domínio escolar. Nesse sentido, o gênero textual pode não ser ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros (Dolz & Schneuwly, 2004, p.79).

Essas atividades lingüísticas orientadas pela perspectiva do gênero textual podem contribuir para o desenvolvimento do letramento. Para tal propósito, faz-se necessário o alinhamento entre os exercícios de práticas escolares de leitura de

produção textual e de análise lingüística todos informados pelas noções teóricas de gênero textual e letramento.

Isso mostra a instrução da professora para que os alunos elaborassem os artigos de opinião. Tomando como referência as categorias caracterizadoras do artigo de opinião para modelar o gênero, o trabalho da professora-pesquisadora teve como escopo o esclarecimento das passagens textuais incompreendidas pelos alunos, refletindo acerca de estratégias de discussão do assunto abordado no exercício como exercício de leitura.

Para adequar o texto dos alunos ao artigo de opinião, a partir da segunda versão (exemplo 2a), instituímos nas atividades de reescritura o uso dos bilhetes enquanto instrumentos de mediação para o encaminhamento da reescrita. O conteúdo temático e a estrutura composicional são categorias do gênero, respectivamente, mobilizadas com maior recorrência nos bilhetes, assim como realizado no ensino de texto da tradição do ensino de língua materna. Veja o exemplo a seguir:

**Exemplo 3:**

*O seu texto está bom, apenas precisa de alguns ajustes:*

- Melhorar o parágrafo inicial porque algumas idéias estão confusas. Lembre-se de que o seu artigo de opinião poderá ser publicado no jornal;*
- Corrigir as inadequações ortográficas e*
- Adicionar argumentos mais convincentes, você leu muitos textos a respeito dessa temática.*

*Você conseguirá!!!!*

*Beijos*

*Professora Fernanda*

As alterações sugeridas no nível pragmático-discursivo implicam em algumas modificações na materialidade textual. Essas modificações são sinalizadas na orientação apresentada no bilhete que se configurou como um novo evento de letramento para os alunos. Originalmente idealizado como instrumento de mediação que auxiliaria os alunos durante a reescritura, o bilhete proporcionou pouco resultado nesse sentido, pois a professora-pesquisadora precisou explicar oralmente as orientações escritas a cada aluno. Por outro lado, o bilhete ajudou a orientação oral solicitada pelos alunos, pois corroborava a lembrança do encaminhamento dado ao texto. Acreditamos que a insistência no uso desse instrumento certamente permitiria a familiarização progressiva dos alunos, o que possibilitaria um uso mais produtivo.

O elogio foi utilizado para motivar a participação dos alunos (*O seu texto está bom*), tentando evitar a não-adesão à prática da reescritura, que alguns alunos insistiam em conceber como uma atividade de “passar a limpo”, significando simplesmente copiá-lo numa folha limpa evitando rasuras. Esses elogios parecem ter motivados os alunos a participarem das aulas, contribuindo conseqüentemente para a sua construção enquanto aprendizes de leitura e escrita.

Para as correções a professora-pesquisadora esquematizou um encaminhamento a ser realizado para solucionar as inadequações lingüísticas apontadas. As correções gramaticais ou ortográficas foram deixadas pela professora-pesquisadora para um segundo momento, o seu interesse inicial consistia em auxiliar os alunos a organizar as informações textuais de forma minimamente coerente para a produção do artigo de opinião.

Ao inserir os alunos nesse tipo de evento de letramento escolar priorizamos o domínio do artigo de opinião para as exigências comunicativas mediadas pela escrita com as quais eles possam se deparar em domínios não-escolares. Em outras palavras, os alunos foram inseridos em um ritual de produção do artigo de opinião, sem interesse

exclusivo da professora-pesquisadora em realizar exercícios metalingüísticos sobre o gênero trabalhado em sala de aula.

Comparando-se a última versão (exemplo 2b) com a segunda (exemplo 2a), percebemos uma pequena, mas significativa modificação, visto que foram inseridos na seqüência argumentativa os argumentos de autoridade, conforme exemplo a seguir:

#### Exemplo 4:

*O projeto do Ministério da Educação, de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva 50% das vagas aos estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, durante dez anos. Como afirma Lemuel Guerra, professor de sociologia, da Universidade Federal de Campina Grande “não se trata de ignorar as desigualdades existentes nas realidades concretas com as quais nos deparamos” e sim enfrenta-las para termos um futuro digno.*

O terceiro aluno-autor constrói o artigo de opinião defendendo a posição da necessidade da profissionalização para se conseguir um bom emprego. Conforme demonstrado nas versões abaixo:

#### Exemplo 5:

|   |   |
|---|---|
| <p><i>Profissionalização, tão difícil no nosso país.</i></p> <p><i>Nos dias de hoje, o mercado de trabalho exige cada vez mais de seus profissionais. O mercado de trabalho está cada vez mais concorrido, só se sobressaem os mais qualificados.</i></p> <p><i>Infelizmente nossos governantes não investem o necessário para os estudantes se formarem qualificados podendo ser competitivo no mercado de trabalho, não criam programas destinados à profissionalização de sua população.</i></p> <p><i>Uma das formas de procurar a profissionalização e assim se tornar competitivo no mercado é fazendo cursos profissionalizantes, infelizmente não temos condições financeiras, para estarmos pagando estes cursos.</i></p> <p><i>Os alunos da rede pública, pelo fato de terem uma condição mais difícil não tem como investir na sua educação.</i></p> | <p><i>Profissionalização; tão difícil no nosso país.</i></p> <p><i>Nos dias de hoje, o mercado de trabalho exige cada vez mais de seus profissionais. O mercado de trabalho está cada vez mais concorrido, só se sobressaem os mais qualificados.</i></p> <p><i>Infelizmente nossos governantes não investem o necessário para os estudantes se formarem qualificados podendo ser competitivo no mercado de trabalho, não criam programas destinados à profissionalização de sua população.</i></p> <p><i>Uma das formas de procurar a profissionalização e assim se tornar competitivo no mercado é fazendo cursos profissionalizantes, infelizmente não temos condições financeiras, para estarmos pagando estes cursos.</i></p> <p><i>Os alunos da rede pública, pelo fato de terem uma condição mais difícil não tem como investir na sua educação.</i></p> |
|---|---|



### Exemplo 5a:

| Em busca de um futuro melhor   | Em busca de um futuro melhor  |
|--|---|
| <p>Situadamente se profissionalizar é uma necessidade, pois sem ela é impossível se manter no mercado de trabalho. Em um país em que as vagas de trabalho, estão cada vez, sendo limitadas, grande parte geradas pela automação, não se profissionalizar é se excluir do mundo de trabalho.</p> <p>Os principais prejudicados são os jovens de baixa renda, iniciando sua vida profissional sem estrutura, o primeiro obstáculo, é a exigência, como ter experiência se nunca estiver empregado.</p> <p>É necessário que os nossos governantes se conscientizem tome medidas que visem abrandar essa falha nos pilares da política social, o não investimento na construção de escolas profissionalizantes, que possam atender os jovens carentes, implicar na exclusão da concorrência, cada vez mais voraz do mercado de trabalho.</p> <p>Uma iniciativa de melhorar essa falha, é o estabelecimento de cotas, política que pretende instituir em todas as instituições federais a reserva de 50% das vagas aos estudantes que cursavam todo o ensino médio em escolas públicas, durante dez anos, Projeto que já entrou em pauta diversas vezes, mas que simplesmente ainda não foi votado.</p> <p>Essa política sem os devidos investimentos não poderá ser posta em prática, pois o aluno de escola pública não conseguirá se manter no ensino superior, o custo de sua manutenção é altíssimo, sua venda não será suficiente para suprir suas necessidades no ensino superior.</p> <p>Esperamos ansiosamente por mudanças que façam mudar esse quadro injusto, com os jovens carentes do nosso país; só assim acreditaremos em um futuro melhor.</p> | <p>Atualmente se profissionalizar é uma necessidade, pois sem ela é impossível se manter no mercado de trabalho. Em um país em que ela é impossível se manter no mercado de trabalho, estão cada vez mais, sendo limitadas, grande parte geradas pela automação, não se profissionalizar é se excluir do mundo de trabalho.</p> <p>Os principais prejudicados são os jovens de baixa renda, iniciando sua vida profissional sem estrutura, o primeiro obstáculo, é a exigência como ter experiência se nunca estiver empregado.</p> <p>É necessário que os nossos governantes se conscientizem tome medidas que visem abrandar essa falha nos pilares da política social, o não investimento na construção de escolas profissionalizantes, que possam atender os jovens, implicar na exclusão da concorrência, cada vez mais voraz do mercado de trabalho.</p> <p>Uma iniciativa de melhorar essa falha, é o estabelecimento de cotas, política que pretende instituir em todas as instituições federais a reserva de 50% das vagas aos estudantes que cursavam todo o ensino médio em escolas públicas, durante dez anos. Projeto que já entrou em pauta diversas vezes, mas que infelizmente ainda não foi votado.</p> <p>Essa política sem os devidos investimentos não poderá ser posta em prática, pois o aluno de escola pública não conseguirá se manter no ensino superior, o custo de sua manutenção é altíssimo, sua venda não será suficiente para suprir suas necessidades no ensino superior.</p> <p>Esperamos ansiosamente por mudanças que façam mudar esse quadro injusto, com jovens carentes do nosso país; só assim acreditaremos em um futuro melhor.</p> |

**Exemplo 5b:**

|   |   |
|---|---|
| <p><u>Jovem profissionalizado: sonho ou realidade?</u></p> <p>No Brasil, as oportunidades de emprego estão muito limitadas, provenientes da mecanização das empresas, buscam a profissionalização se tornou uma necessidade de ingressarmos e nos mantermos no mercado de trabalho.</p> <p>Nesse sentido, a sociedade contemporânea apresenta uma das categorias mais desfavorecidas são os jovens de classe média baixa, que iniciam uma vida profissional sem estrutura e qualificação, um dos primeiros obstáculos com o qual o jovem se depara é a escolha de sua profissão e a exigência de experiência. Muitos pais e orientadores vocacionais acabam sugerindo "fazer o que se gosta" um conselho confuso e, às vezes, equivocado. Seria um mundo perfeito se as coisas que queremos fazer coincidissem exatamente com o que a sociedade acha importante ser feito.</p> <p>Stephen Kanitz, articulista da Revista Veja, afirma que "Se quiser procurar algo, descubra suas habilidades naturais, que permitirão que realize seu trabalho com distinção e o colocarão à frente dos demais". Assim, a escolha da profissão deve ser o resultado de um processo que envolve habilidades e motivação em detrimento do interesse apenas financeiro. Entretanto, aos jovens carentes não é dado o direito de sonhar, é um parar de sonhar e pensar na sobrevivência, exercendo profissões de babá, faxineira e office-boy.</p> <p>Nossos governantes nada fazem de concreto e eficaz para mudar esse quadro caótico, faz-se necessário que o governo inove as políticas sociais, é cabível que destinem bolsas gratuitas em escolas profissionalizantes, possibilitando aos jovens a oportunidade de profissionalizar-se. Como acreditar em um futuro melhor, se não está sendo investido o suficiente na nossa geração.</p> <p>O projeto do Ministério da Educação de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva de 50% das vagas aos estudantes que tiveram nota inferior Média em escolas públicas, durante dez anos. Sem as devidas investimentos, essas medidas de reservas em universidades não reduzem as portas em prática, devido aos altos custos de um aluno para se manter na universidade, tanto nos parti-</p> | <p><b>Jovem profissionalizado: sonho ou realidade?</b></p> <p>No Brasil, as oportunidades de emprego estão muito limitadas, provenientes da mecanização das empresas. Buscar a profissionalização se tornou uma necessidade constante, pois sem a mesma não teremos possibilidade de ingressarmos e nos mantermos no mercado de trabalho.</p> <p>Nesse sentido, a sociedade contemporânea apresenta uma das categorias mais desfavorecidas são os jovens de classe média baixa, que iniciam uma vida profissional sem estrutura e qualificação. Um dos primeiros obstáculos com o qual o jovem se depara é a escolha de sua profissão e a exigência de experiência. Muitos pais e orientadores vocacionais acabam sugerindo "fazer o que se gosta" um conselho confuso e, às vezes, equivocado. Seria um mundo perfeito se as coisas que queremos fazer coincidissem exatamente com o que a sociedade acha importante ser feito.</p> <p>Stephen Kanitz, articulista da Revista Veja, afirma que "Se quiser procurar algo, descubra suas habilidades naturais, que permitirão que realize seu trabalho com distinção e o colocarão à frente dos demais". Assim, a escolha da profissão deve ser o resultado de um processo que envolve habilidades e motivação em detrimento do interesse apenas financeiro. Entretanto, aos jovens carentes não é dado o direito de sonhar, e sim parar de sonhar e pensar na sobrevivência, exercendo profissões de babá, faxineira e office-boy.</p> <p>Nossos governantes nada fazem de concreto e eficaz para mudar esse quadro caótico, faz-se necessário que o governo inove as políticas sociais, é cabível que destinem bolsas gratuitas em escolas profissionalizantes, possibilitando aos jovens a oportunidade de profissionalizar-se. Como acreditar em um futuro melhor, se não está sendo investido o suficiente nos jovens da nossa nação.</p> <p>O projeto do Ministério da Educação de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva de 50% das vagas aos</p> |
|---|---|

Como nos países,

De acordo com Gustavo Petta, presidente da UNE, "Se não houver a inclusão de recursos para despesas como alimentação, transporte, livros e xérox aos possíveis beneficiados, as medidas ficarão insuficientes". Essa é uma medida paliativa, que contém um quê de reconhecimento do mundo de retardos, da inferioridade e de incapacidade para os desiguais nas universidades. O sistema de cotas para os alunos das escolas públicas foi defendido com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais e está criando um abismo, porque esses alunos se sentem inferiorizados.

Os estudantes das escolas públicas são igualmente inteligentes aos das escolas privadas e não podem ficar dependentes das políticas de cotas, para construir seu futuro profissional, como afirma Demétrio Magnoli, editor do jornal Mundo - geografia e política internacional "No fundo, as cotas reintroduzem, pela porta dos fundos, a crença racista segundo a qual existe alguma relação entre a capacidade intelectual e a condição social de um indivíduo ou a cor da pele".

Desde que se melhore o sistema de ensino público da educação básica a universitária com professores valorizados e preparados, capazes de preparar seus alunos para questionar, escolher bem e construir um projeto de vida, uma escola que não finja ser uma espécie de pseudofamília, como se estudar fosse desinteressante na formação dos indivíduos que dela faz parte, e que haja uma revolução institucional, confirmando o princípio de que todos têm direitos iguais.

Logo, esperamos que nosso poder executivo crie medidas que modifiquem essa carência no quadro educacional e profissional do nosso país e que seja dado aos nossos jovens de escolas públicas a oportunidade de escolher uma profissão e lutar por ela, vendo seus sonhos se transformarem em realidade.

estudantes que cursam todo o Ensino Médio em escolas públicas, durante dez anos. Sem os devidos investimentos, essas reservas de vagas nas universidades não poderão ser postas em prática, devido aos altos custos de um aluno para se manter na universidade, tanto nas particulares como nas federais.

De acordo com Gustavo Petta, presidente da UNE, "Se não houver a inclusão de recursos para despesas como alimentação, transporte, livros e xérox aos possíveis beneficiados, as medidas ficarão insuficientes". Essa é uma medida paliativa, que contém um quê de reconhecimento de retardos, da inferioridade e de incapacidade para os desiguais nas universidades. O sistema de cotas para os alunos das escolas públicas foi defendido com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais e está criando um abismo, porque esses alunos se sentem inferiorizados.

Os estudantes das escolas públicas são igualmente inteligentes aos das escolas privadas e não podem ficar dependentes das políticas de cotas, para construir seu futuro profissional, como afirma Demétrio Magnoli, editor do jornal Mundo - geografia e política internacional "No fundo, as cotas reintroduzem, pela porta dos fundos, a crença racista segundo a qual existe alguma relação entre a capacidade intelectual e a condição social de um indivíduo ou a cor da pele".

Desde que se melhore o sistema de ensino público da educação básica a universitária com professores valorizados e preparados, capazes de preparar seus alunos para questionar, escolher bem e construir um projeto de vida, uma escola que não finja ser uma espécie de pseudofamília, como se estudar fosse desinteressante na formação dos indivíduos que dela faz parte, e que haja uma revolução institucional, confirmando o princípio de que todos têm direitos iguais.

Logo, esperamos que nosso poder executivo crie medidas que modifiquem essa carência no quadro educacional e profissional do nosso país e que seja dado aos nossos jovens de escolas públicas a oportunidade de escolher uma profissão e lutar por ela, vendo seus sonhos se transformarem em realidade.

P.S

Considerando as versões do artigo de opinião do aluno-autor (exemplos 5, 5a, 5b), podemos constatar uma evolução significativa na produção escrita, já que o aluno apresenta na última versão uma série de argumentos para assegurar o seu posicionamento (*a falta de qualificação dos jovens de classe média baixa, a relevância de se fazer o que se gosta, as incoerências das políticas de cotas e a carência de investimentos no sistema de ensino público*), apresentado em sua produção escrita a seqüência tipológica argumentativa.

Nesse sentido, a última versão produzida pelo aluno-autor, após atividades de reescritura realizadas individualmente ou com o auxílio da professora-pesquisadora, consegue alcançar um bom resultado desta experiência didática.

Desde o título houve modificações (*Profissionalização; tão difícil no nosso país - Em busca de um futuro melhor - Jovem profissionalizado: sonho ou realidade*), as escolhas lexicais também foram alteradas com a revisão do artigo de opinião (*Nos dias de hoje Atualmente - No Brasil*), inserção de argumentos de autoridade e comentários a respeito da temática da profissionalização dos jovens no Brasil:

#### **Exemplo 6:**

*O projeto do Ministério da Educação de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva de 50% das vagas aos estudantes que cursam todo o Ensino Médio em escolas públicas, durante dez anos. Sem os devidos investimentos, essas reservas de vagas nas universidades não poderão ser postas em prática, devido aos altos custos de um aluno para se manter na universidade, tantos nas particulares como nas federais...*

*De acordo com Gustavo Petta, presidente da UNE, "Se não houver a inclusão de recursos para despesas como alimentação, transporte, livros e xérox aos possíveis beneficiados, as medidas ficarão insuficientes". Essa é uma medida paliativa, que contém um quê de reconhecimento de retardo, da inferioridade e de incapacidade para os desiguais nas universidades. O sistema de cotas para os alunos das escolas públicas foi defendido com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais e está criando um abismo, porque esses alunos se sentem inferiorizados...*

Por introduzirmos o artigo de opinião sempre de forma contextualizada, os alunos-autores demonstraram na última versão um bom desempenho, uma vez que se sentiam provavelmente influenciados pela possibilidade de ter o seu texto publicado no Jornal da Paraíba e no Correio da Paraíba. Talvez essa mudança seja o fato de que o aluno-autor dos exemplos 5, 5a, 5b também apresentar contato com práticas de letramento, conforme afirmou no questionário sócio-cultural que tinha o hábito de ler revistas, livros e jornais, embora tivesse dificuldade de redigir textos por falta de argumento e conhecimento mais amplo.

Muitas mudanças ocorreram na macroestrutura do texto, sobretudo, referentes à primeira produção do artigo de opinião. Como no exemplo 5 em que o enunciado (*Os alunos da rede pública, pelo fato de terem uma condição mais difícil não terem como investir na sua educação*) foi ampliado ao exemplo 5b para (*Logo, esperamos que nosso poder executivo crie medidas que modifiquem essa carência no quadro educacional e profissional do nosso país e que seja dada aos nossos jovens de escolas públicas a oportunidade de escolher uma profissão e lutar por ela, vendo seus sonhos se transformarem em realidade*).

O exemplo acima confirma o fato de que, dispondo de tempo para formular suas produções, recebendo orientações de um professor e tendo um objetivo claramente definido, os alunos melhoram progressivamente a aprendizagem. Assim, observamos como os alunos-autores de três produções escritas na última versão, adotaram e adaptaram o modelo protótipo do artigo de opinião jornalístico apresentado em sala de aula, levando em consideração a função social do gênero escolar e as suas condições de produção.

Segundo Bronckart (1999) a seqüência de base argumentativa é constituída por quatro fases: 1) Fase de premissas – em que se propõe uma constatação de partida; 2) Apresentação de argumentos – em que se apresentam elementos que orientam para uma conclusão provável; 3) Fase de contra-argumentos, na qual se operam uma

restrição em relação à orientação argumentativa; 4) conclusão ou nova tese, na qual se integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos. Esta é uma seqüência em que o interlocutor expressa idéias ou representações relativas a um tema dado, instigando a opinião, atitude ou comportamento de um interlocutor tornando crível ou aceitável um enunciado que se desenvolve em argumento, dados ou razões.

O autor acrescenta ainda que a escolha da seqüência argumentativa evidencia que o agente produtor julga que um dos aspectos tratados no texto pode ser contestado pelo destinatário; em virtude disso, o agente produtor escolhe essa seqüência levando em consideração os conhecimentos, as atitudes e os sentimentos do destinatário

Do ponto de vista da organização estrutural elementar clássica, a argumentação é o silogismo, em que se tem a relação entre as premissas e a conclusão. As formas de raciocínio que apóiam a argumentação apresentam uma seqüência de proposições que se organizam progressiva ou regressivamente, utilizando-se de raciocínio indutivos ou dedutivos. É importante notar que esse modelo pode ser realizado nos gêneros de forma mais simplificada, partindo da premissa à conclusão, deixando implícitas outras fases do protótipo, ou de forma mais complexa, reintegrando argumentos e contra-argumentos às premissas que se sucedem.

Assim, as seqüências só são instauradas como tal com base na motivação do agente produtor em relação à representação que tem do destinatário de seu texto e do efeito que nele deseja produzir. A utilização de um protótipo de seqüência é, pois, resultante de uma decisão estratégica interativa do agente-produtor e por isso tem um caráter fundamentalmente dialógico.

Esse protótipo é predominante na organização do conteúdo temático dos textos analisados em que os alunos-autores tentam convencer o leitor do artigo de opinião que a profissionalização dos jovens é vital para um futuro próspero. Conforme exemplo abaixo:

### Exemplo 7:

Tese

A profissionalização é necessária para o futuro

↓

Argumentos

A educação influencia num bom trabalho.

Falta de oportunidades para os jovens.

A desigualdade social e o racismo são as causas do desemprego

↓

Conclusão

Devemos vencer as adversidades e nos profissionalizarmos.

No esquema apresentado pela professora-pesquisadora, o aluno-autor (exemplo 1b) inicia o texto com a formulação de sua tese, a qual é construída a partir do senso comum: todo jovem deve buscar a profissionalização para obter um futuro melhor. Para a defesa dessa tese, o aluno-autor (exemplo 1b) apresenta três argumentos que estavam mal estruturados sintaticamente:

### Exemplo 8:

*A educação influe muito na nossa capacidade física e mental.  
Quando a exercemos estamos fazendo um bom trabalho.*

*Uma coisa que está prejudicando todos os jovens, é a falta de  
oportunidade e os governantes que não implantam nada para ajudar os  
jovens.*

*O que está ocorrendo tudo é a desigualdade social, o racismo. Os  
políticos deveriam colocar mais fábricas no brasil.*

Observamos que não há elementos coesivos que dêem sustentação à defesa da tese explicitada. Após a apresentação dos seus argumentos, o aluno-autor concluiu seu texto apoiado em valores subjetivos que não dão força argumentativa à defesa do seu ponto de vista a respeito da temática discutida em sala de aula. Isso ocorre devido ao delineamento de uma proposta de solução para o problema, quando

explicita que todos devem esquecer as desigualdades existentes no Brasil e buscar a profissionalização.

Bronckart (1999, p.97) afirma que os conhecimentos do agente-produtor variam de acordo com sua experiência e com o estoque de informações que este possui em sua memória e que possibilita colocar a linguagem em ação.

Os exemplos (2b) e (5b) apresentam uma seqüência argumentativa que está bem organizada, seguindo a planificação proposta por Bronckart (op. cit.). Vejamos, os esquemas desses textos a seguir:

**Exemplo 9:**

Tese

As dificuldades do primeiro emprego

↓

Argumentos

Indagações sobre o futuro profissional.

Desilusão dos iniciantes com a profissionalização.

↓

Contra-argumento

Diante das desilusões há soluções, como a política de cotas do governo federal.

↓

Conclusão

Os estudantes das escolas públicas devem buscar a profissionalização, mostrando suas capacidades intelectuais e não ficando dependentes de políticas de cotas.

**Exemplo 10:**

Tese

A necessidade da profissionalização para se conseguir um bom emprego.

↓

Argumentos

A falta de qualificação dos jovens de classe média baixa.

A relevância de se fazer o que se gosta.



As incoerências das políticas de cotas.

A carência de investimentos no sistema de ensino público.

↓

Contra-argumentos

1. Os jovens carentes não podem fazer o que gostam.

2. Os estudantes de escolas públicas são igualmente inteligentes aos das escolas privadas

↓

Conclusão

O poder executivo deve criar medidas que modifiquem essa carência no quadro educacional e profissional do nosso país.

Comparando-se os exemplos (2b) e (5b), verificamos que o aluno-autor do texto (exemplo 5b) expõe seu posicionamento acerca do tema “A profissionalização dos jovens no Brasil” com maior destreza e possui uma maior habilidade para manejar os recursos lingüísticos necessários à organização da estrutura formal argumentativa (*tese, argumentos, contra-argumentos e conclusão*) do seu texto. Em vista disso, elegemos em acordo com os alunos o artigo de opinião produzido pelo aluno autor (exemplo 5b) para ser publicado no Jornal da Paraíba (ver anexo G).

Entretanto, a publicação não dependia apenas da avaliação da professora-pesquisadora, pois necessitava do parecer do editor-chefe do Jornal da Paraíba para que fosse publicado o artigo de opinião. Para isso, realizamos uma entrevista com os editores-chefes do Jornal da Paraíba e do Correio da Paraíba (ver anexo F) que apresentaram uma visão sobre o artigo de opinião, defendendo a utilização de uma estrutura rígida na produção desse gênero jornalístico, que não deve ser desrespeitada. Vejamos um fragmento da entrevista com os jornalistas:

#### **Exemplo 11:**

*Entrevista com o editor-chefe do Jornal da Paraíba*

*P: Como/ se configura o artigo de opinião?*

*E1: é um texto formal //um:: que deve ter uma introdução/com as idéias principais um desenvolvimento com os argumentos // que Você quer*

*defender / ah // deve ser escrito por um articulista::uma pessoa de respaldo / ou um especialista de alguma área do conhecimento // e:: por fim uma conclusão que reafirme // o que você defendeu*

*P: O senhor considera esse texto (artigo de opinião do aluno 3) como:: um::artigo de opinião? Ele está adequado aos critérios de publicação / determinados pelo jornal?*

*E1: COM CERTEZA / está dentro da estrutura que o jornal determina / apresenta:: uma introdução que inicialmente defende / UM:: ponto de vista. Em seguida // apresenta os argumentos e:: conclui / Esse texto/ realmente foi redigido por / um aluno da Escola Pública? Ele está muito bom// parece que:: o aluno Leu bastante// Não tenho a menor dúvida/ de que// esse texto está adequado aos padrões editoriais do nosso jornal*

### **Exemplo 12:**

*Entrevista com o editor-chefe do Correio da Paraíba*

*P: Como/ se configura:: o artigo de opinião?*

*E2: é um:: texto que // um especialista vinculado ao Jornal defende seu ponto de vista // a respeito de determinado tema / que / às vezes é:: um pouco polêmico / ah // .também pode ser aberto para pessoas da comunidade // vem num espaço:: destinado a opinião // .Eu redijo:: começando pela apresentação das idéias / que vou defender / faço a argumentação e:: a:: contra-argumentação // .depois eu concluo a minha idéia para convencer o meu leitor// é:: um texto difícil de se fazer / Você tem / que dominar o assunto / que você tá escrevendo*

Como nos mostram as entrevistas acima, os jornalistas apresentam um posicionamento rígido da estrutura do artigo de opinião que, segundo Rodrigues (2000, p. 171), situa-se entre os gêneros que historicamente têm seu horizonte temático e axiológico orientado para a manifestação da expressão valorativa a respeito de acontecimentos sociais em que os participantes da interação reconhecem e assumem esse trabalho valorativo do autor.

Apesar da atitude de descrédito do editor-chefe do Jornal da Paraíba que não acreditou a priori que o artigo de opinião do aluno (exemplo 6b) fora redigido por um aluno da escola pública. O que houve, talvez, pela falta de conhecimento das atividades de reescritura que foram desenvolvidas em sala de aula. Para a confirmação da produção do aluno foram apresentadas ao editor-chefe do Jornal da Paraíba as três versões manuscritas (exemplos 5, 5a, 5b). Dessa forma, confirmamos que o artigo de opinião fora

redigido pelo aluno-autor e foi o indicado pelo editor-chefe para a publicação no Jornal da Paraíba.

No caso do artigo de opinião pode-se dizer que se trata de um gênero cuja modalidade textual preponderante é a argumentativa e de difícil redação, no sentido de transmissão de uma posição crítica. Importante observar que, ao se falar em argumentação, está se fazendo referência aos itens que compõem o nível argumentativo da linguagem, como os argumentos e contra-argumentos a fim de demonstrar o ponto de vista do agente-produtor e convencer o seu interlocutor. Dolz & Schneuwly (1996) afirmam que, com a prática de gêneros em sala de aula, os alunos desenvolvem competências relativas às seqüências.

Nas aulas de produção textual, os alunos-autores (1, 2 e 3) desenvolveram a posição social de articulistas, demonstrando constante preocupação com os leitores do jornal e a recepção desse público. A maioria não se achava capaz de produzir um texto que pudesse ser publicado em jornal da cidade, mas demonstravam entusiasmo com esse desafio. Ao estudarmos a estrutura do gênero artigo de opinião através de um artigo publicado na revista *Veja* (ver anexo B2), identificamos que os alunos-produtores desconheciam esse gênero textual. A maioria afirmou nunca ter lido um artigo de opinião e demonstrou dificuldade em analisar a estrutura do artigo de opinião. Para ilustrar esse aspecto, apresentamos um fragmento de aula em que se observa essa dificuldade:

**Exemplo 13:**

*Professora e alunos, discussão sobre a estrutura do artigo de opinião  
“Fazer o que se gosta”, de Stephen Kanitz*

*[...]*

*P: Como esse TEXTO está estruturado::?*

*A1: eu não sei porque:: estou lendo um artigo de opinião Agora // acho que tem uma estrutura difícil / né?*

*P: Vocês / concordam com o colega::?*

*A2: Eu acho também difícil // MAS eu também acho:: que ele quer // que a gente pense/ como ele::.*

*P: E // como o autor:: pensa::?*

*A3: ele pensa // que os jovens devem fazer aquilo / que gostam e escolher /uma profissão pensando / no lado afetivo // e não apenas no dinheiro // num é isso Fessora::?*

*P: Onde está // isso no texto?*

*A3: A partir do terceiro parágrafo // eu acho:: que ele tenta/ fazer a gente entender / que a escolha de uma profissão:: está no:: fazer o que se gosta::*

*P: Como/ o autor inicia:: o artigo de opinião?*

*A4: Ai / ai // como é difícil esse //Tal de artigo de opinião // é longo // difícil // acho que ninguém aqui vai fazer um desses não:: professora, ninguém gosta de ler/ nessa turma // e para escrever bem é:: preciso LER*

*P: Será? Eu fiz uma pergunta // como o autor inicia/ o artigo de opinião?*

*A2: Com as idéias da confusão// das pessoas escolhe r// uma profissão::*

*A5: Agora entendi// o autor quer que todo mundo / pense que nem ele // desse modo os políticos tenta fazer // a gente votar nele, eu vi na televisão, isso é persua//dissãoXXXX, não é isso//fessora?*

*P: É SIM // como o colega explicou /nesse artigo o autor tenta defender o seu ponto de vista // as suas idéias a respeito da escolha de uma profissão /se vocês tivessem que convencer alguém da importância de uma profissão:: quais os recursos de convencimento Vocês utilizariam?[...]*

Observemos que a preocupação dos alunos por não conseguir redigir o artigo de opinião devido à falta de contato com o gênero em estudo foi constante, eles perceberam durante a discussão da estrutura do artigo de opinião a relevância da leitura para a produção do gênero em questão. Este momento de conscientização do papel da leitura e da escrita proporcionou aos alunos um desafio a ser vencido, tendo em vista que, nesta situação, os leitores seriam outros, diferentemente dos que eles estavam acostumados (professores e colegas).

Dessa forma, era importante refletir sobre a estrutura do gênero em estudo, o papel do articulista e sobre o público leitor do jornal onde seria publicado o artigo de

opinião. Isso contribuiu para que o estudo dos mecanismos lingüísticos argumentativos fosse realizado de forma interativa e, portanto, mais próxima de sua realização empírica.

Durante as aulas sobre o gênero artigo de opinião, os alunos-autores estavam desenvolvendo a habilidade de argumentar num texto escrito formal que, segundo Bonini (2005), será transferido para o próximo gênero em que esta seqüência pode ocorrer (a crítica ou a resenha, por exemplo) e pautado na instância social de ocorrência dos gêneros.

Em suma, os alunos-autores (1, 2 e 3) se aproximam do protótipo da seqüência argumentativa apresentada no modelo do artigo de opinião jornalístico. Segundo o Manual da Folha de São Paulo esse gênero textual deve ser escrito predominantemente em terceira pessoa, apesar de expressar a posição pessoal do autor. A argumentação apela à emoção do leitor para persuadi-lo a adotar a mesma posição que o autor, explorando a tese ou o ponto de vista fundamentado por comparações, exemplificações, depoimentos, citações, pesquisas e dados estatísticos. A estrutura dessa seqüência é convencionalmente organizada em tema, tese e desenvolvimento argumentativo com linguagem clara, objetiva e impessoal que adote o padrão culto formal da língua.

É importante destacar que o artigo de opinião escolar se realiza de forma mais simplificada comportando as fases (**premissa, argumentos e conclusão**) enquanto no artigo de opinião jornalístico há uma densidade maior na organização das fases dessas seqüências. Conforme afirma Bronckart (1999), a seqüência argumentativa, como também as outras seqüências, podem se realizar de forma simplificada ou complexa o que vai definir essa realização é a escolha do agente-produtor no objetivo de alcançar uma função comunicacional com a seqüência adotada. No caso do artigo de opinião escolar, notamos que o resultado foi satisfatório uma vez que o protótipo seqüencial apresentado pelos alunos-autores apresenta informações suficientes para convencer o leitor acerca do seu ponto-de-vista sobre a profissionalização dos jovens no Brasil.

A partir das discussões relativas à seqüência tipológica argumentativa na produção escrita do artigo de opinião pelos três alunos-autores, gostaríamos de ressaltar que os alunos-autores priorizaram a seqüência argumentativa e através da atividade de reescritura individual e coletiva conseguiram produzir o gênero solicitado. Passaremos, agora a discutir a articulação coesiva através dos operadores argumentativos.

### 3.2 Os tipos de argumentos construídos pelos alunos-autores

A segunda categoria de análise enfocada neste trabalho são os tipos de argumentos construídos pelos alunos-autores, constatamos que eles partem de uma questão tematizada que gera a defesa de um posicionamento, seguida de argumentos que possam convencer o interlocutor.

Esse trabalho com o uso dos argumentos foi centrado numa prática de leitura e escrita do gênero artigo de opinião em situação escolar, cujo uso e funcionalidade se reportaram para um contexto real de comunicação, consolidando a presença desse gênero nas práticas de letramento.

O que caracteriza uma intervenção argumentativa (argumento + posicionamento) é a presença de um argumento em relação a uma determinada questão, ou seja, o posicionamento do locutor em acordo ou em desacordo ao que foi dito pelo interlocutor e a maneira como se articula argumento e posicionamento para sustentar a tese apresentada, recorrendo às lei (naturais, sociais, lógicas, jurídicas etc), à experiência, aos fatos, à causalidade etc.

Partindo do pressuposto de que o processo de argumentar se fundamenta na linguagem, a significação dos argumentos não se reduz, portanto, à verdade das premissas como preconizava a retórica. Eles ganham sentido em função discursiva, na qual são construídos.

Podemos ver, assim, dois efeitos da relação entre conhecer e argumentar: a construção de argumentos gerados pelo conhecimento, capazes de gerar outros conhecimentos e de modificar a posição do interlocutor através da persuasão ou do conhecimento, como vimos no exemplo 5b; e a ausência ou insuficiência do conhecimento podem gerar argumentos inconsistentes, neste caso, levando os alunos a apresentarem justificativas incoerentes. O exemplo 1b confirma essa proposição (*O que está ocorrendo tudo é a desigualdade social, o racismo. Os políticos deveriam colocar mais fábricas no brasil*).

Considerando que há uma relativa variação nas práticas de leitura dos alunos-autores fora da escola, o mesmo não se pode afirmar em relação aos usos que fazem da escrita no cotidiano. Esta se constitui como uma prática pouco comum no ambiente sócio-cultural de interação. Dentre os diversos gêneros textuais, a carta pessoal e o bilhete são os gêneros que se sobressaem como exemplo de escrita social presente no dia a dia dos alunos.

A partir do questionário aplicado (ver anexo A), observa-se que, no espaço da vida privada, as práticas de leitura e escrita dos alunos-autores aparecem como atividades que estão longe de cumprir uma finalidade prática, de participação e/ou intervenção nas relações sociais. Essa foi uma das preocupações da nossa investigação já que tínhamos que produzir um gênero textual argumentativo que necessitava da argumentação, conseqüentemente, de argumentos e de intervenção na vida prática.

Ao estudarmos o gênero artigo de opinião através de um artigo publicado na revista *Veja* (ver anexo B2), os alunos-produtores demonstraram dificuldades com a estrutura do gênero em estudo devido a não terem conhecimento do que era um argumento ou um contra-argumento dado à falta de contato com gêneros argumentativos. Para ilustrar esse aspecto, vamos apresentar um fragmento de aula a seguir:

#### Exemplo 14:

*Professora e alunos, discussão sobre a configuração dos argumentos no artigo de opinião “fazer o que se gosta”, de Stephen Kanitz*

*[...]*

*P: Identifiquem / no texto / os argumentos presentes?*

*A1: Acho que são / essas partes do texto:: que // defendem a tese.*

*P: Vocês concordam?*

*A2: NÃO // são o que:: o autor afirma / sobre o texto // a gente XXXX isso // acho que é:: do texto expositivo // que estudamos ano passado // Isso é:: muito difícil / fessora. Isso tem no texto / Aonde? // Não consigo:: entender esse / tal de argumento::*

Para Perelman, a argumentação implica em uma seleção prévia de fatos, valores, de uma certa linguagem e de um modo de descrição e apresentação dos argumentos que, ao serem escolhidos, manifestam uma tomada de posição. Com efeito, essa seleção é feita em função da adesão efetiva ou presumida do auditório. Pois é num tal conjunto, dentre as teses admitidas pelo seu auditório, que o orador que argumenta deverá colher as suas premissas: ele deverá, inevitavelmente, proceder a uma escolha. (PERELMAN, 1999, p. 54)

Os jornalistas entrevistados ressaltaram que um “bom artigo de opinião” deve impreterivelmente apresentar argumentos fortes para que possam persuadir o leitor de que sua tese é realmente válida, conforme afirmam no fragmento abaixo da entrevista:

#### Exemplo 15:

*E1: O Bom artigo de opinião / deve ter argumentos fortes / que chamem / a atenção do leitor // o nosso critério de seleção:: no nosso Jornal tem que:: apresentar argumentos fortes / os baseados em provas concretas ou:: sob a voz de um // especialista de:: uma pesquisa séria*

*E2: No Jornal da Paraíba / temos articulistas especialista:: em algumas áreas já:: para não haver problemas com a estrutura // do artigo de opinião / principalmente com o seu esqueleto e:: a sua vértebra principal // são os argumentos // principalmente os com comprovação científica / ou:: baseados em autoridades de renome estadual ou:: nacional // Por isso / não corremos / o risco de Publicarmos artigos de opinião / baseados no que todo / mundo já sabe // e:: vive reproduzindo*



Esta fase de seleção dos argumentos apresenta uma relação com as práticas de letramento em sua dimensão social, já que as práticas sociais orais e escritas estão inseridas num conjunto de valores que enfatizam o domínio do código e sua funcionalidade. Para Marcuschi (2001), essas práticas de letramento estão relacionadas a situações de poder social e etnograficamente situada. Como decorrência desse pensamento, podemos dizer que a escrita considerada como objeto de ensino, reúne um conjunto de habilidades e gêneros que garantem ao indivíduo uma posição também privilegiada no mundo letrado.

Nesse sentido, através do trabalho com o gênero artigo de opinião, pudemos perceber os tipos de argumentos mais usados e de que forma eles aparecem. O argumento baseado na autoridade é invocado como prova argumentativa por representar um parecer unânime de determinado grupo ou por certas categorias de homens, tais como: profetas, filósofos, cientistas entre outros. Esse tipo de argumento foi bastante criticado pela Nova Retórica pela maneira abusiva de se impor, essa escola que não descarta a sua importância, mas defende a idéia de que todo argumento carrega em si outros argumentos e podem ser refutados.

Considerando os exemplos 2, 2a, 2b, o aluno-autor apresenta um progresso do ponto de vista da argumentação e da estrutura do artigo de opinião: a primeira produção tem argumentos muito simples, pautados no senso comum (*o trabalho em nosso país anda muito difícil; principalmente para aquelas pessoas com idade mais avançada; quantas vezes escultamos as pessoas falarem: - Hoje fui procurar emprego e em todas as empresas que fui só levei: NÃO TEM MAIS VAGAS*) enquanto o exemplo 3b apresenta argumentos mais elaborados, inclusive argumentos de autoridade (*Como afirma Lemuel Guerra, professor de sociologia, da Universidade Federal de Campina Grande “não se trata de ignorar as desigualdades existentes nas realidades concretas com as quais nos deparamos” e sim enfrenta-las para termos um futuro digno*).

Esse tipo de argumento pautado na autoridade foi extraído dos textos lidos e discutidos em sala de aula, também foi utilizado por outros alunos-autores. Vejamos nos exemplos, a seguir, como o alunos-autores recorrem (1 e 3) ao Projeto do Ministério da Educação, para a necessidade de investimentos na área educacional:

**Exemplo 16:**

*O projeto do Ministério da Educação, de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva 50% das vagas aos estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, durante dez anos...*

*O projeto do Ministério da Educação de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva de 50% das vagas aos estudantes que cursam todo o Ensino Médio em escolas públicas, durante dez anos. Sem os devidos investimentos essa reserva de vaga na universidade não poderá ser posta em prática, devido aos altos custos de um aluno para se manter na universidade, tantos nas particulares como nas federais...*

Esse tipo de argumento é uma estratégia em que os alunos-produtores tomam os argumentos do texto base como um ponto de respaldo para a construção do artigo de opinião, situação em que parafraseiam esses argumentos, questionam ou negam. Dessa forma, se estabelece uma relação intertextual com o texto de que foi extraído esse argumento de autoridade, que se realiza desde a citação, como aconteceu nos exemplos acima, até a retomada de termos.

Neste caso, os alunos-autores estão fazendo uma intervenção argumentativa baseada numa autoridade institucional - O Ministério da Educação, de modo que o mesmo possa corroborar seu ponto de vista. Analisando esse fato na perspectiva enunciativa, podemos dizer que está presente o mecanismo da autoridade polifônica: os alunos-autores usam o discurso de uma autoridade em seu discurso com a intenção de conferir força aos seus argumentos.

Outro tipo de argumento utilizado pelos alunos-autores baseou-se nos argumentos do senso comum que se reveste de um caráter essencialmente ideológico. Em vista disso, o que assegura essa veracidade é a propagação e manutenção do fato pelo grupo social no qual ele foi gerado. Isto significa dizer que quanto mais forte for a reprodução ideológica de um fato por um grupo social, maior a probabilidade de o autor, ao utilizá-lo como argumento, conseguir a adesão do leitor. Vejamos como isso se confirma no exemplo, a seguir:

**Exemplo 17:**

*Uma coisa que está prejudicando todos os jovens, é a falta de oportunidade e os governantes que não implantam nada para ajudar os jovens...*

*Nossos governantes nada fazem de concreto e eficaz para mudar esse quadro caótico...*

No exemplo acima, quando o aluno-leitor argumenta a falta de oportunidade dada aos jovens pelos governantes, ele está fundamentado num fato consensual, uma vez que se estabeleceu que tudo é obrigação do governo. O aluno-autor está reproduzindo um modelo ideológico, utilizando-o para convencer os leitores. A validade desse fato está veiculada na sociedade e na legitimidade que esta sociedade lhe confere. Assim, podemos dizer que um argumento baseado no consenso busca sua garantia de persuasão em informações ou fatos que transmitem veracidade ao que está sendo dito.

Já os argumentos baseados em provas concretas recorrem às experiências vividas ou fatos comprobatórios (dados históricos ou estatísticos, reportagens, artigos de opinião, fotografias etc.) que possam consolidar as teses apresentadas. Percebe-se, inclusive, que esse tipo de construção argumentativa baseada em exemplos é bastante utilizado pelos alunos, como comprova o exemplo abaixo:

**Exemplo 18:**

*...política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva de 50% das vagas aos estudantes que cursam todo o Ensino Médio em escolas públicas, durante dez anos.*

*No Brasil, as oportunidades de emprego estão muito limitadas, provenientes da mecanização das empresas. Buscar a profissionalização se tornou uma necessidade constante, pois sem a mesma não teremos possibilidade de ingressarmos e nos mantermos no mercado de trabalho...*

Podemos observar neste exemplo como os alunos-autores lançaram mão de dados estatísticos de órgãos oficiais e de dados históricos para comprovarem seus posicionamentos. Os alunos-autores se apóiam na credibilidade que fatos comprobatórios transmitem como informação veiculada pela sociedade, para sustentarem seus pontos - de- vista sobre a escolha de uma profissão e a política de cotas.

Os alunos-autores que apresentaram um melhor desempenho na estruturação e variedade dos argumentos desenvolveram melhor o artigo de opinião, principalmente os argumentos. O que destacamos nesse ponto é a confirmação de que é crucial voltar nossas ações para práticas educativas em que a linguagem seja concebida como uma prática social de uso efetivo e significativo.

A oportunidade de se posicionarem como articulista, e de interagir, no contexto jornalístico, permitiu aos alunos-autores o envolvimento na e pela linguagem, mostrando que a “linguagem é grandemente pluridiscursiva” e que através desse contexto é possível vivenciar outras linguagens sociais, que “não se excluem umas das outras, mas se interceptam de diversas maneiras” (Bakhtin [1979] 1995, p. 98).

Sabemos que as práticas de letramento às quais as pessoas convivem na vida, na escola, no trabalho e nas organizações sociais, de uma maneira geral, são amplamente reconhecidas como definidoras de melhores índices no exercício efetivo da leitura e da escrita em outros contextos de uso.

Esse vínculo leva-nos a argumentar, provavelmente, que as dificuldades apresentadas por alguns alunos-autores, tornaram-se mais evidentes nas produções que apresentaram argumentos pautados no consenso somam-se ao processo de letramento limitado que muitos deles experimentam.

Através das três versões analisadas de cada aluno-autor (exemplos 1, 1a, 1b, 2, 2a, 2b e ,5, 5a, 5b), percebemos uma progressão na argumentação dos alunos-autores, do ponto de vista do conhecimento dos tipos de argumentos. Estes resultados validam nossa proposta de ensino através de seqüência didática, respaldada no fato de que uma intervenção sistemática em sala de aula implica na melhoria da competência textual dos alunos.

Desse modo, os três alunos-autores construíram diversos tipos de argumentos ao longo das três versões produzidas por cada aluno, revelando ser capazes de selecionar diferentes estratégias argumentativas e adequá-las de acordo com a situação comunicativa dentro dos limites da situação escolar. Passaremos, agora a discutir sobre a articulação coesiva através dos operadores argumentativos.

### 3.3 A articulação coesiva através dos operadores argumentativos

Em relação à última categoria de análise, a articulação coesiva através dos operadores argumentativos, acreditamos que eles têm uma importância fundamental no processo de argumentar: direcionar e articular os argumentos. Eles são responsáveis, em grande parte, pela força argumentativa dos textos, conforme afirma Ducrot (apud Koch 2002, p.131), conseqüentemente funcionam como indicativos da capacidade argumentativa dos alunos, resultante do processo de ensino dos gêneros.

Com o objetivo de convencer o leitor da posição do autor perante a temática abordada, o aluno devia utilizar em seu artigo de opinião os elementos coesivos para facilitar ao leitor um melhor acompanhamento e compreensão de seus argumentos. Isto porque os operadores argumentativos são responsáveis pela coesão textual, sendo utilizado de maneira variada por diferentes ouvintes e leitores.

Ressalte-se que os alunos foram levados a revisar os textos no sentido de adequá-los melhor ao contexto de comunicação visado e à forma de organização textual do gênero. Nesse sentido, a atividade de reescritura dos artigos de opinião esteve direcionada para a revisão dos seguintes aspectos: o uso de linguagem próximo ao registro informal, presença do tema proposto, a profissionalização dos jovens no Brasil, quando a situação de escrita assim exigia; articulação entre tese, argumentos, conclusão, sanando as dificuldades em lidar com os operadores argumentativos e a ausência de argumentos.

Analisando as versões produzidas pelo aluno-autor (exemplo 1), percebemos problemas relacionados a pouca habilidade para relacionar os elementos lingüísticos necessários à organização estrutural do texto, tais como os operadores argumentativos. Essa pouca habilidade é acentuada pelos problemas de estruturação sintática identificados nos exemplos (1, 1a, 1b). Deve-se a ausência de operadores argumentativos, o que comprometeu o encadeamento dos argumentos.

Ademais, as versões produzidas pelo aluno-autor (exemplos 1, 1a e 1b) fizeram parte dos artigos de opinião que não haviam sido modificadas como sugeríamos, já que observamos um acréscimo de inadequações presentes na última versão comparada com a segunda versão (*até, no entanto, por causa de*), o que apresentou uma maior incidência de operadores argumentativos devido às dificuldades e limitações do aluno.

Nas três versões do aluno-autor (exemplos 1, 1a, 1b), evidenciamos uma freqüência mínima dos operadores (*até, no entanto, portanto*), explicada provavelmente

pelo pouco domínio do aluno nessa operação de linguagem está relacionada à pouca experiência escolar e extra-escolar do aluno com a escrita. Também evidenciam uma insuficiência no uso de recursos lingüísticos importantes na articulação entre os argumentos, apesar das atividades de ensino de escrita desenvolvidas com a turma priorizarem a inserção da relevância dos operadores argumentativos, baseando-se numa abordagem da produção textual centrada no gênero de texto e na sua relação direta com as práticas sociais.

Percebe-se que a presença de um número maior desses operadores argumentativos revela um domínio de articulação desses elementos lógico-argumentativos que contribuem para a integração do conteúdo temático, articulando o plano do texto (Bronckart, 1999). Devemos ressaltar que, nos exemplos 1, 1a e 1b, esses recursos são observados em número mais reduzido, muito embora o texto apresente uma estrutura que se configure como uma seqüência argumentativa. Já nos exemplos 2, 2a, 2b e 5, 5a, 5b, tais recursos surgem em um número maior e mais variado (*afinal, porque, pois, tantos...como, logo etc.*).

Nos exemplos 2, 2a e 2b, o aluno-autor recorre a um elemento lingüístico organizador da sua argumentação: o vocábulo argumentativo *porque*, como operador de coordenação, articula tese e argumento (*O jovem que está iniciando a profissão não deve se iludir, porque a lista das perguntas provavelmente vai aumentar*). No exemplos 5, 5a e 5b, também verificamos o uso desse operador (*O sistema de cotas para os alunos das escolas públicas foi defendido com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais e está criando um abismo, porque esses alunos se sentem inferiorizados*), visto que a argumentação do aluno-autor ancora-se em justificativas (*as perguntas vão aumentar com o passar do tempo e a interiorização dos alunos das escolas públicas*) em relação ao enunciado anterior de que o sistema de cotas está aumentando a desigualdade social.

É interessante notar que o *porque* foi utilizado como operador argumentativo, responsável pelo encadeamento entre os enunciados, sendo um operador de coordenação que articula tese e argumento, e as implicações desse uso são, muito mais, de natureza discursiva do que estilística. Isto quer dizer que, no gênero artigo de opinião, estes operadores não servem apenas como elementos coesivos, eles assumem uma força argumentativa, definindo assim a significação do enunciado, conforme já visto por Ducrot (apud Guimarães, 2002) e Koch (2002).

A progressão no texto dos alunos-autores nos exemplos (2, 2a, 2b e 5, 5a, 5b) se revelou pelo modo como se preocupavam com a reescritura de alguns trechos do artigo de opinião, por exemplo: *Como resumir uma parte do texto que a professora considerou longa, sem funcionalidade? Como articular adequadamente os operadores argumentativos? Como adequar a conclusão à tese apresentada? Como construir argumentos que reforcem a tese apresentada? Que palavras usar para não deixar o artigo de opinião repetitivo?* Essas foram algumas questões que preocuparam os alunos durante a fase de reescritura do artigo de opinião, apresentadas oralmente em sala de aula.

Podemos perceber também, pela escolha dos alunos fazem dos operadores auxiliam esse encadeamento, que eles têm conhecimento dos registros lingüísticos em gêneros textuais apresentados nas modalidades orais e escritas embora seja um conhecimento lingüístico limitado. Vale ressaltar que não é a modalidade que determina esse uso, mas condições de produção, e são estas condições de produção que norteiam o aluno a usar este ou aquele tipo de expressão da língua.

Tendo em vista essas dificuldades de utilização dos operadores argumentativos, descobrimos através do questionário sócio-cultural que os alunos-autores apresentam contato com a leitura fora do ambiente escolar e dentro dele na prática da leitura de revistas, livros e gibis, preferencialmente nesta ordem. Já ao longo dos anos de escola, o



que se recupera em termos de interesses de leitura dos alunos-autores é o contato com os livros infanto-juvenis nas séries iniciais, com destaque para o incentivo do professor; depois, a experiência com os textos do livro didático, particularmente gêneros como poemas, crônicas, notícias, reportagens. Destacamos os depoimentos dos três alunos-autores:

**Exemplo 19:**

*Quando estudava na 5ª série só lia poema, a minha professora que trouxe outros textos para a gente ler, e foi ali, com o poema Canção do exílio que comecei a gostar de ler, às vezes não é todo dia. Hoje gosto de ler outros textos do jornal e das revistas, principalmente de pessoas famosas, essas revistas que falam de política e o que acontece, não leio muito..*

(S.S.R)

*Na escola, não gostava de ler muito, quase não lia, mas um dia a professora chegou com um poema muito bonito, mas não lembro o título falava de uma rosa que tinha forma de uma bomba, falava de um guerra que teve e um bocado de gente morreu, foi numa cidade do Japão. Achei muito bonito esse poema. Hoje quase não leio, mas queria gostar, às vezes leio revistas de dicas de saúde e testes.*

(E.S.G)

*Em minha vida escolar, comecei lendo poemas de diversos poetas, mas o que eu mais gostava de ler é Vinicius de Moraes. Hoje, fora e dentro da escola leio mais textos jornalísticos, principalmente os publicados em jornais são mais críticos e atuais. Mas, não leio todo dia.*

(P.S)

Esses depoimentos sobre a história de leitura dos alunos-autores, vividas fora e dentro do espaço escolar, evidenciam como os gêneros jornalísticos estiveram ausentes nas práticas de leitura dos estudantes, sobretudo no ambiente escolar já que a maioria dos alunos sentiu muita dificuldade em utilizar adequadamente os operadores argumentativos. Apesar das atividades de análise lingüística ressaltar esse mecanismo lingüístico argumentativo.

Como percebemos, a natureza das práticas de leitura dos alunos revela um afastamento da cultura considerada de prestígio, o que não implica uma descaracterização social dos alunos enquanto leitores. Antes reflete um modo particular de envolvimento dos estudantes com a cultura letrada que emerge das condições desiguais de sua formação como leitores.

Outro operador argumentativo utilizado foi o *pois* como introdutor de justificativas ou explicações, assim como o *porque*. Foi utilizado para demonstrar a necessidade do jovem se profissionalizar (*Buscar a profissionalização se tornou uma necessidade constante, pois sem a mesma não teremos possibilidade de ingressarmos e nos mantermos no mercado de trabalho*).

Os argumentos com base em provas concretas, produzidos pelos alunos foram retomados pelo uso do *por exemplo*, que era utilizados pelos alunos-autores com bastante frequência para consolidar suas justificativas. Podemos confirmar isto nos exemplo abaixo:

#### **Exemplo 20:**

*Como afirma Lemuel Guerra, professor de sociologia, da Universidade Federal de Campina Grande “não se trata de ignorar as desigualdades existentes nas realidades concretas com as quais nos deparamos”*

*Stephen Kanitz, articulista da Revista Veja, afirma que “Se quiser procurar algo, descubra suas habilidades naturais, que permitirão que realize seu trabalho com distinção e o colocarão à frente dos demais”.*

*De acordo com Gustavo Petta, presidente da UNE, “Se não houver a inclusão de recursos para despesas como alimentação, transporte, livros e xérox aos possíveis beneficiados, as medidas ficarão insuficientes”.*

*Como afirma Demétrio Magnoli, editor do jornal Mundo – geografia e política internacional “No fundo, as cotas reintroduzem, pela porta dos fundos, a crença racista segundo a qual existe alguma relação entre a capacidade intelectual e a condição social de um indivíduo ou a cor da pele”.*

Torna-se oportuno ressaltar que o exemplo 6b se diferencia dos outros textos analisados pela diversidade dos operadores argumentativos que são responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados (Koch, 2002). Neste exemplo, identificamos outro elemento lingüístico responsável pela progressão textual, o operador argumentativo logo, como um elemento lingüístico argumentativo que insere uma conclusão através de uma proposta de solução para o problema, quando constrói a hipótese de que, se o governo melhorasse a educação do país, aumentaria a profissionalização dos jovens no Brasil.

Guimarães (2002), comungando com o pensamento perelmaniano, entende que a argumentação é constitutiva do conhecimento e considera-a uma questão lingüística, inscrita numa concepção de linguagem como modo de ação social. Parte, então, da hipótese de que a argumentação não provém de condições de verdade ou de seu caráter lógico, por isso mesmo ela não seria uma cópia do mundo. A partir dessa concepção de argumentação, é que o autor usa a noção de orientação argumentativa, ancorando-se em Ducrot(1987) que afirma ser a argumentação o ato lingüístico fundamental, tendo os operadores argumentativos como responsáveis pela força argumentativa dos enunciados.

Pode-se perceber também, pela escolha que os alunos fizeram dos operadores que auxiliam esse encadeamento, que eles têm conhecimento dos registros lingüísticos em gêneros textuais apresentados nas modalidades escritas. Vale ressaltar que as condições de produção determinam o uso dos operadores argumentativos, e são essas condições de produção que norteiam o aluno para usar este ou aquele tipo de expressão da língua.

Considerando os exemplos (2, 2a, 2b) e (5, 5a, 5b) há uma variedade maior de operadores argumentativos e um aumento do percentual de uso em relação à primeira versão. Apesar da dificuldade na resolução das atividades sobre o uso dos operadores argumentativos no gênero estudado, esse processo se revelou uma etapa de evolução

dos alunos no emprego dos operadores argumentativos. Isso também se revelou no momento da construção dos argumentos no artigo de opinião pelos alunos-autores, isto é, no modo como adequá-lo a uma linha de argumentação pretendida.

Vale ressaltar que, ao se inserir na prática de escrita do gênero, os alunos tendem a utilizar os operadores argumentativos adequados. Isto ocorre devido à experiência realizada em sala de aula de atividades (ver anexo C) com o gênero de natureza argumentativa.

Outro operador utilizado foi o *mas* para contrapor argumentos. No entanto, Ducrot (1988, 1998) considera a diferença entre dois tipos de *mas*. Um que se convencionou chamar de retificador que apresenta uma função opositiva, mas não argumentativa. É importante ressaltar que ele aparece sempre depois de um enunciado negativo, com uma função de algo suposto ou realmente dito antes, e pode ser substituído por *e sim* e por *ao contrário*. E o outro é mais argumentativo em sentido estrito, pois dá uma nova orientação argumentativa, introduzindo uma conclusão inusitada.

No texto 6a, ao empregar a partícula *mas*, observa-se que este elemento põe em disputa um argumento que autoriza conclusão inversa (*projeto que já entrou em pauta diversas vezes, mas que ainda não foi votado*) já que o leitor é levado a concluir que o projeto de lei sobre as cotas da universidade para alunos da escola pública deveria ser votado, entretanto ainda não foi votado. Discordando do posicionamento de Ducrot dos dois tipos de *mas*, pode-se dizer que ambos instituem polêmica, caracterizando o ato argumentativo de um ser refutativo ou argumentativo, por instaurarem o confronto de ponto de vista colocados pelo aluno-produtor.

O traço mais saliente do avanço dos alunos-autores na coesão através dos operadores argumentativos é o equilíbrio no uso do *MAS* e *PORQUE*. Isso mostra um aumento na apresentação de justificativas, acompanhado pelo movimento de refutação

entre os alunos na estruturação dos contra-argumentos, considerando que a refutação se constitui numa operação de linguagem complexa e fundamental no processo argumentativo, pois ela implica acionar argumentos que possam contestar outros argumentos.

Constatamos também a utilização do até como operador que assinala os argumentos mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão. No entanto, em alguns manuais de gramática da Língua portuguesa, o até é colocado no grupo das palavras denotativas, classificação inadequada visto que é um elemento coesivo que apresenta função sintática. Observa-se que o argumento mais forte é introduzido pela partícula ATÉ, que é um operador argumentativo. O ATÉ introduz o argumento mais forte para a conclusão citada. Os operadores indicam o valor argumentativo dos enunciados e se constituem, assim, em marcas lingüísticas importantes da enunciação, uma vez que guiam (norteiam) o interlocutor quanto à orientação argumentativa dos enunciados. Vejamos os exemplos nos artigos produzidos pelos alunos:

**Exemplo 21:**

*Feito isso, pode-se até ganhar a confiança do seu patrão.*

*O processo de profissão, é transmitido pelo conhecimento e experiência que tenha efeito lógico e formativo sobre sua mente, o caráter e até mesmo o físico de uma pessoa.*

No exemplo 1a, o uso do até insere um argumento mais forte para a conclusão pretendida: que com trabalho você conseguirá ter o reconhecimento, reforçado pelo fato de receber a confiança do patrão. No entanto, no exemplo 1b há uma inadequação no uso do até que não apresenta um argumento mais forte, porque ele é inserido sem uma estrutura argumentativa.

Portanto, importantes não são as implicações, e sim, as conclusões que o locutor tem em mente, ou seja, a intenção do locutor. Segundo Ducrot (1988,p. 63) o que torna possível ou impossível o emprego de “até” não são as implicações dos segmentos que este conector enlaça, mas as conclusões que o locutor quer fazer admitir. A partícula ATÉ é um operador que assinala o argumento mais forte de uma escala orientado no sentido de determina conclusão.

Os operadores, *portanto*, *afinal*, *então*, operadores de conclusão apresentam uma incidência mínima em função dos alunos-autores considerarem o seu emprego adequado, apenas no parágrafo final do texto. No entanto, as atividades de reescritura ressaltaram que esses operadores são utilizados na estruturação dos argumentos e contra-argumentos, conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro II: Distribuição da ocorrência de operadores argumentativos nos artigos de opinião dos alunos-autores.

| mas | portanto | Porque<br>pois | assim | até | Por<br>exemplo | Enfim<br>Então<br>Afinal<br>Logo | No<br>entanto | Com<br>isso | Por<br>isso |
|-----|----------|----------------|-------|-----|----------------|----------------------------------|---------------|-------------|-------------|
| 19  | 5        | 30             | 10    | 4   | 12             | 2                                | 5             | 3           | 10          |

De acordo com a leitura deste quadro há uma variedade de operadores argumentativos. Para esse resultado, as atividades realizadas na reescritura, uma das etapas da seqüência didática, tiveram grande importância, uma vez que orientava os alunos-autores a diversificarem os tipos de justificativas, ampliando as possibilidades de uso de outros operadores. O *porque* e o *pois* são operadores de coordenação que articula tese e argumentos são os predominantes, com 30 ocorrências cada um, nas 69

produções escritas pelos alunos-autores. Esse número nos leva a confirmar a proposição de que as justificativas elaboradas pelos alunos-autores são, quase sempre, introduzidas por estes operadores.

O uso do *mas*, em 19 ocorrências, mostra uma aumento da freqüência da refutação, explicada pelo fato dos alunos-autores apresentarem um domínio dessa operação de linguagem. No entanto, os operadores conclusivos (*enfim, logo*) aparecem apenas 2 vezes, evidenciando uma insuficiência no uso de recursos lingüísticos importantes na articulação entre os argumentos.

O aumento da ocorrência de *por isso e assim*, como operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores (KOCH, 2003, p.38), demonstrou um crescimento da capacidade argumentativa dos alunos, pois, ao utilizar estes operadores de sustentação, eles estão reforçando seus argumentos em favor de uma tese defendida e conduzindo o aluno-autor na direção da tese defendida.

Outro operador explicitado foi o *então*, que apresentou apenas duas ocorrências numa construção conclusiva que, além de exprimir o nexos semântico de causa-conseqüência, estabelece uma relação de implicação entre a proposição antecedente e a conseqüente, ou seja, exprimir uma relação de inferência entre proposições, em que a primeira é uma das premissas e a segunda, a conclusão (*O estágio, então, se revela uma boa alternativa para esclarecer as dúvidas e para que o jovem dê os primeiros passos na profissão*).

O uso do *por exemplo* aponta a uma freqüência significativa com que os exemplos são invocados pelos alunos-autores para consolidar suas justificativas a fim de corroborar a tese defendida em seu artigo de opinião, validando os argumentos apresentados pelos alunos-autores.

Quando foram consultados sobre o uso dos operadores argumentativos, os jornalistas disseram que conheciam como elementos de coesão responsáveis pela argumentação, confirmados no fragmento da entrevista:

**Exemplo 22:**

*Entrevista com o / editor-chefe do Jornal da Paraíba:*

*P: Qual a influência dos / operadores argumentativos no:: artigo de opinião?*

*E1: não:: me recordo direito / mas acho:: que seja // os elementos que ligam as orações / ao escrever / eu uso:: para argumentar*

*Entrevista com o editor-chefe do Correio da Paraíba:*

*P: Qual a influência dos / operadores argumentativos no:: artigo de opinião?*

*E2: Acho:: que sejam // os elementos relacionados // na:: conexão // entre as orações / como os conectivos // eu:: li isso / recentemente:: num / manual de redação::*

Podemos perceber que o editor-chefe do Jornal da Paraíba e do Correio da Paraíba conhecem os operadores argumentativos como elementos de conexão, ressaltando a sua relevância dentro da produção escrita do artigo de opinião no contexto que, segundo Ducrot (1994) os operadores argumentativos articulam enunciados, determinando (instruindo a orientação argumentativa).

Através dos exemplos aqui analisados, pudemos perceber uma progressão na utilização dos operadores argumentativos pelos alunos, do ponto de vista do conhecimento de recursos argumentativos, observa-se que os operadores argumentativos são de vital importância para a compreensão de um gênero de texto. Estes resultados validam nossa proposta de ensino através de seqüência didática, respaldada no fato de que uma intervenção sistemática em sala de aula implica na competência dos alunos.



### 3.4 Discussão dos resultados da intervenção: revisitando dificuldades e aprendizados

Neste item, objetivamos realizar uma incursão na intervenção didática como um todo, explicitando algumas reflexões sobre as dificuldades e/ ou mudanças que surgiram durante o desenvolvimento das atividades de leitura e escrita com o artigo de opinião em sala de aula. Para isso, apresentaremos ora observações resultantes de avaliações feitas como mediadora da investigação e pelos alunos enquanto participantes do processo.

A implementação da seqüência didática, que almejava apresentar, de forma sistemática, o estudo e a produção do gênero artigo de opinião. Sem perder de vista a valorização de sua funcionalidade e a utilização da seqüência tipológica argumentativa, a relevância dos argumentos e a articulação coesiva através dos operadores argumentativos, ocasionaram, em alguns momentos, expectativas dos alunos e em outros repulsa a algumas atividades.

A primeira etapa da seqüência didática foi bem sucedida em que os alunos participaram ativamente já que partimos do conhecimento prévio dos alunos a respeito do tema A profissionalização dos jovens no Brasil. Nessa etapa, os alunos pareciam estar mais à vontade para falar, sentiam-se “donos da situação”, para usar uma expressão popular. Isto porque as questões propostas nessa etapa partiram da relação que procuramos estabelecer entre o artigo de opinião e a vivência ou contato dos alunos com outros gêneros presentes em outras instâncias de comunicação social.

Ainda nessa etapa da seqüência didática, realizamos a leitura de algumas matérias presentes em crônica, reportagem, entrevista, editorial e artigo de opinião. Em seguida, foi estabelecido em sala de aula o contato com o material de leitura diversa (jornais e revistas sobre a temática em estudo), que constituíram aspectos de impulso às discussões, como demonstra a avaliação dos alunos ao final do trabalho:

**Exemplo 23:**

*Diante do que eu estudei no artigo de opinião, gostei de tudo que eu li, mas eu gostei mais do artigo de opinião que falava que devemos fazer o que gostamos, acho isso muito importante, as pessoas não podem fazer apenas o que dá dinheiro.*

(E.S.G.)

*Gostei muito do texto “o princípio ausente” que falava das políticas de cotas. Pra mim tudo estudo foi novo, nunca imaginei aprender tanto, que um dia eu iria gostar tanto de ler e escrever.*

(S.S.R)

*É bom nos termos contatos que esses diferentes tipos de textos, adorei o texto do professor Lemuel Guerra, que mostra as desigualdades e defende a idéia que não é com as políticas de cotas que conseguiremos entrar na universidades públicas. Todos os textos eu gostei sentirei muita falta dessas discussões dos textos.*

(P.S)

Em contrapartida, na segunda etapa, lidamos com dificuldades dos alunos em responder e discutir as questões propostas sobre a estrutura do artigo de opinião e os elementos que o constituem (seqüência tipológica argumentativa, operadores argumentativos e os tipos de argumentos), mesmo com nossa mediação durante o desenvolvimento das atividades. Essas dificuldades estavam presentes nas falas dos alunos, quando diziam, por exemplo: *Eu não vou conseguir fazer esse texto, Acho que ninguém dessa sala vai conseguir, é muito difícil e Por que temos que seguir essa forma de escrever?*.

Durante o desenvolvimento das atividades, fomos registrando as reações dos alunos quanto ao empenho e dificuldades demonstradas em compreender e responder as questões. Nesse aspecto, a seqüência didática foi mediada por uma intervenção constante de nossa parte, principalmente por se tratar do “deslocamento” de um gênero

advindo de uma prática social para o processo de ensino da escrita na escola, situação para qual os alunos não tinham parâmetros de representação.

Alguns alunos optaram por não responder as atividades propostas, alegando não conseguirem entender os mecanismos lingüísticos argumentativos. Nesse momento, foi necessário reconstruir para os alunos a funcionalidade e a relevância dessa etapa para a produção do artigo de opinião. Isto porque estávamos trabalhando com um modo novo de ensinar e aprender leitura e escrita de um texto presentes nas práticas sociais.

Importa ressaltar que, em meio a essas inquietações, muitos alunos não desistiram das atividades, propiciando uma aproximação maior com a professora-pesquisadora que ouvia todas as angústias durante essa etapa de produção do artigo de opinião. Afinal, estávamos, de fato, caminhando para mudanças na relação deles com a escrita escolar, como era nosso objetivo. Isto porque a nossa proposta das atividades de ensino de escrita na escola baseava-se numa abordagem de produção textual centrada no gênero de texto e na sua relação quase direta com as práticas sociais. Na unidade temática de exercícios didáticos, o gênero textual pôde ser observado, no termo proposto por Schneuwly & Dolz (2004, p. 75), como um megainstrumento, pois, além de ter possibilitado o trabalho de leitura, produção textual e análise lingüística, foi apresentado como instrumento de referência para as práticas de letramento em diferentes domínios sociais.

Em virtude disso, buscamos a aproximação maior dos alunos e reavaliamos a nossa seqüência didática a fim de solucionarmos essas dificuldades enfrentadas pelos alunos com a implementação de atividades mais intensas e interativas, já que essa etapa era crucial para a produção do artigo de opinião. Tratava-se de uma prática de escrita real, que servissem aos nossos propósitos numa determinada situação de comunicação. A opinião deste aluno-autor reflete o momento vivido:

#### Exemplo 24:

*Quando a professora começou esse negócio de nós estudarmos os argumentos, os tipos de argumentos, o uso do entretanto, do porque e outros elementos que ligam as orações, eu achei uma bobagem não encontrei importância nisso para a minha vida, mas quando ele ensinou através dos textos e nós começamos a escrever eu vi a importância, mas antes eu não gostava da aula de língua portuguesa, hoje eu já consigo ler e escrever. Quando eu fico escutando as pessoas falarem, ou assisto o jornal ou leio algo fico observando os argumentos utilizados e já consigo ser mais crítica.*

(P. G. S.)

A etapa seguinte da seqüência didática apresentou uma certa resistência dos alunos que alegavam não conseguir dar início à produção do artigo de opinião e à organização da opinião, ou seja, o modo como adequá-la a uma linha de argumentação pretendida e como conciliar a linguagem à situação de produção escrita do artigo de opinião. Diante dessas dificuldades, três alunos se negaram a redigir o texto que não era uma atividade obrigatória, visto que os alunos ficaram à vontade para aderir ou não ao trabalho com o artigo de opinião. No entanto, esses alunos se integraram posteriormente, quando se envolveram, junto com os demais, na escrita dos textos para serem enviados ao jornal. Nesse momento, resgatamos as discussões dos textos estudados e a relevância da seqüência tipológica argumentativa, os tipos de argumentos utilizados nos artigos de opinião e articulação coesiva através dos operadores argumentativos na tentativa de auxiliá-los na produção do artigo de opinião.

Essa fase de conflitos foi solucionada e a resistência foi substituída pela expectativa (escrever para um jornal de circulação estadual, emitindo uma opinião) que nos surpreendeu bastante a receptividade dos alunos a essa atividade de escritura, contribuindo para o desenvolvimento da atividade.

Alguns alunos avaliaram essa etapa de escrita do artigo de opinião como uma etapa de dificuldades, mas também de aprendizados, como demonstram as opiniões a seguir:

**Exemplo 25:**

*Senti muita dificuldades quando comecei a escrever, ligar as idéias, utilizar os argumentos, mostrar a minha opinião, pensava se os leitores iam gostar, nunca imaginei que escrever dava tanto trabalho assim. Chegava em casa com dor de cabeça, mas quando escrevi e a professora mandou refazer uma duas vezes já conseguia ver que tinha melhorado muito, apenas preciso ler mais. Agora eu sei a importância da leitura já que lia apenas gibis.*

(E. D. S)

*Não foi tão difícil e nem tão fácil, apenas no inicio fiquei um pouco confusa, pois não achava palavras adequadas para iniciá-las pela minha falta de leitura só leio revistas de fofoca. Mas não senti dificuldades para expressar a minha opinião em relação a profissionalização dos jovens no Brasil.*

(M. P.S)

*Sentia um pouco de dificuldades em relação ao começo do artigo de opinião, não queria fazer feio, utilizar as palavras adequadas, os argumentos certos. E com as orientações da professora já não tinha essa dificuldade toda porque li muito eu quase nem lia antes apesar de vender jornais as vezes lia para me manter informado.*

(F. L)

*Na minha opinião é melhor escrever artigo de opinião que escritas escolares porque escrevemos para um público maior, imagine a Paraíba toda saber quem sou eu, um estudante de escola pública ser um articulista, um especialista por isso eu me preocupei em fazer bem feito, li mais antes eu só lia gibis e essas revistas que falam besteiras, procurei melhorar o vocabulário e a opinião. Já na escrita escolar só a professora vai ler, então não se preocupamos muito com os erros, pois a professora ler e conserta todos eles.*

(T. G)

*Foi muito difícil conseguir achar as idéias porque eu leio muito pouco e nunca tinha conseguido escrever textos, apenas copiava de revistas e entregava a professora não tinha preocupação já que ninguém ia ler mesmo só a professora. Mas depois que tentei e conseguir vi que escrever é bom saber que aquelas idéias são minhas. Ter que fazer e refazer até ficar bom. No inicio não gostava de fazer e refazer mas depois entendi que assim o artigo de opinião vai ficar filezinho e todo mundo vai gostar.*

(S. S.G)

Numa visão ampliada das práticas de leitura e de escrita que se desenvolvem fora da escola (gibis, revistas, livros, jornais), constatamos que os significados atribuídos à leitura/escrita são para se permitir momentos de lazer, de introspecção ou para obter informação. A dimensão sócio-política da leitura/escrita não parece integrar esse conjunto de práticas, como se o ato de ler e escrever se inscrevesse apenas no limite do individual, na busca do prazer, na superação de problemas de natureza afetiva ou até existencial.

É relevante destacar que essa apreensão sobre o processo de escrita do artigo de opinião surgiu em função de algumas preocupações anteriores dos alunos com as condições de produção (interlocutor, o veículo de publicação, ou melhor, o suporte, registro lingüístico) e com a seqüência tipológica argumentativa, os tipos de argumentos e a articulação coesiva através dos operadores argumentativos. Essa postura refletia o trabalho desenvolvido com a seqüência didática.

Nesse sentido, a produção do artigo de opinião possibilitou situações de aprendizagem e desenvolvimento, pois o exercício criou situações desafiadoras para o aprendiz, sem subestimar o conhecimento por ele possuído. As intervenções orais realizadas por mim parecem levar o aluno a realizar esforços na denominada zona de desenvolvimento proximal, conforme terminologia utilizada por Vigostski (2003, p. 112) para caracterizar a distância entre o nível de desenvolvimento potencial do sujeito. Ademais, durante a interlocução, ao ser desafiado a procurar estruturas lingüísticas mais adequadas, o aluno-produtor as encontra.

O processo de reescritura dos artigos de opinião também apresentou momentos de dificuldades, que se revelaram com a preocupação dos alunos em saber que outras pessoas iam ler seus textos e não apenas a professora da disciplina Língua Portuguesa e o emprego adequado dos mecanismos lingüísticos argumentativos. Esses problemas foram aos poucos superados com a nossa orientação dentro dos limites da situação escolar. Ademais, é importante destacar a consciência de alguns alunos sobre o seu progresso na escrita do gênero solicitado, conforme mostram as opiniões abaixo:

## Exemplo 26:

*Quando a professora começou a ensinar como era o artigo de opinião, o que era um argumento, os tipos de argumento, o uso do porque, eu sempre usava o mas, MAS não sabia que tinha uma relação de oposição, achei uma bobagem que isso não iria servir para nada. Pensei em desistir disso, achei uma bobagem, uma perda de tempo, mas quando começamos a escrever vi que era importantíssimo, passei a prestar mais atenção ao que as pessoas falam e escrevem e vi que isso tudo está em nossa volta, a todo momento estamos tentando convencer alguém.*

(K. S)

*No inicio foi muito difícil pensei em desistir logo, era muito difícil utilizar os argumentos certos, os elemento de junção, os conectivos eu antes não sabia essa relação de justificativa, de oposição. Nunca ia imaginar que cada elemento daquele tinha um sentido e se fosse mal empregado iria confundir os meus leitores, eu não me ligava nesses lances e além disso muita gente ia ler o meu texto e me achar analfabeto.*

(T. G)

*É muito interessante mostrar a minha opinião a respeito do tema que escrevemos eu me senti útil de mostrar a sociedade a minha opinião e saber que ela tem poder se eu utilizar os argumentos certos, a minha maior preocupação é saber se os meus argumentos do texto agora serão argumentos de autoridade, eu agora sou uma autoridade caso o meu texto vá para o jornal ao mesmo tempo fico com medo do povo não gostar.*

(S. S.G)

No tocante aos mecanismos lingüísticos argumentativos do gênero artigo de opinião, as atividades de reescritura mostraram que a intervenção escrita sobre o artigo de opinião do aluno e a interlocução oral foram as formas mais produtivas para encaminhar a reescritura das produções, o que é justificado pela familiaridade dos alunos com essas práticas.

Outra reflexão suscitada pelos alunos foi a necessidade de eles se profissionalizarem através de um curso superior em instituições públicas da cidade. Aproximadamente 19 alunos prestaram vestibular, 5(cinco) na UFCG e 14 (quatorze) na UEPB em 2006. Todos fizeram a prova do ENEM no mesmo ano e obtiveram um bom

resultado. Além disso, os alunos sentiram a necessidade de se posicionar quando não aceitaram mais as ausências freqüentes da professora de geografia (dois meses ausente de suas atividades escolares) em que tivemos de mediar essa insatisfação através de um requerimento à direção da escola solicitando as providências cabíveis que resultaram na substituição da professora.

Por tudo isso, reafirmamos a necessidade de mudança de postura dos professores, no sentido de intervir com ações didáticas que possam oportunizar situações de linguagem, em que os alunos possam opinar, justificar, contra-argumentar, enfim fazer uso das operações que envolvem a prática argumentativa, como os mecanismos lingüísticos argumentativos.

Dessa forma, no papel de investigadora, a noção de gênero textual me permitiu visualizar uma concepção de escrita como processo criativo, constituído por formas culturalmente padronizadas de uso da escrita, algumas já conhecidas dos alunos e outras introduzidas pela professora-pesquisadora durante o processo de ensino na sala de aula.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa análise, observamos que foi possível alcançar os resultados esperados com a experiência didática, já sinalizados no tópico 3.4, principalmente porque remetem ao desempenho que os alunos demonstraram, ao longo da intervenção didática, quanto à presença da seqüência tipológica argumentativa, os variados tipos de argumentos construídos pelos alunos-autores e a boa articulação coesiva através dos operadores argumentativos. Outro resultado importante que podemos constatar são as implicações deste estudo para o ensino de língua.

Quanto à presença da seqüência tipológica argumentativa, os alunos-autores priorizaram esse tipo de seqüência na produção do artigo de opinião, após as atividades de reescritura que foram de relevância para o trabalho com o gênero em análise. Nas primeiras versões, os alunos-autores não percebiam a importância da seqüência tipológica argumentativa, seguindo a ordem tese, argumentos e conclusão, alegando ser muito difícil o seu emprego no *artigo de opinião*, dada a não-familiaridade com os gêneros argumentativos.

Ao interagirem com os colegas, em sala de aula, através das discussões dos textos que abordavam a temática requerida no artigo de opinião em situação escolar e as atividades de reescritura individuais e coletivas, os alunos demonstraram uma significativa evolução na inserção da seqüência argumentativa no artigo de opinião.

No que se refere aos tipos de argumentos, os resultados obtidos foram satisfatórios, uma vez que os alunos-autores utilizaram três tipos: os de autoridade, os do senso comum e os baseados em provas concretas, prevalecendo os de autoridade que foram extraídos dos textos lidos e discutidos em sala de aula. Esse trabalho com o uso dos argumentos foi centrado numa prática de leitura e escrita do gênero artigo de opinião em situação escolar, cujo uso e funcionalidade se reportaram para um contexto real de

comunicação, consolidando a presença desse gênero nas práticas de letramento. Isto porque os alunos-autores construíram diversos tipos de argumentos, revelando serem capazes de selecionar diferentes estratégias argumentativas e adequá-las de acordo com a situação comunicativa que era a de escrever para um jornal de circulação diária na cidade de Campina Grande.

Outro resultado importante a ser considerado diz respeito à boa articulação coesiva através dos operadores argumentativos, apesar de ter sido a etapa mais difícil da seqüência didática, dada a pouca experiência escolar e extra-escolar dos alunos com a escrita. Pode-se perceber também, pela escolha que os alunos fizeram dos operadores que auxiliam esse encadeamento, que eles têm conhecimento do registro lingüístico em gêneros textuais apresentado na modalidade escrita. Vale ressaltar que as condições de produção determinam o uso dos operadores argumentativos, e são essas condições de produção que norteiam o aluno para usar este ou aquele tipo de expressão da língua.

Para esse resultado, as atividades realizadas na reescritura, uma das etapas da seqüência didática, tiveram grande importância, uma vez que orientava os alunos-autores a diversificarem os tipos de justificativas, ampliando as possibilidades de uso de outros operadores.

A utilização da seqüência didática como proposta de ensino envolveu o conhecimento dos alunos sobre os assuntos abordados, o conhecimento que eles têm sobre os gêneros e suas características lingüístico-discursivas e o conhecimento necessário à produção. Assim, foi possível perceber a partir dessa experiência que:

- ▶ A introdução de uma prática de uso do artigo de opinião na escola favoreceu o desenvolvimento de uma escrita funcional, voltada para a compreensão e domínio de um gênero constitutivo de uma prática social.
- ▶ A seqüência didática propiciou observar, de forma consciente, as verdadeiras facilidades e dificuldades quanto às características lingüísticos-discursivas do gênero em

questão. As principais facilidades ocorreram com relação à maioria dos alunos-autores para redigirem o artigo de opinião, minimizando o medo de não conseguirem finalizar o artigo de opinião.

► A situação concreta de comunicação em que se apoiou a produção do artigo de opinião permitiu que os alunos conhecessem as dificuldades envolvidas na tarefa, levando-os a buscar soluções que atendessem a nova situação de comunicação dada.

► A proposta de produção textual desenvolvida com o gênero artigo de opinião contribuiu para ampliar as práticas de leitura e escrita do grupo estudado, possibilitando o diálogo com outros gêneros que tomam por base o posicionamento crítico (crônica, reportagens, entrevistas e editorial)

Mesmo com essas vantagens, encontramos algumas dificuldades. Foi preciso fazermos ajustes com o currículo pré-estabelecido pela escola, a tradição dos alunos com práticas de leitura e escrita escolarizadas e/ou advindas da orientação de letramento próprias do ambiente cultural que eles vivem, as dificuldades de aprendizado dos alunos, resistência às atividades de reescritura do artigo de opinião, enfim com todas as circunstâncias que envolveram a ação didática, escola, alunos e professor.

Vale ressaltar a relevância do professor em manter-se sempre como investigador, refletindo acerca da teoria e da prática adotadas em sua sala de aula, o que contribuiu para um melhor desenvolvimento do ensino/aprendizado de língua.

Também não podemos afirmar que os alunos se tornaram “mestres” no domínio do gênero artigo de opinião. Para isto, seria necessário estabelecer critérios que garantissem a continuidade dos projetos de ensino-aprendizagem e a especialização discursiva e lingüística dos alunos. Mas, diante dos resultados encontrados, a seqüência didática favoreceu o conhecimento e domínio de um gênero a que os estudantes não tinham acesso no cotidiano, aproximando-se da escrita que visa a participação deles como cidadãos na vida pública. Isto porque acreditamos que a metodologia adotada

neste estudo tenha sido uma contribuição significativa na busca por uma melhor qualidade da prática de ensino.

Estas e outras evidências nos levaram a concluir que a performance final dos alunos-autores em relação ao gênero artigo de opinião apresenta-se como uma resposta positiva ao trabalho realizado, demonstrando um crescimento gradativo das capacidades argumentativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J.M. *Les textes: types et prototype*. Lausanne, Nathan, 1992.

ANDRÉ, Marli E. D. *A etnografia da prática escolar*. 8 ed. Campinas-SP: Papyrus, 2002.

ARAÚJO, D. L. de. Letramento midiático: um tema para debate. In: *Um "professor" no horário nobre: estudo da explicação em telejornais*. 2003. Tese (DOUTORADO) Faculdade de Educação USP. São Paulo, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. (1979)1992, p. 277-326.

\_\_\_\_\_. A interação verbal. In: *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BONINI, A. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: CRISTOVÃO, V. L. L. & NASCIMENTO, E. L. (Orgs.) *Gêneros textuais: teoria e prática II*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005, p. 208-236.

BRANDÃO, H. M. Texto, gênero do discurso e ensino. In: \_\_\_\_\_. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político e divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 17-44.

BRANKLING, K. L. Trabalhando com artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, R. (org.) *A prática da linguagem em sala de aula – Praticando os PCNs*. Campinas: Mercado das Letras, 2000, p. 221-247.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

CARRASCO, W. *É duro ser jovem*. Crônica. Revista Veja. São Paulo: Abril, p. 25, 29 de setembro de 1999.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Juventude ameaçada. In: *Português: linguagens: literatura, produção de textos e gramática*. 3 ed., v. 2. São Paulo: Atual, 1999. (Coleção Português: linguagens)

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, I. (org.) *Investigando a relação fala e escrita e as teorias de letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

CRISTÓVÃO, V. L. L. & NASCIMENTO, E. L. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, A. M. et al (Orgs) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005, p.35-59.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. *Os gêneros escolares - das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Tradução de Roxane Rojo. São Paulo. LAEL/PUC, 1997.

\_\_\_\_\_. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça. In: SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p.41-70.

DOLZ, J., NOVERRAZ, M. & SCHNEUWLY, B. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p.95-128.

DUCROT, O. Argumentação e “topoi” argumentativos. In GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.

FARIA, M. A. de O. e ZANCHETA, J. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

GUEDES, E. de S. Dissertação: gênero ou tipo textual?". In: DIONISIO, A. P. e BESERRA, N. da S.. *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 163 – 184.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação*. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os limites do sentido*. São Paulo: Pontes, 2002.

HYLAND, K. Genre: language, context, and literacy. In: *Annual Review of Applied Linguistics*. (2002), p. 113-135.

KANITZ, S. *Fazer o que se gosta*. Ponto de vista. Revista Veja. São Paulo: Abril, p. 24, 24 de novembro de 2004.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. *Os significados de letramento*. Campinas –SP: Mercado de Letras, 1996.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *A interação pela linguagem*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LERNER, A. Um novo José Josias de Souza. In: DIONÍSIO, A. et alii. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 30.

MAGNOLI, D. O princípio ausente. *Tendências e debates*. Jornal Folha de São Paulo, 29 de julho de 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org.) *Investigando a relação fala e escrita e as teorias do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário et al. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RODRIGUES, H. R. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, R. (org.) *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado das Letras, 2000, p. 207 – 220.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (org.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 184-207.

ROSENBLAT, E. Critérios para a construção de uma seqüência didática no ensino dos discursos argumentativos. In: ROJO, R. (org.) *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000, p. 185 – 205.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: DOLZ, J. et alii. *Os gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p.21 - 39. LAEL/PUC, 1997.

SIGNORINI, I. Construindo com a escrita outras cenas de fala. In: SIGNORINI, I(org.) *Investigando a relação oral-escrita e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOUZA,L.V.de. Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial. In: BEZERRA, M .A et al. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 58 – 72.

TERRA, E. & NICOLA, J. de. Todo texto manifesta uma opinião. In: *Português: língua, literatura e produção de textos*. v. 3. São Paulo: Scipione, 2003.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_texto\\_e.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_e.htm)

<http://www.folhaonline.com.br>



## ANEXO A – Questionário sócio-cultural

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chautebriand.  
Disciplina: Língua Portuguesa  
Professora: Fernanda Isabela O. Freitas

Gostaríamos que você respondesse com bastante atenção e empenho este questionário, para, assim conhecermos de perto seus interesses pessoais, suas práticas de leitura e escrita e planejarmos melhor as nossas aulas. Agradecemos a sua colaboração.

1- Identificação do aluno:

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Endereço:
- d) Ocupação profissional (se tiver):
- e) Estado civil:

2- Interesses pessoais:

- a) O que você mais gosta de fazer nas horas vagas?
- b) Você pratica algum esporte ? Em caso afirmativo, qual(is)?
- c) Qual o tipo de música que você mais gosta? Cite algumas.
- d) O que você mais gosta de estudar em Língua Portuguesa?

3- Práticas de leitura e escrita na escola:

- a) O que você costuma ler na escola e fora do ambiente escolar?
- b) Que tipos de materiais escritos você tem em casa? Entre esses materiais, qual(is) aquele(s) que você lê com maior frequência? Por quê?

- c) Você já leu algum livro? Em caso afirmativo, qual(is)?
  
- d) Durante a sua vida escolar, o debate sobre algum tipo de texto chegou de alguma forma a despertar-lhe o interesse? De que tratava(m) esse(s) texto(s)? Por que ele(s) se mostrava(m) atrativo(s)?
  
- e) De que forma você utiliza a leitura e a escrita no seu cotidiano escolar?
  
- f) Nas aulas de redação, quais os tipos de texto que você gosta de escrever? E quais os que não gosta? Por quê?
  
- g) Em que momentos de sua vida fora da escola você precisa usar a escrita não escolar (aquela que não é praticada pela escola)?

4- Sugestões:

- a) O que você sugere para que as aulas de Língua Portuguesa sejam mais agradáveis e produtivas?

## **ANEXO B – Leitura de gêneros escritos**

ANEXO B1 – Crônica publicada na Revista *Veja*.

# É duro ser jovem

*Para muitos pais, os filhos devem alcançar sucesso a qualquer preço.*

Walcyr Carrasco

Quando fez 12 anos, espichou como se tivesse tomado vitamina de mbú. Amigos, vizinhas, pais e até a mãe determinaram:

- Você tem de ser modelo.

Morena, olhos verdes, loironea, tinha tudo para estourar nos grandes desfiles. Menos vontade.

- Quero estudar medicina!

- Não seja burra.

Hoje, quase prestando vestibular, ainda é obrigada a ouvir que já poderia ser famosa e rica. Anda comendo no louca para ver se entra um pouquinho e para não insistir nessa história de modelo. Algo parecido à acontecendo com um rapaz. Timido, pratica esportes radicais. Outro dia, a mãe comentava:

- Mandei as fotos dele para uma revista. Quem sabe o lhe dão uma chance para aparecer pelado...

- Ele sabe?

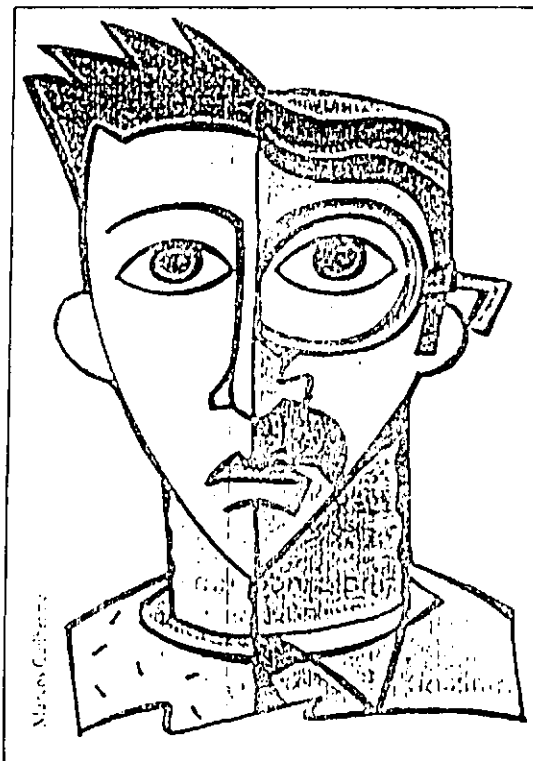
- Se aceitarem, eu o conheço!

Perspectiva materna é isso aí. Imagino a cara do garoto quando saber da surpresa.

Vou bancar o saudosista. No meu tempo, era mais fácil. Sucesso era fazer faculdade. Ter sucesso na profissão. Hoje, fala-se em vitória a qualquer preço. Carreira construída a duras penas ainda pouco valorizada. Para entrar numa faculdade as inscrições estão aí e

uma loucura. Quando eu era jovem, trabalhei como redator enquanto cursava a faculdade de jornalismo. Atualmente é quase impossível estar na faculdade e assumir um emprego que tenha a ver com a profissão.

Recentemente, peguei um taxi.



- Estudo direito na São Francisco - contou-me o motorista.

- Será que você não consegue um estágio?

- Não vou conseguir sobreviver com um estágio. Depois de formado, tento entrar na área.

Para se candidatar a um emprego, o recém formado compete com levas de executivos de altíssimo gabarito, desempregados. O jovem, sem experi-

ência, literalmente dança. Um rapaz deturpa a realidade:

- Para começar, exigem experiência. Mas, se eu não começar, nunca vou ter experiência!

Tenho um amigo cirurgião plástico, em início de carreira. Trabalha como maluco, não só na área estética como na reparatória. Recentemente, montou um consultório. Quando o encontrei, não reconheci. Parecia dez anos mais velho.

- O que houve?

Confidenciou, entusiasmado:

- Deixei crescer o bigode. Por sorte, tenho uns cabelos grisalhos. Botei esses óculos, mais pesados.

Estranhei. Todo mundo quer parecer mais novo. Um cirurgião plástico não deveria ser o primeiro?

- Quando eu parecia muito novo, meu consultório andava às moscas. Os clientes não tinham confiança em mim. Pensei

bem e decidi fazer plástica ao contrário. Dou um jeito de parecer mais velho.

- Funcionou?

- Cada fio de cabelo branco é um cliente a mais no meu fichário!

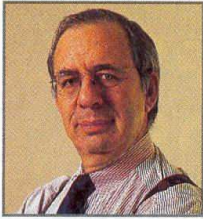
Francamente! } } jovem é obrigado a aprender o samba do crioulo doido.

Veja São Paulo, Editora Abril, 29/01/1999.

ANEXO B2 – Artigo de opinião publicado na Revista *Veja*.

**Ponto de vista**

Stephen Kanitz



## Fazer o que se gosta

**A** escolha de uma profissão é o primeiro calvário de todo adolescente. Muitos tios, pais e orientadores vocacionais acabam recomendando “fazer o que se gosta”, um conselho confuso e equivocado.

Empresas pagam a profissionais para fazer o que a comunidade acha importante ser feito, não aquilo que os funcionários gostariam de fazer, que normalmente é jogar futebol, ler um livro ou tomar chope na praia.

Seria um mundo perfeito se as coisas que queremos fazer coincidissem exatamente com o que a sociedade acha importante ser feito. Mas, aí, quem tiraria o lixo, algo necessário, mas que ninguém quer fazer?

Muitos jovens sonham trabalhar no terceiro setor porque é o que gostariam de fazer. Toda semana recebo jovens que querem trabalhar em minha consultoria num projeto social. “Quero ajudar os outros, não quero participar desse capitalismo selvagem.” Nesses casos, peço que deixem comigo os sapatos e as meias e voltem para conversar em uma semana.

É uma arrogância intelectual que se ensina nas universidades brasileiras e um insulto aos sapateiros e aos trabalhadores dizer que eles não ajudam os outros. A maioria das pessoas que ajudam os outros o faz de graça.

As coisas que realmente gosto de fazer, como jogar tênis, velejar e organizar o Prêmio Bem Eficiente, eu faço de graça. O “ócio criativo”, o sonho brasileiro de receber um salário para “fazer o que se gosta”, somente é alcançado por alguns professores felizardos de filosofia que podem ler o que gostam em tempo integral.

O que seria de nós se ninguém produzisse sapatos e meias, só porque alguns membros da sociedade só querem “fazer o que gostam”? Pediatras e obstetras atendem às 2 da manhã. Médicos e enfermeiras atendem aos sábados e domingos não porque gostam, mas porque isso tem de ser feito.

Empresas, hospitais, entidades beneficentes estão aí para fazer o que é preciso ser feito, aos sábados, domin-

gos e feriados. Eu respeito muito mais os altruístas que fazem aquilo que tem de ser feito do que os egoístas que só querem “fazer o que gostam”.

Então teremos de trabalhar em algo que odiamos, condenados a uma vida profissional chata e opressiva? Existe um final feliz. A saída para esse dilema é aprender a gostar do que você faz. E isso é mais fácil do que se pensa. Basta fazer seu trabalho com esmero, bem feito. Curta o prazer da excelência, o prazer estético da qualidade e da perfeição.

Aliás, isso não é um conselho simplesmente profissional, é um conselho de vida. Se algo vale a pena ser feito na vida, vale a pena ser bem feito. Viva com esse objetivo. Você poderá não ficar rico, mas será feliz. Provavelmente, nada lhe faltará, porque se paga melhor àqueles que fazem o trabalho bem feito do que àqueles que fazem o mínimo necessário.

Se quiser procurar algo, descubra suas habilidades naturais, que permitirão que realize seu trabalho com distinção e o colocarão à frente dos demais. Muitos profissionais odeiam o que fazem porque não se prepararam adequadamente, não estudaram o suficiente, não sabem fazer aquilo que gostam, e aí odeiam o que fazem mal feito.

Sempre fui um perfeccionista. Fiz muitas coisas chatas na vida, mas sempre fiz questão de fazê-las bem feitas. Sou até criticado por isso, porque demoro demais, vivo brigando com quem é incompetente, reescrevo estes artigos umas quarenta vezes para o desespero de meus editores, sou superexigente comigo e com os outros.

Hoje, percebo que foi esse perfeccionismo que me permitiu sobreviver à chatice da vida, que me fez gostar das coisas chatas que tenho de fazer.

Se você não gosta de seu trabalho, tente fazê-lo bem feito. Seja o melhor em sua área, destaque-se pela precisão. Você será aplaudido, valorizado, procurado, e outras portas se abrirão. Começará a ser até criativo, inventando coisa nova, e isso é um raro prazer.

Faça seu trabalho mal feito e você odiará o que faz, odiando a sua empresa, seu patrão, seus colegas, seu país e a si mesmo.

*“Se você não gosta de seu trabalho, tente fazê-lo bem feito. Seja o melhor em sua área, destaque-se pela precisão”*



Stephen Kanitz é administrador por Harvard ([www.kanitz.com.br](http://www.kanitz.com.br))



ANEXO B3 – Entrevista publicada no Jornal Radical Artigo de opinião

## A escolha do futuro

### ESCOLHA DA PROFISSÃO

*A psicóloga Eliane Arbex recusa os testes vocacionais e defende a escolha da profissão como um processo, envolvendo projeto de vida, escola e mercado. Ela é autora de Escolher a Profissão (Editora Scipione) e diretora do IAAP – Instituto de Atendimento Psicológico e Psicopedagógico de São Paulo.*

Como a senhora vê o nível de formação dos estudantes em relação à escolha da profissão?

Parece quase inexistente. Foi realizada na USP uma pesquisa que indica que 42,9% dos estudantes que ingressaram em 1991 abandonaram o curso no mesmo ano. Os motivos alegados para as escolhas dos cursos vão desde a interferência dos pais e amigos a influência de pessoas famosas. "Fernando Henrique me influenciou", disse um estudante. Por outro lado, as causas do abandono revelam que se desconheciam coisas elementares como a duração do curso, as matérias a serem estudadas e até mesmo a distância da casa até a

faculdade. Certamente estes estudantes foram preparados para um dos muitos vestibulares do país sem, entretanto, receberem o mínimo de orientação necessária.

Infelizmente não acredito que este seja um fato isolado ou que já tenha mudado.

2. Quais as profissões-armadilhas e fantasias em que incorrem os estudantes na escolha da profissão?

No campo das fantasias, o estudante desinformado de si mesmo e do mundo, sempre corre perigo na hora da escolha. Por exemplo: personagens da novela se confundem com a vida real. Ele vê um garoto do morro se tornar um publicitário extremamente bem-sucedido e acaba tomando o mito

como modelo, sem levar em conta as próprias aptitudes, interesses e habilidades e muito menos a fantasia de uma novela. Sai em busca do sucesso financeiro sem se lembrar que só consegue sucesso quem está muito bem preparado e localizado dentro do que faz.

Conhece apenas uma parte de determinada profissão e se frustra diante da realidade. Considera o objetivo da atividade como ajudar pessoas, mas se esquece de pesquisar o objeto de estudo e de trabalho. Porém, as armadilhas mais resistentes são as inconscientes. Insistir em atividades escolhidas e estimuladas na infância sem se dar a chance de opção. Confundir seus desejos com os da família, rejeitar

sumariamente uma possibilidade só para se diferenciar do pai, entre outros casos, às vezes requerem ajuda de um terapeuta.

### 3. Até que ponto cada profissão tem certa personalidade?

As profissões têm características próprias. Vão exigir e oferecer ao profissional uma gama de coisas diferentes. Nós passamos, no mínimo, um terço de nossas vidas trabalhando. Isto é como um casamento que para dar certo um não pode sucumbir ao outro. Quando trabalhamos usamos nosso corpo, nossa razão e nossos sentimentos. O trabalho, por sua vez, nos provoca sensações às vezes boas, às vezes ruins, mas só aguentamos os ossos do ofício quando a balança pesa mais do lado do prazer que conseguimos tirar de nossas atividades diárias.

### 4. O que é essencial para escolher uma profissão?

A escolha da profissão deve ser o resultado de um processo que envolve a investigação e ponderação de interesses, habilidades e valores do futuro profissional, as oportunidades do sistema de educação e as possibilidades e limites do mundo do trabalho.

Se priorizamos o interesse em detrimento das habilidades teremos um profissional que devera

desprender um constante esforço. Quando há muita habilidade e pouco interesse o resultado será um sujeito desmotivado. E se apesar de haver interesse e habilidade o mercado não for favorável, está aberto o campo para um indivíduo frustrado. Você já ouviu falar do engenheiro que virou suco? E em pessoas que atendem outras com um terrível mau humor? Tem também aquele que se mata de trabalhar e não consegue sair do lugar.

### 5. Como funciona o processo psicopedagógico? De que maneira a escola pode ajudar na escolha da profissão?

A escolha da carreira compreende informação e orientação e como tal demanda tempo, envolve razão e emoção, o que requer uma abordagem psicopedagógica.

A situação ideal seria que a Orientação Profissional estivesse inserida no currículo escolar e que, desde a mais tenra idade, as crianças pudessem discutir o tema. Afinal é visando a profissionalização que se entra na escola.

Entretanto, enquanto isso não acontece é possível minimizar o problema através de atividades lúdicas, debates e dinâmicas específicas que simulem situações reais para que os jovens vivenciem experiências que lhe permitam se perceber melhor e ampliar o

conhecimento do mundo do trabalho e da educação.

Não se fala mais em vocação como predestinação, ou coisa inata. Já se foi o tempo em que a escola podia se dar ao luxo de tratar só de preparar seus alunos para o vestibular, deixando que a "vocação" se encarregasse do resto.

Não tenho dúvidas de que esta seja uma questão educacional.

Talvez seja preciso insistir com as autoridades educacionais para que tratem deste problema com maiores cuidados uma vez que a formação do cidadão passa, necessariamente, pela questão da profissionalização, a começar por uma escolha satisfatória.

### DICAS

Encarar a escolha da profissão como um projeto de vida.

- Não acreditar em soluções mágicas. Não existem mágicas. É preciso pesquisar.

- Ampliar o nível de conhecimento para as profissões que surgiram há pouco tempo. Existem novas possibilidades que podem ser interessantes.

- Pesquisar o campo de trabalho futuro. Muita coisa pode mudar até que você se forme.

ANEXO B4 - Artigo de opinião publicado na *Folha On Line*

## ANEXO B7 – Artigos de opinião publicados na Folha de S. Paulo

### TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo  
E-mail: debates@uol.com.br

## O princípio ausente

DEMÉTRIO MAGNOLI

O DEBATE sobre a ação afirmativa tem evidenciado a fragilidade do princípio da igualdade política dos cidadãos no Brasil. O pensamento jurídico “progressista”, em particular, parece propenso a subordinar esse princípio aos direitos coletivos, sem perceber que ele é o único fundamento sólido para as políticas de inclusão social.

O sistema de cotas para ingresso nas universidades tem sido defendido com base no interesse em reduzir as desigualdades, promover a diversidade étnico-racial e combater a exclusão. Tais argumentos sustentariam políticas estruturais, como um aumento dramático de investimentos no ensino público, e também medidas de ação afirmativa, como a criação de cursos pré-vestibulares gratuitos destinados a estudantes carentes ou grupos excluídos. Mas, de modo arbitrário, prefere-se vinculá-los ao sistema de cotas, uma política específica que fere o princípio da igualdade formal dos cidadãos.



Orlando/Folha Imagem

Politicamente, os vestibulares constituem uma ilha de modernidade no oceano do patrimonialismo

*As políticas compensatórias são inconsistentes com os fundamentos do pensamento de esquerda*

brasileiro. As bancas avaliam provas de candidatos cujas identidades desconhecem, atribuindo notas baseadas no mérito acadêmico. Não existem “indicações” ou apadrinhamentos. A filiação partidária e as posturas ideológicas não interferem nos resultados. Nenhuma pressão corporativa pode aprovar ou reprovar



um candidato. Os “amigos do rei” não dispõem de vantagens: no dia do vestibular, o filho do ministro, juiz ou deputado torna-se um “plebeu”, como todos os demais.

O sistema de cotas ameaça submergir essa ilha de igualdade formal, destruindo o princípio do mérito acadêmico que regula o ingresso nas universidades. Sob o império das cotas, um branco pobre que obteve nota suficiente para ingresso pode ter sua vaga ocupada por um negro de classe média que obteve notas mais baixas. A “justificativa” da flagrante violação da igualdade entre os indivíduos é um raciocínio sobre as desigualdades entre grupos sociais, que nesse caso é impertinente, pois a ação afirmativa reiterou as vantagens conferidas pela renda. Ou, alternativamente, é um discurso sobre a “reparação” pelos anos de escravidão

do tataravô imaginário do negro de classe média, que transforma metafisicamente o branco pobre em representante dos proprietários de cativos e o negro de classe média em representante dos escravos.

A suposição de que as cotas reduzem a exclusão costuma ser esgrimida para legitimar a violação da igualdade de direitos individuais. Mas essa suposição não se sustenta. As cotas inoculam um “fator racial” na carreira dos profissionais, estigmatizando todos os negros e mulatos com a suspeita de favorecimento acadêmico e, portanto, prejudicando-os no mercado de trabalho. No fundo, as cotas reintroduzem, pela porta dos fundos, a crença racista segundo a qual existe alguma relação entre a capacidade intelectual e a cor da pele.

Martin Luther King sonhava com o dia em que as pessoas seriam julgadas pela força do seu caráter, não pela cor da sua pele. O sistema de cotas frustra esse sonho, pois divide e avalia os cidadãos em função da cor da pele. As cotas são particularmente nocivas para os negros e mulatos, pois, sob pretextos de justiça social, inscrevem o princípio discriminatório no texto legal. A experiência dos Estados Unidos evidencia a falácia do argumento de que o crescimento do número de “afrodes-

Image Library/Outras Imagens



centes” diplomados confere poder aos negros. Lá, as cotas para negros nas universidades convivem harmoniosamente com as “cotas” que os tribunais reservam para os negros pobres nas prisões e no corredor da morte.

O pensamento ultraliberal enxerga a sociedade como conjunto de consumidores. O princípio da igualdade se realiza na esfera do mercado, como direito universal ao consumo de mercadorias e à venda da força de trabalho. Foi nessa moldura que surgiram as políticas compensatórias, cuja finalidade consiste em corrigir desvios exagerados do mercado através da concessão de benefícios ou privilégios a grupos sociais específicos. As cotas constituem um elemento das políticas compensatórias e, por isso mesmo, são consistentes

com a manutenção ou o aprofundamento das desigualdades de renda.

O pensamento de esquerda enxerga a sociedade como conjunto de cidadãos. O princípio da igualdade se realiza na esfera da política, por meio de lutas sociais que geram direitos. A igualdade política e jurídica dos cidadãos é o pilar da República democrática, pois ela assegura que novos direitos adquiram caráter universal. As políticas compensatórias são inconsistentes com os fundamentos do pensamento de esquerda, pois se baseiam na negação da universalidade dos direitos.

No Brasil, o sistema de cotas foi adotado como política oficial por um governo de esquerda. O paradoxo, que sinaliza a crise do pensamento de esquerda, também tem explicação na conjuntura política. As cotas podem ser aplicadas junto com a produção de superávits fiscais cavalares, a redução

dos gastos públicos e o aumento do desemprego. Funcionam como política de resultados imediatos e servem como cortina de fumaça para esconder o “apartheid social” na escola, que decorre do desinteresse do Estado em reerguer um sistema de ensino público de qualidade.

A política de cotas tem tudo para ser aprovada. Reúne o vasto arco político que vai da esquerda sem rumo até a direita ultraliberal. As suas vítimas sociais são os pobres, de todas as cores, para os quais está reservada uma escola pública em ruína.

Demétrio Magnoli, 44, é doutor em geografia humana pela USP e editor do jornal “Mundo — Geografia e Política Internacional”.

(Folha de S. Paulo, 29/7/2003.)

ANEXO B5 – Artigo de opinião publicado em Idéias e debates: um espaço para discussão de grandes temas.



# idéias & debate

um espaço para discussão de grandes temas

política de cotas: da paixão da desigualdade e das estratégias de embrutecimento

Lemuel Guerra [1]

Ao tomar a desigualdade como ponto de partida, as políticas de cotas fazem-se servas do paradigma social que constitui os sistemas assimétricos de enquadramento social dos indivíduos, os quais pretendem, inclusive, combater. Essas políticas, que contêm um quê de reconhecimento do *retardo*, da *inferioridade* e da *incapacidade* – e aí não importa se essas são explicadas ou não por um conjunto complexo de fatores históricos, culturais, econômico, políticos – dos pobres e dos negros, inicialmente, mas logo como desdobramentos previsíveis, dos paraibanos, das mulheres, dos gays, dos índios, dos portadores de deficiências físicas e de outros agrupamentos de indivíduos em torno de características estigmatizadas, tomam a igualdade como objetivo, mas a desigualdade como pressuposto, confirmando assim o código que a justifica.

A iniciativa do estabelecimento de cotas para os *desiguais* nas universidades e em outros lugares sociais constitui-se numa encenação significativa da maneira pela qual a sociedade e o sistema educacional – se quisermos, os professores, os intelectuais, os filósofos – se simbolizam um ao outro. É atribuída tacitamente à universidade, no caso aqui focalizado, o poder de reduzir a *fratura social*, o que não deixa de contribuir para a desarticulação de eventuais responsabilizações tanto no que se refere ao nível macro-social (o referido aos projetos de sociedade executados pelos governos) quanto no nível micro-social (aquele referido aos nossos preconceitos e políticas cotidianas de convivência com os outros).

Sem querer insistir demasiadamente, mas repelindo para reforçar, se examinarmos melhor, o reconhecimento da incapacidade dos grupos que as políticas de cotas intentam *reabilitar* pode revelar nossa tese, que não se ousa dizer explicitamente, pela desigualdade entre os indivíduos, resultando em estratégias de embrutecimento das mais perigosas, na medida em que se protegem sob o poderoso véu do desejo de construção da *justiça social*, de transformação de *um mundo injusto*.

Ao representar-se como uma instituição cada vez mais encarregada de superar – ou ao menos de diminuir – a assimetria entre a igualdade proclamada e a desigualdade detectada na realidade social, a universidade e outras instituições igualmente reconhecidas podem terminar por legitimar a visão oligárquica de uma sociedade que se autoproclama benfitora dos portadores de *inteligências modestas*, de *desempenhos insuficientes*, supostamente sendo, por isso, capaz de proteger os interesses comunitários, o bem comum.



Inspirados no que nos ensinam Jacotot e Rancière, segundo os quais a igualdade é *fundamental e ausente, atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o "curso natural das coisas", assumam o risco de verificá-la*, pensemos que as estratégias de questionamento e superação de mecanismos sociais de classificação e hierarquizações injustas precisam, antes do tudo, partir da atitude de que todos são igualmente inteligentes, da crença inarredável na igualdade dos homens, não importa qual a característica escolhida para agrupá-los. Como já dissemos acima, a política de cotas, mesmo anunciando o contrário, parece indicar uma forte paixão pela desigualdade e um trabalho de luto da emancipação dos indivíduos. Quem sabe, tomarmos consciência das nossas atrações secretas pela assimetria entre os homens possa contribuir para a colonização dos espaços do nosso inconsciente coletivo, comprometido radicalmente com a reprodução das hierarquias sociais que têm favorecido pelo menos uma parte significativa daqueles que podem discutir, inclusive propondo medidas consideradas compassivas e de uma certa maneira condescendentes com os vários grupos discriminados.

Não se trata de ignorar as desigualdades existentes nas realidades concretas com as quais nos deparamos. Nossa proposta é a de que em relação à igualdade não tenhamos mesmo nenhuma ilusão, o que não significa que possamos em nenhum momento deixar de nela acreditar inabalavelmente, evitando qualquer concessão à paixão coletiva pela desigualdade, muitas vezes inconsciente, mas nem por isso menos efetiva do que aquelas que assumimos.

[1] Professor do DSA UFCG. E-mail: lenksguerra@yahoo.com

ANEXO B6 – Reportagem publicada na Folha **On Line**

# Sem apoio a aluno, reserva de vaga na universidade pode fracassar

FÁBIO TAKAHASHI  
da Folha Online

A falta de recursos dos alunos de baixa renda ameaça tornar ineficazes as propostas do Ministério da Educação de reservar vagas para a rede pública no ensino superior privado e federal. Estudos mostram que a manutenção de um estudante pode custar mais que a renda per capita exigida.

O teto exigido é de um salário mínimo per capita (atualmente R\$ 260) aos alunos que se beneficiarem da reserva nas universidades particulares. O projeto sobre as cotas nas instituições federais não faz menção à renda; é obrigatório apenas que o aluno tenha cursado todo o ensino médio na rede pública. As propostas foram enviadas ao Congresso há cerca de dez dias.

Os estudantes da Unesp (Universidade Estadual Paulista), por exemplo, gastam em média cerca de R\$ 650 por mês, de acordo com estudo feito pelo professor da universidade José Murari Bovo. O levantamento consta no livro "Impactos Econômicos e Financeiros da Unesp para os Municípios" (Editora Unesp), com dados coletados em 2002.

No cálculo estão incluídos gastos com aluguel, alimentação, transporte, material didático e lazer. Excetuando-se a verba com aluguel e lazer, o valor cai para R\$ 470 (45% acima do salário mínimo).

Consultados pela **Folha Online**, especialistas da UnB (Universidade de Brasília) e Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) avaliam que a proposta do governo pode fracassar devido aos altos custos de um aluno para se manter na universidade --tanto nas particulares como nas federais. A posição é respaldada por representantes dos estudantes.

## Projeto

O Ministério da Educação enviou ao Congresso no final do mês passado dois projetos de lei --a ideia é que entrem em vigor já neste ano. Um deles visa reservar 50% das vagas das universidades federais a alunos que tenham cursado, integralmente, o ensino médio na rede pública, política conhecida como "cotas".

O outro diz que as instituições sem fins lucrativos deverão destinar, obrigatoriamente, 20% das vagas a alunos de baixa renda que também tenham feito ensino médio público com renda per capita igual ou inferior a um salário mínimo. Já as com fins lucrativos que aderirem (o que seria optativo) devem reservar 10%, em troca de isenção de alguns impostos.

## Desempenho

Nenhum dos dois projetos apresenta menção a recursos para despesas como alimentação, transporte, livros e xerox aos possíveis beneficiados. "Sem assistência, o aluno não termina o curso", afirma o presidente da UNE, Gustavo Petta. "Se não houver a inclusão disso, as medidas ficarão insuficientes."

A Diretoria de Desenvolvimento Social da UnB fez um levantamento que mostrou que os estudantes que participam de algum tipo de programa de auxílio têm rendimento melhor que os demais em 55 dos 56 cursos --apenas em educação artística o fato não ocorreu. Os dados referem-se ao primeiro semestre de 2003.

Para a diretora do departamento, Maria do Socorro Gomes Mendes, a ajuda recebida (como desconto no restaurante da universidade, auxílio-moradia ou ajuda de custo) é fundamental para o bom desempenho desses alunos. "Para se ter efetivamente o objetivo da política de cotas, que é a inclusão social, há de se pensar em programas que garantam a permanência desses alunos da universidade", afirmou Mendes.

O coordenador de pesquisas do vestibular da Unicamp, Renato Pedrosa, concorda que muitos estudantes precisarão de apoio. A universidade tem um estudo semelhante ao da UnB, que constatou que os alunos que fizeram o ensino médio na rede pública tendem a ter um desempenho melhor que os da particular, se comparados os estudantes com notas parecidas no vestibular.

**ANEXO B7 – Artigos de opinião publicados na Folha de S. Paulo**

**Um novo José  
Josias de Souza**

|   |  |
|---|--|
| <p>-São Paulo-</p> <p>Calma José.<br/>A festa não começou,<br/>a luz não acendeu,<br/>a noite não esquentou,<br/>o Malan não amoleceu,<br/>mas se voltar a pergunta:<br/>e agora José?<br/>Diga: ora Drummond,<br/>agora Camdessus.<br/>Continua sem mulher,<br/>continua sem discurso,<br/>continua sem carinho,<br/>ainda não pode beber,<br/>ainda não pode fumar,<br/>cuspir ainda não pode,<br/>a noite ainda é fria,<br/>o dia ainda não veio,<br/>o riso ainda não veio,<br/>não veio ainda a utopia,<br/>o Malan tem miopia,<br/>mas nem tudo acabou,<br/>nem tudo fugiu,<br/>nem tudo mofou.<br/>Se voltar a pergunta:<br/>E agora José?</p> | <p>Diga: ora, Drummond, Agora FMI.</p> <p>Se você gritasse,<br/>se você gemesse,<br/>se você dormisse,<br/>se você cansasse,<br/>se você morresse...<br/>O Malan nada faria,<br/>mas já há quem faça.</p> <p>Ainda só, no escuro,<br/>qual bicho-do-mato,<br/>ainda sem teogonia,<br/>ainda sem parede nua,<br/>para se encostar,<br/>ainda sem cavalo preto,<br/>Que fuja a galope,<br/>você ainda marcha, José!<br/>Se voltar a pergunta:<br/>José, para onde?<br/>Diga: ora Drummond,<br/>por que tanta dúvida?<br/>Elementar, elementar,<br/>sigo pra Washington<br/>e, por favor, poeta,<br/>não me chame de José.<br/>Me chame Joseph.</p> |
|---|--|

Fonte: Folha de São Paulo, Caderno 1, pág. 2 – Opinião, 04/10/1999

## A eterna missão jovem: transformar utopia em realidade

Identificar uma geração pela faixa etária é, no Brasil, uma generalização que peca pela simplicidade. Tomar como ponto de referência aqueles que conseguem chegar ao Vestibular é indiscutivelmente discriminante, pois, a partir de então, a análise fica contida a uma amostra privilegiada pelas suas virtudes socioeconômicas, as quais são decisivas para a compreensão de seu comportamento social e intelectual.

Num passado não tão distante, a juventude "Anos 60" saiu às ruas para lutar contra a ditadura, adotando uma postura crítica e simbolizada pela "Jovem Guarda", através das músicas, valores e aspirações. Hoje, a classe média/alta jovem aspira a quê? Julga-se incapaz de mudanças, atribuindo a culpa da situação de miséria e corrupção do país ao governo e à elite (da qual faz parte). Se há alguma manifestação que revele seu posicionamento ideológico, dificilmente esta se dá sem interferência de algum veículo de comunicação. Possui ídolos distantes da realidade brasileira, porque elegeram os "dancings" no lugar do Chico Buarque e insistem em prestar mais atenção no caso amoroso do Bill Clinton a analisar a inserção da economia brasileira no neoliberalismo, confiada ao recalcitrante presidente FFIHCC.

A questão mais crucial, entretanto, circula entre os valores morais ao adotar-se num mundo que padece, nas várias sociedades e culturas, do individualismo e marginalização. O que dizer da juventude que, compondo seu caráter nesta fase da vida, vê-se obrigada a começar competindo e, às vezes, renunciando às suas idealizações de sociedade, explicitamente através do Vestibular, que é uma barreira social imposta, das mais segregadoras? A realidade humana que o Brasil tem, associada à globalização do consumo massificante, abala o convívio em grupo, o respeito ao semelhante e desvincula o ser humano de ação social da mão-de-obra no mercado consumidor.

A juventude pode estar carente de parâmetros, mas concentra em si a virtude inerente à condição de ser jovem: a incessante busca do novo, da experiência e da transformação. Ela continua sendo a esperança para que se vislumbre um futuro melhor. A utilização da formação acadêmica em prol da Nação promove conquistas coletivas e, no dia em que a elite intelectualizada conseguir provar as vantagens, a longo prazo, de se dar ao povo saúde, comida e educação, construir-se-ão as bases da prosperidade. E esse deve ser o ideal do jovem universitário brasileiro.



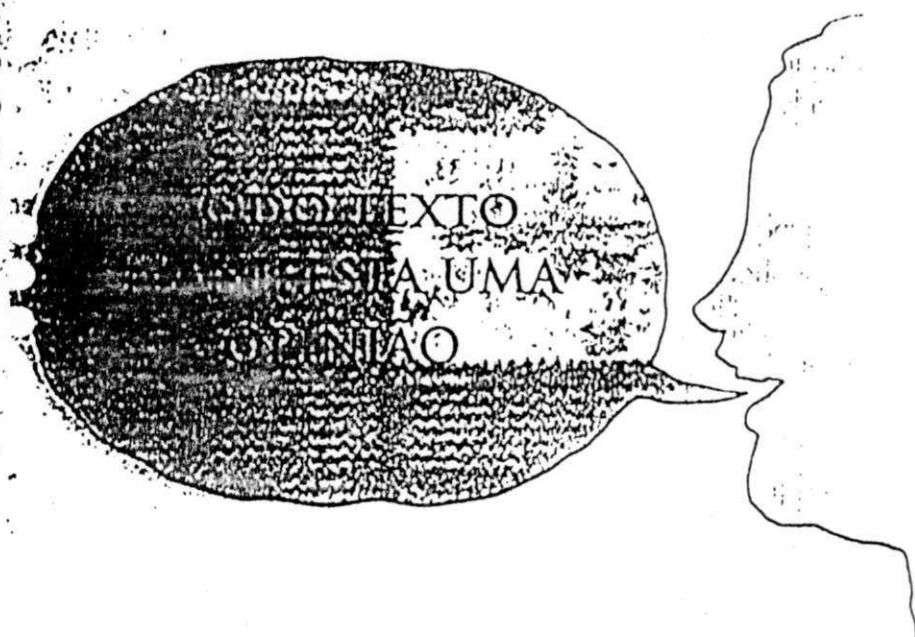
ANEXO C – Proposta de atividade de interpretação de texto de Ernani  
Terra e José de Nicola (2003)



## OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE NO TEXTO ARGUMENTATIVO

● TEXTO

*Leitura e reflexão*



O jornalismo dos anos 90 no Brasil responde a duas direções fundamentais.

De um lado, o jornalismo que resiste às exigências do mercado: a prática do jornal vem marcada pela presença do autor da reportagem, da crônica, do ensaio; pelos vãos ousados no campo da interpretação, da sensibilidade, da poesia; pelo investi-

mento em grandes trabalhos de investigação que incidem sobre a esfera social, política e moral, pela denúncia que não busca a sensação barata, a venda fácil e certa da miséria humana; enfim, um jornalismo marcado pelo exercício diário da ética e da inteligência, em que o leitor é convocado a participar ativamente dos problemas.

De outro lado, o jornalismo que responde à tendência do mercado: tal jornalismo consagra os manuais de redação e estilo na produção do jornal, os quais ambicionam apagar a presença do autor e buscam, ao máximo, a prática da assim chamada escrita "objetiva", supostamente destituída de opinião e recheada de dados estatísticos, mapas e tabelas cuja função é "facilitar a leitura" e dar sustentação aos dados reunidos no texto.

Claro que tudo isso é um grande engano. Não há e nunca houve, de fato, nenhum jornalismo

"objetivo" e "sem opinião": todo texto – jornalístico ou não – manifesta uma opinião. Até mesmo a demonstração de uma fórmula ou teorema matemático, alias, não é lida da mesma forma por dois expositores. Os caminhos escolhidos para chegar ao mesmo ponto revelam a diferença de estilo, revelam o autor.

ARBEX JR., José. *Quem escreve com as mãos? Carlos Amigos*, São Paulo, n. 25, abr. 1999, p. B-9 [adaptado].  
Apud vestibular da UFMG.

1. No primeiro parágrafo do texto, o autor afirma que, durante os anos 90, o jornalismo brasileiro esteve diante de dois caminhos distintos. Identifique esses dois caminhos e, com suas palavras, defina a principal característica de cada um.
2. Qual é a tese defendida pelo autor?
3. O fragmento apresentado é composto por quatro parágrafos.
  - a) Analise-os e comente o percurso argumentativo escolhido pelo autor.
  - b) Que expressões marcam a oposição entre as duas direções comentadas?
  - c) Qual o antecedente do pronome *isso* presente na primeira frase do quarto parágrafo?
4. Em relação às duas direções fundamentais mencionadas no primeiro parágrafo:
  - a) Com qual delas se alinha o autor?

b) Justifique sua resposta a partir da seleção vocabular e de recursos gráficos presentes nos parágrafos 2 e 3.

5. Estudamos no capítulo 4 o papel desempenhado nos textos pelos operadores argumentativos. No livro *Argumentação e linguagem*, a professora Ingedore Villça Koch comenta o papel de alguns operadores argumentativos que "introduzem, de maneira sub-reptícia, um argumento decisivo, apresentando-o a título de acréscimo ('lambuja'), como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final". Seria uma comprovação evidente, a chamada "retórica do camelo". Aponte, no último parágrafo, qual seria esse argumento decisivo e os operadores argumentativos que dão sustentação a ele.

## ANEXO D – Proposta de produção de artigo de opinião

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand.

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora: Fernanda Isabela O. Freitas

2º Ano Único Turno: Tarde

Aluno: \_\_\_\_\_

### Atividade

1) Considerando os textos lidos e as idéias debatidas em sala de aula sobre A profissionalização dos jovens no Brasil, redija um artigo de opinião, defendendo seu ponto de vista a respeito desse tema. Lembre-se que esse artigo de opinião poderá ser publicado no jornal da cidade. Apresente argumentos consistentes que dêem sustentação ao seu posicionamento.

ANEXO E – Transcrição da discussão em sala de aula sobre o artigo  
de opinião

Transcrição da discussão em sala de aula sobre o "artigo de opinião"

P: Boa tarde gente// hoje nós iremos estudar o gênero:: artigo de opinião //que nós vamos produzir para ser publicado no jornal// LEMBRAM?

A1: a senhora:: não deixa // a gente esquecer

((risos na sala))

P: Lógico:: eu só quero celebridade // já imaginaram todo a Paraíba:: saber que // um aluno da nossa escola // redigiu um artigo de opinião?

A2: Eu sou:: / chique bem ((tom irônico))

P: Vamos começar o estudo do artigo de opinião MAS antes // eu quero / fazer uma pergunta a vocês // pra vocês o: que é um ARTIGO DE OPINIÃO?

A3: Eu:: nem imagino::

A4: Já ouvi // alguém falar

A5: Parece:: que // tem na televisão

A6: Tu tá é doido:: Tá trocando as bolas? Mano::

A5: Eu / acho que é:: isso

A7: Eu acho // que tem haver // com algum texto:: que tem no jornal / porque a:: fessora falou que / vamos escrever um texto // desse // MAS eu acho:: que ninguém nunca leu um desse // Fala logo fessora::

P: calma // minha gente:: eu vou entregar / um texto a vocês / e:: nós / vamos discutir esse texto // Por favor Sueli distribua / o texto

((barulho dos alunos))

P: Silêncio:: por favor

A4: CALA DOCA // galera do serrotão

P: Quem quer ler o texto?

A3: Eu leio // fessora deixa / eu ler

P: Leia/ agora // eu quero silêncio total

((Leitura do artigo de opinião "Fazer o que se gosta", Stephen Kanitz))

P. Gostaram / do texto? O / que acharam?

A3. Eu adorei // e:: gostei muito:: desse texto // MAS para a / gente isso:: não funciona // porque ninguém aqui / quer fazer universidade fessora isso é:: sonho

((silêncio na turma))

A5: Eu gostei // Mas também acho:: que não temos / essa vida / de escolher algo::

A8: Vocês são muito pessimista // aqui no // bairro nós temos alguns alunos aqui // da escola que estão / na universidade, meu irmão / passou para geografia e:: outro passou para engenharia elétrica

A4: Isso é:: mentira / eu:: não acredito // nessa história / olhe eu / não consigo creditar num negócio desse:: é DEMAIS para // a minha bebeça

A2: eu conheço:: o irmão // dela ele / passou

P: Calma:: minha gente / vamos nos centrar / no texto:: que a Sueli // acabou de ler

A1: MEU POVO:: / vamos ficar calados

P: Vamos // nos centrar no texto? Como o // autor desse texto / inicia o texto?

A9: Ele fala // de fazer o que / gosta e não:: ficar querendo // só ganhar dinheiro

A1: Esse negócio é:: meio confuso / se eu sou pobre // eu:: tenho que querer / fazer um curso // que eu ganhe muito dinheiro

P: Isso / o autor apresenta através / de uma defesa de posicionamento / quando vocês querem sair à noite / vocês dizem que // chegam cedo:: não vão beber / vão com uma amiga de confiança // nesse texto:: o autor apresenta / os argumentos para convencer // os leitores // do que ele está / Falando

A4: todo mundo argumenta eu vivo usando argumentos para convencer do que eu digo

A2: Ah // Todo mundo:: usa argumentos

A5: E quando a gente vai rebater esses argumento como é o nome desse negócio?

P: Alguém sabe?

A5: Diz / logo fessora::

P: Ninguém sabe? Vocês rebatem / sempre os argumentos // através dos contra-argumentos

A3: Eu estou ADORANDO essa aula Fernanda // estou me empolgando / ai / ai// já:: quero / começar a escrever esse texto // Vou fechar

A4: Até parece:: que alguém dessa sala vai conseguir escrever aqui o povo só sabe fazer carta tá pensando que esse texto é fácil já viu o tamanho que ele é? Acorda Alice

P: Vamos agora analisar / a estrutura desse texto // Como esse TEXTO está estruturado::?

A1:eu não sei porque:: estou lendo um artigo de opinião Agora // acho que tem uma estrutura difícil / né?

P: Vocês / concordam com o colega::?

A2: Eu acho também difícil // MAS eu também acho:: que ele quer // que a gente pense/ como ele::.

P: E // como o autor:: pensa::?



A3: ele pensa // que os jovens devem fazer aquilo / que gostam e escolher / uma profissão pensando / no lado afetivo // e não apenas no dinheiro // num é isso Fessora::?

P: Onde está // isso no texto?

A3: A partir do terceiro parágrafo // eu acho:: que ele tenta/ fazer a gente entender / que a escolha de uma profissão:: está no:: fazer o que se gosta::

P: Como/ o autor inicia:: o artigo de opinião?

A4: Ai / ai // como é difícil esse // Tal de artigo de opinião // é longo // difícil // acho que ninguém aqui vai fazer um desses não:: professora, ninguém gosta de ler/ nessa turma // e para escrever bem é:: preciso LER

P: Será? Eu fiz um pergunta // como o autor inicia/ o artigo de opinião?

A2: Com as idéias da confusão// das pessoas escolhe r// uma profissão::

A5: Agora entendi// o autor quer que todo mundo / pense que nem ele // desse modo os políticos tenta fazer // a gente votar nele, eu vi na televisão, isso é persua//dissãoXXXX, não é isso//fessora?

P: É SIM // como o colega explicou / nesse artigo o autor tenta defender o seu ponto de vista // as suas idéias a respeito da escolha de uma profissão / se vocês tivessem que convencer alguém da importância de uma profissão:: quais os recursos de convencimento Vocês utilizariam?

P: Identifiquem / no texto / os argumentos presentes?

A1: Acho que são / essas partes do texto:: que // defendem a tese.

P: Vocês concordam?

A2: NÃO // são o que:: o autor afirma / sobre o texto // a gente XXXX isso // acho que é:: do texto expositivo // que estudamos ano passado // Isso é:: muito difícil / fessora. Isso tem no texto / Aonde? // Não consigo:: entender esse / tal de argumento::

A10: Pelo que eu entendi // os argumentos são os esqueletO do texto // eu vou aceitar o::  
ponto de vista do autor / dependendo dos argumentos apresentados

P: EXATAMENTE

A6: Nós vamos estudar // mais isso // argumento e contra-argumento? assim ninguém /  
vai poder comigo / vou me tornar um político::

A9: Todos os políticos // usam a argumentação // se nós sabe:: mais sobre isso:: que a  
fessora tá ensinando / vamos escolher // melhor os nossos políticos

P: O artigo de opinião é um texto argumentativo // e:: ele é constituído de uma tese que é  
o que você vai / defender os argumentos // os contra-argumentos // e:: por fim tem uma  
conclusão em que:: você vai reafirmar a tese

A1: Nós vamos // ter de aprender / bem para escrever tudo:: isso? Ai:: meu Deus do céu

((Toque))

ANEXO F – Transcrição da entrevista com os editores-chefes dos  
Jornais

Transcrição da entrevista com o editor-chefe do Jornal da Paraíba

P: Bom dia.: senhor Bastos / editor-chefe / do Jornal da Paraíba iremos / fazer algumas indagações a respeito do gênero jornalístico artigo de opinião que é publicado diariamente no Jornal da Paraíba Vamos iniciar a nossa entrevista fazendo a seguinte indagação Como/ se configura o artigo de opinião?

E1: é um texto formal //um.: que deve ter uma introdução/com as idéias principais um desenvolvimento com os argumentos // que Você quer defender / ah // deve ser escrito por um articulista:uma pessoa de respaldo / ou um especialista de alguma área do conhecimento // e.: por fim uma conclusão que reafirme // o que você defendeu

P: O senhor considera esse texto (artigo de opinião do aluno 3) como.: um.:artigo de opinião? Ele está adequado aos critérios de publicação / determinados pelo jornal?

E1: COM CERTEZA / está dentro da estrutura que o jornal determina / apresenta.: uma introdução que inicialmente defende / UM.: ponto de vista. Em seguida // apresenta os argumentos e.: conclui / Esse texto/ realmente foi redigido por / um aluno da Escola Pública? Ele está muito bom// parece que.: o aluno Leu bastante// Não tenho a menor dúvida/ de que// esse texto está adequado aos padrões editoriais do nosso jornal

P: Pra se redigir / um bom artigo de opinião // quais seriam os elementos estruturais / cruciais?

E1: O Bom artigo de opinião / deve ter argumentos fortes / que chamem / a atenção do leitor // o nosso critério de seleção.: no nosso Jornal tem que.: apresentar argumentos fortes / os baseados em provas concretas ou.: sob a voz de um // especialista de.: uma pesquisa séria

P: Qual a influência dos / operadores argumentativos no.: artigo de opinião?

E1: não:: me recordo direito / mas acho:: que seja // os elementos que ligam as orações /  
ao escrever / eu uso:: para argumentar // Perdoe-me / MAS / Agora temos que:: encerrar  
a / entrevista // porque tenho que:: encerrar algumas matérias / para a edição do jornal /  
de amanhã

P. Muito obrigada:: pela atenção disponibilizada

Transcrição da entrevista com o editor chefe do Correio da Paraíba

P: Bom dia:: senhor Carlos Magno / editor-chefe / do Jornal Correio da Paraíba iremos / fazer algumas indagações a respeito do gênero jornalístico artigo de opinião que é publicado diariamente no Correio da Paraíba // Vamos iniciar / a nossa entrevista fazendo a seguinte indagação:: Como/ se configura o artigo de opinião?

E2: é um:: texto que // um especialista vinculado ao Jornal defende seu ponto de vista // a respeito de determinado tema / que / às vezes é:: um pouco polêmico / ah // .também pode ser aberto para pessoas da comunidade // vem num espaço:: destinado a opinião // Eu redijo:: começando pela apresentação das idéias / que vou defender / faço a argumentação e:: a:: contra-argumentação // .depois eu concludo a minha idéia para convencer o meu leitor// é:: um texto difícil de se fazer / Você tem / que dominar o assunto / que você tá escrevendo

P: Pra se redigir / um bom artigo de opinião // quais seriam os elementos estruturais / cruciais?

E2: No Correio da Paraíba / temos articulistas especialista:: em algumas áreas já:: para não haver problemas com a estrutura // do artigo de opinião / principalmente com o seu esqueleto e:: a sua vértebra principal // são os argumentos // principalmente os com comprovação científica / ou:: baseados em autoridades de renome estadual ou:: nacional // Por isso / não corremos / o risco de Publicarmos artigos de opinião / baseados no que todo / mundo já sabe // e:: vive reproduzindo

P: Qual a influência dos / operadores argumentativos no:: artigo de opinião?

E2: Acho:: que sejam // os elementos relacionados // na:: conexão // entre as orações / como os conectivos // eu:: li isso / recentemente:: num / manual de redação::

P: O senhor considera esse texto (artigo de opinião do aluna Aline) como:: um::artigo de opinião? Ele está adequado aos critérios de publicação / determinados pelo jornal?

E2: EVIDENTEMENTE // apresenta todos os elementos estruturais / fico orgulhoso pelo trabalho desenvolvido:: já que terminei / os meus estudos em escola pública // nessa mesma escola o:: Assis // e não tínhamos estímulos / como este / que eles estão tendo // A universidade e:: os professores da UFCG / estão de parabéns / pelo maravilhoso trabalho // principalmente você / que está participando / ativamente desse trabalho / para nós é:: prazer está inserido neste projeto / Mas agora estou / com uma reunião marcada com os jornalistas / para fecharmos as matérias / para:: a edição de amanhã // Perdoe-me ((risos))

P: CLARO // Muito obrigada:: /pela atenção

4 PARAÍBA, QUINTA-FEIRA, 1º DE JUNHO DE 2006

CIDADES

JORNAL DA PARAÍBA

---

**JP Debate**  
Uma linha direta com a coluna: jpd debate@jpbonline.com.br

**Patrício Silva\***

**SONHO OU REALIDADE?**

No Brasil, as oportunidades de emprego estão muito limitadas, provenientes da mecanização das empresas. Buscar a profissionalização se tornou uma necessidade constante, pois sem a mesma não teremos possibilidade de ingressarmos e nos mantermos no mercado de trabalho.

Nesse sentido, a sociedade contemporânea apresenta uma das categorias mais desfavorecidas: são os jovens de classe média baixa, que iniciam uma vida profissional sem estrutura e qualificação. Um dos primeiros obstáculos com o qual o jovem se depara é a escolha de sua profissão e a exigência de experiência. Muitos pais e orientadores vocacionais acabam sugerindo "fazer o que se gosta", um conselho confuso e, às vezes, equivocado. Seria um mundo perfeito se as coisas que queremos fazer coincidisse exatamente com o que a sociedade acha importante ser feito.

Stephen Kanitz, articulista da Revista Veja, afirma que "Se quiser procurar algo, descubra suas habilidades naturais, que permitirão que realize seu trabalho com distinção e o colocarão à frente dos demais". Assim, a escolha da profissão deve ser o resultado de um processo que envolve habilidades e motivação, em detrimento do interesse apenas financeiro. Entretanto, aos jovens carentes não é dado o direito de sonhar, e sim parar de sonhar e pensar na sobrevivência, exercendo profissões de babá, faxineira e office-boy.

O projeto do Ministério da Educação de estabelecer cotas, política que visa instituir em todas as instituições federais a reserva de 50% das vagas aos estudantes que cursam todo o Ensino Médio em escolas públicas, durante dez anos, sem os devidos investimentos, essa reserva de vaga na universidade não poderá ser posta em prática, devido aos altos custos de um aluno para se manter na universidade, tantos nas particulares como nas federais.

De acordo com Gustavo Petta, presidente da UNE, "Se não houver a inclusão de recursos para despesas com alimentação, transporte, livros e xerox aos possíveis beneficiados, as medidas ficarão insuficientes". Essa é uma medida paliativa, que contém um quê de reconhecimento de retardado, da inferioridade e de incapacidade para os desiguais nas universidades. O sistema de cotas para os alunos das escolas públicas foi defendido com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais e está criando um abismo, porque esses alunos se sentem inferiorizados.

Os estudantes das escolas públicas são igualmente inteligentes aos das escolas privadas e não podem ficar dependentes das políticas de cotas, para construir seu futuro profissional, como afirma Demétrio Magnoli, editor do jornal Mundo – geografia e política internacional". No fundo, as cotas reintroduzem, pela porta dos fundos, a crença racista segundo a qual existe alguma relação entre a capacidade intelectual e a condição social de um indivíduo ou a cor da pele".

Desde que se melhore o sistema de ensino público da educação básica a universitária com professores valorizados e preparados, capazes de preparar seus alunos para questionar, poderemos ter profissionais de todas as classes sociais, confirmando o princípio de que todos têm direitos iguais.

Logo, esperamos que nosso poder executivo crie medidas que modifiquem essa carência no quadro educacional e profissional do nosso país e que seja dado aos nossos jovens de escolas públicas a oportunidade de escolher uma profissão e lutar por ela, vendo seus sonhos se transformarem em realidade.

\* Estudante

**REVOLTA/ José Borges havia denunciado assaltos a agricultores**

## Líder de assentamento é executado em Pitimbu

**FERNANDO IVO**

O líder comunitário do assentamento Nova Vida, localizado em Pitimbu, Litoral Sul, distante 71 km de João Pessoa, José Borges de Sousa, foi executado a tiros na noite da terça-feira passada. Ele havia denunciado um esquema de tráfico de drogas, armas e de roubo a agricultores nos loteamentos da região. O homicídio causou revolta nos moradores que se dizem amedrontados com a ameaça de novas execuções.

As Polícias Militar e Civil montaram um esquema reforçado na região para a captura dos suspeitos, que já tiveram os nomes identificados. A Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social enviou agentes do Serviço de Inteligência para a área. Testemunhas foram ouvidas e o retrato falado de um dos acusados foi descrito. Uma das armas usadas no crime já foi apreendida.

A coordenadora da Comissão da Pastoral da Terra (CPT), Tânia Maria de Sousa, disse que irá reunir os outros cinco líderes de assentamentos da região para discutir o crime e pedir providências à SSP. Tânia afirmou que, em janeiro, outro agricultor, também líder local, foi assassinado e um clima de medo e insegurança tomou conta dos agricultores. "Na época, falamos com a delegacia local e a secretaria. Um dos integrantes de uma quadrilha foi preso. Infelizmente, a onda de insegurança voltou", destacou.

José Borges, conhecido por 'Dedinha', vinha denunciando uma seqüência de roubos a agricultores que adquiriram empréstimos bancários e que, ao chegarem em casa, eram roubados pela quadrilha. Ele alertou ainda para o tráfico de drogas na região, a existência de bocas-de-fumo e o repasse de armas e veículos roubados. Borges havia prestado queixa há 15 dias na delegacia de Pitimbu sobre as ameaças de morte que vinha recebendo.

**FERNANDO IVO**

Cinco pessoas renderam um vigia, tomaram a arma dele e o executaram em meio ao mercado público de Juripiranga, distante 90 km de João Pessoa. Fernando Rodrigues de Moura foi morto por volta das 14 horas, da última terça-feira, em meio a moradores e comerciantes. Dois dos acusados foram presos e enviados para a cidade de Itabaiana, devido às ameaças de linchamento da população contra eles.

O vigilante trabalhava no mercado quando cinco homens chegaram no lugar tentando brigar com ele, conhecido também por 'Branco'. Um deles, Ulisses Selton Abel de Melo, teria imobilizado a vítima pelas costas e o outro suspeito, Salomão José da Silva, tomou a arma. 'Branco' conseguiu se soltar e correr. Um jovem de 17 anos e dois homens conhecidos por 'Ratinho' e 'Cleiton' também são acusados de envolvimento no crime.

Na confusão, os acusados dispararam vários tiros ainda dentro do mercado. Uma das balas feriu o menor. Outros dois tiros atingiram as costas de Fernando. O vigilante sofreu outros dois tiros na cabeça e teve morte imediata. Os acusados saíram em fuga pela cidade. A polícia foi acionada e, em buscas feitas na cidade, conseguiram deter o adolescente e Salomão da Silva.

---

**Agricultor foi abordado na rua**

O agricultor estava em casa com a mulher e o filho de 15 anos quando, por volta das 19h30, saiu para uma reunião na escola do assentamento. Antes, no entanto, ele passou em um bar onde pediu um cigarro e continuou caminhando. Menos de 10 metros do bar, ele foi abordado por três homens armados que começaram a disparar. O agricultor tentou fugir, mas foi atingido por dois tiros nas costas e caiu.

O trio se aproximou e disparou um outro tiro na nuca de José Borges. Policiais que passavam nas imediações escutaram os tiros e

foram até o local, onde viram apenas três homens que fugiam a pé com destinos diferentes. Os agentes tentaram socorrer o líder comunitário, porém, ele já estava sem vida, do lado do corpo havia apenas um revólver calibre 38, que foi enviado para perícia no Instituto Médico Legal, em João Pessoa.

Rondas foram feitas na cidade e um reforço da 22ª Companhia de Polícia foi chamado. Momentos antes do crime, outros dois homens passaram na casa do agricultor em busca de informações do destino dele. Desconfiada, a esposa de José

Borges repassou informações erradas, enquanto ela e o filho eram ameaçados com um revólver. Segundo o agente da Delegacia de Pitimbu, Adelson Leite, os acusados foram identificados como sendo Edvan Antero Fidelis, Geovane Araújo da Silva, Josivaldo Firmino da Silva, conhecidos também por 'Pé de Lã', 'Caraca' e 'Nado'. Leite declarou que o trio é acusado de vários crimes, a exemplo de estufos, roubo de carros, assaltos e tráfico de drogas. O agente reforçou o empenho da polícia no esclarecimento do caso e na busca dos acusados. (FI)



zonizante ou mesmo na condição de lente da crônica nati- Um obituário que, ente, não se confirmou. ratava-se, porém, de um gênero de fatalidade. ra a autoridade judici- rovocada por interesse lista contrariado e não ido, determinando a a de um "piano Fritz t, cor marrom, imbuia, nquinho, em perfeito de conservação...e ando."

se "e funcionando" e mais me doeu na foro. O distinto uário que compôs a m certeza, desafiou. r explicado: "...e

ias, uma nota de foro

ue foro estão ali para dar recados sem dó nem piedade. É a lei.

sabendo também que o Autor da ação pretendia ver os seus direitos resgatados, levando a hasta pública o pobre instrumento, quem sabe, quase centenário, ignorando, porém, que um piano é muito mais do que um parente remoto do cravo ou um primo distante do clavicórdio dos tempos de Bach e de Vivaldi, capaz de se sujeitar a avaliações da pecúnia.

Diz o Código de Processo que as execuções serão garantidas "por tantos bens quantos bastem" à satisfação das

quantos bastem" ao pagamento de uma dívida qualquer. Até porque emoções não pagam dívidas.

É o caso desse piano, descrito em nota de foro que anuncia um leilão incapaz de se tocar para o bem maior guardado naquela caixa de imbuia, em perfeito estado de conservação... e funcionando".

Eu, se fosse Juiz, mandava sustar aquela malferida nota, decretando também, na melhor forma de Direito e de justiça, que ficava suspenso liminarmente todo e qualquer procedimento executório contra as sinfonias inacabadas na vida em geral e os pianos solitários em particular.

Especialmente os de "cor marrom, imbuia, com banquinho, em perfeito estado de conservação... e funcionando."

## F. Pereira Nóbrega

### Viva o verde

ero olhar de perto a é minha, onde nasci, e tenho os pés, onde o coração. Quero ologicamente, a Começo por onde ela onde a terra encontra

o dezenas de praias, rgens da modernida- nectas do contato demidade, destrói emas. Há também es - algumas ara o Meio Ambien- to menos por omis- m a destruir a

ão barracas onde n coqueiras. Elas m, poluídas e margem da lei. tários, o mar

fossas na areia, sem qualquer resguardo técnico, ou legal. Disso, as praias mais nobres começam a ser exceção.

Há tantos órgãos para a proteção da natureza que a gente nem sabe onde pedir providências. Comece por qualquer um, ou nem sequer comece, que o resultado é o mesmo. Existe a Câmara dos Vereadores. Ali se apresen- tam projetos, disciplinando o problema. Algum foi aprovado?

**São 6 órgãos de plantão, para que o meio ambiente não seja poluído.**

cabe emitir concessões, impedir barracas. A Capitania dos Portos responde por cada pedaço de chão onde a terra encontra o mar. Temos, estadual, uma Sudema, e federal, o Ibama. Temos ainda um denominado Gerenciador Costeiro.

São 6 órgãos de plantão, para que o meio ambiente não seja poluído. Já que a gente não entende como não se preserva a ordem ecológica, é interessante se entender como se organiza a desorganização.

Heróis da resistência verde, repetidamente, encaminham a mesma queixa a todos esses órgãos do Executivo e nenhuma resposta se lhes dá.

A impressão fica de que,

**NO AR...** A política é mesmo uma caixinha de surpresa. A Assembleia Legislativa deve dar, nos próximos dias, mais uma prova disso.

## Germano Romero

### Marcas e cinzas

Vi a Cracóvia! Ah, Cracóvia... Vi as ilhas gregas, rochas de todo tamanho, que surgem do mar coroadas com gente simpática, céu e mar azuis. Vi o Parthenon, imponente, no alto da Acrópole, fincado como bandeira em homenagem aos homens que pensam.

Vi os restos imortais das colunas que até hoje inspiram a beleza do mundo. Os capitéis, os frontões, os pilares da eternidade... Vi o pelicano caminhando sorridente entre casinhas brancas de janelas azuis. Quanta poesia. O mar bravto, sem pena do frio, com o vento impune a soprar na gente.

E a baía de Mikonos?, suas casas lavadas de sol e sal. E as centenas de igrejas, sinagogas, testamento da fé cristã? Ah, Jesus!, com que força influenciais esse mundo... Que responsabilidade tão grande tendes com essas "ovelhas", hoje de muitos pastores.

Vi a casa de Chopin! Sim, a casa de Chopin. De quem, com apenas 12 anos, eu comprava Noturnos e Mazurkas, para ouvir na vitrola portátil, presente de natal... A casa, um paraíso perto de Varsóvia, pequeno palácio encravado em uma paisagem tão assustadoramen-

## Do leitor

### Jovens e profissão

ALINE SILVA FREITAS

quintal, ainda conta a estória de seus rubatos. Cheguei a pensar: num lugar como esse, a arte chega mais fácil, pode ser escrita com os olhos. Benditos olhos, que puderam espisar o quintal de Chopin, da mesma janela que ele via a música chegar-lhe ao coração. O coração que a Polónia não quis dar à França.

Sim... vi o Sena entrar no mar, ao lado de Honfleur e Le Havre, trazendo o cheiro da Notre Dame, fiel vizinha. O Sena, que antes de ganhar a praia, faz reverência a uma das maiores obras humanas deste mundo: A Ponte da Normandia. Uma ponte de quem ele se despede para ganhar a liberdade e a fraternidade do canal La Manche, que lhe estende as mãos na volta ao Atlântico.

Vi Rouen... cidade em que as marcas das cinzas de Joanna D'Arc ainda lhe queimam a memória. A Santa que já foi "diabo", hoje reverenciada com eloquência, ainda não perdeu a tristeza de suas lembranças.

Mas, também revi Paris!, eterno berço da beleza feita pelas mãos de Deus e dos homens. Ouvi o órgão da Notre Dame... que, com a grandiosa sonoridade tirou-me

O jovem brasileiro está cercado de diversos problemas e um deles é a sua profissionalização. Por que será tão difícil conseguir uma formação acadêmica? Será que existem meios fáceis de termos uma profissionalização? Qual será a provável razão de existir tantas dificuldades?

Para que os jovens consigam uma formação de nível superior enfrentarão diversos problemas, como por exemplo: a falta de oportunidade para ingressar na faculdade, a carência de recursos que é assistadora e a falta de apoio por parte dos líderes e governantes, que só fazem falar que vão mudar essa situação, e quando fazem alguma coisa, colocam no caminho várias exigências que dificultam ainda mais a vida dos estudantes.

Neste século, é praticamente impossível ter um curso superior, sem enfrentar todos esses problemas e outros que aparecem constantemente. Para podermos crescer e ter uma profissão temos que passar por tudo isso e muito mais. A provável razão de tudo isso é a desigualdade social que vem crescendo absurdamente, sem expectativa de que vai acabar e com receios de que continue crescendo cada vez mais sem parar.

Nós estudantes devemos tentar mudar essa situação, para podermos ter um futuro de oportunidades e de grandes acontecimentos. Como já afirma o professor Le-muel Guerra "Não se trata de ignorar as desigualdades existentes nas realidades concretas com as quais nos deparamos" e sim enfrentá-las para